

MARIA JORGE DOS SANTOS LEITE

**CONCEIÇÃO DAS CRIOULAS: terra, mulher e identidade étnica no Sertão de
Pernambuco**

MESTRADO EM SOCIOLOGIA

Universidade Federal do Ceará

Fortaleza
2001

MARIA JORGE DOS SANTOS LEITE

**CONCEIÇÃO DAS CRIOULAS: terra, mulher e identidade étnica no Sertão de
Pernambuco**

MESTRADO EM SOCIOLOGIA

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal do Ceará, como exigência parcial, para a obtenção do título de Mestre em Sociologia, sob a orientação da professora doutora Maria Sulamita de Almeida Vieira

Universidade Federal do Ceará
Universidade Regional do Cariri
Fortaleza
2001

PÁGINA DE AVALIAÇÃO

CONCEIÇÃO DAS CRIOULAS: terra, mulher e identidade étnica no Sertão de Pernambuco

Mestrado em Sociologia

MARIA JORGE DOS SANTOS LEITE

Dissertação aprovada em _____/_____/_____

Banca Examinadora:

Professor doutor Eurípedes Antônio Funes (UFC)

Professora doutora Maria Lina Leão Teixeira (UFRJ)

Professora doutora Maria Sulamita de Almeida Vieira (UFC)
orientadora

RESUMO

O presente trabalho aborda um movimento organizado pela comunidade de Conceição das Crioulas, localizada no município de Salgueiro, sertão central de Pernambuco.

Trata-se de um grupo de remanescentes de quilombo cujas origens, segundo a tradição local, remonta ao final do século XVIII/início do XIX, e têm como referência central a aquisição e posse daquelas terras por seis crioulas.

A luta dessa comunidade, nos últimos dez anos, tem girado em torno do direito à terra, tradicionalmente ocupada pelos seus antepassados, descendentes dessas primeiras crioulas. Dentro dessa luta, vem se processando, simultaneamente, a construção de uma identidade étnica e cultural. Na liderança desse movimento, destaca-se a participação da mulher negra.

Esta dissertação é o resultado de uma pesquisa de campo realizada em Conceição das Crioulas, entre janeiro do ano 2000 e abril de 2001. Nesse período, me desloquei à área por diversas vezes, oportunidades em que efetuei uma série de entrevistas com as diversas categorias sociais ali identificadas: “negros”, “morenos”, “caboclos”, “índios” e “brancos” e “fazendeiros”. Ao mesmo tempo, fiz o registro de um conjunto valioso de observações, a partir dos contatos que mantive com essas pessoas, quer no convívio do dia-a-dia com as famílias e alguns indivíduos em particular, quer através da participação de encontros organizados pelas lideranças negras.

As entrevistas revelaram a presença de hostilidades, com maior ou menor intensidade, nas relações entre “remanescentes” e “não-remanescentes”. Assim, visualizam-se, principalmente: de um lado, os “negros” e “morenos”, camponeses, que reivindicam para si a terra herdada das seis crioulas, e, ao mesmo tempo, procuram ressaltar diferenças que lhes conferem uma distintividade ou os opõem aos demais; e, do outro lado, aqueles denominados “brancos” ou “fazendeiros”, que, historicamente, têm enfrentado os primeiros na disputa pela terra, da qual se dizem proprietários.

ÍNDICE

INTRODUÇÃO.....	1
O PROCESSO DE ESCOLHA DO TEMA E A PESQUISA.....	5
1. CONCEIÇÃO DAS CRIOULAS: O ESPAÇO FÍSICO, A HISTÓRIA E AS FORMAS DE INTERAÇÃO.....	16
1.1. TERRAS DE REMANESCENTES: MITO E HISTÓRIA.....	16
1.2. LUGARES DE MEMÓRIAS.....	27
1.3. UMA REDE DE INTERAÇÕES.....	38
1.4. TRABALHO E VIDA ECONÔMICA.....	40
1.5. ORGANIZAÇÃO SOCIAL E POLÍTICA EM CONCEIÇÃO DAS CRIOULAS.....	45
2. A LUTA PELA TERRA E O DESPERTAR DA NEGRITUDE.....	55
2.1. GRUPO ÉTNICO: CATEGORIAS DE IDENTIFICAÇÃO.....	55
2.2. O DESPERTAR DA NEGRITUDE.....	63
2.3. MEMÓRIA E RELIGIOSIDADE EM CONCEIÇÃO DAS CRIOULAS.....	72
2.4. LUTA PELA TERRA: UMA HISTÓRIA DE MULHERES.....	83
3. A LUTA PELA TERRA E OS CONFLITOS SOCIAIS.....	88
3.1. TERRA DAS CRIOULAS: PATRIMÔNIO DOS NEGROS.....	88
3.2. A TERRA E OS CONFLITOS SOCIAIS.....	100
3.3. SITUAÇÃO ATUAL DA POSSE DAS TERRAS.....	111

CONSIDERAÇÕES FINAIS.....115

BIBLIOGRAFIA.....117

ANEXOS

MAPA 1

MAPA 2

MAPA 3

INTRODUÇÃO

A história da resistência negra encontra lugar em diferentes localidades do país e tem sido estudada por vários pesquisadores.

Os quilombos foram a principal forma de organização dos negros contra a escravidão, e a sua dimensão política ainda se reflete nitidamente na sociedade atual.

Dos locais onde se constituíram os quilombos, das terras conquistadas, terras doadas ou obtidas em pagamento de prestação de serviço ao Estado, como também das terras compradas ou da simples ocupação de áreas devolutas, em diferentes momentos da história nacional, originaram-se as terras de preto ou terras de remanescentes de quilombos. Em vários desses locais, hoje, populações negras organizam movimentos sociais expressos na luta pela terra e na busca da construção de uma identidade étnica.

A rigor, esses movimentos se constituem numa temática que, à primeira vista, claramente interessa à história e às ciências sociais de um modo geral. Porém, são relativamente recentes os trabalhos acadêmicos voltados ao assunto, de modo que se pode mesmo falar da existência de uma espécie de lacuna, no tocante às pesquisas sobre as formas de organização social e política dos negros libertos, no período mais imediato pós-abolição, assim como sobre o que ainda resta, hoje, dessas experiências. Ao fazer estas afirmativas, obviamente, não estou negando toda uma produção acerca da escravidão e da resistência negra no Brasil.

Apesar dos estudos sobre o movimento quilombola apontarem a existência de quilombos ou de grupos negros organizados em diversas regiões do país, percebem-se deficiências quanto aos registros histórico e social desses grupos.

Baiocchi (in: Medeiros e Albuquerque, 1997: 4) destaca a importância dos quilombos, salientando que na história brasileira apenas dois movimentos sociais estenderam-se por todo o território nacional, e tornaram-se permanentes: o movimento pela Independência do Brasil – antecedendo, portanto, 1822 – e o movimento quilombola, surgido no século XVII e extinto no final do século XIX com a abolição da escravatura. Para a autora, o quilombo, como forma de organização sócio-política, tornou-se o mais longo fato histórico, com duração de 258 anos.

A Constituição Federal de 1988 abriu uma possibilidade jurídica para se fazer uma importante "reparação" na História. Dois capítulos são dedicados à questão dos quilombos. No parágrafo 5º do artigo 216 determina: *ficam tombados todos os documentos e sítios detentores de reminiscências históricas dos antigos quilombos.*

Já no artigo 68 do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias está escrito: *Aos remanescentes das comunidades dos quilombos que estejam ocupando suas terras é reconhecida a propriedade definitiva, devendo o Estado emitir-lhes os títulos respectivos.*

Os milhares de descendentes dos quilombolas, lesados por preconceitos de ordem étnica e social, vivem há mais de um século conflitos com a sociedade circundante. Hoje, os avanços e conquistas em diversos setores da sociedade brasileira, especificamente no Movimento Negro, trouxeram mudanças significativas, também na lei, garantindo maior participação dos negros em diversas instâncias da sociedade. Ressalte-se, no entanto, que essa participação não se constitui numa realidade e, sim, continua sendo, ainda, sonho para a grande maioria dos negros brasileiros; porém, a Constituição referida tem significado um instrumento jurídico importantíssimo no qual se apóiam, sobretudo aqueles grupos organizados, para levar em frente as suas lutas específicas.

Eurípedes Antônio Funes, professor da Universidade Federal do Ceará (UFC), com trabalho publicado sobre escravidão no Brasil, e, nos últimos dez anos, pesquisador da história dos quilombos, observa que há uma historiografia significativa sobre escravidão e abolição: *no entanto, percebe-se uma retração no tocante a temas relacionados a quilombos, e uma lacuna no que se refere ao liberto enquanto ator do processo histórico pós-abolição* (Funes, 1995: 23).

Bartolomeu Figueirôa de Medeiros e Mabel Ann Black de Albuquerque, professores da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) e pesquisadores da cultura afro-brasileira, acrescentam, ainda, que

(...) é vasta a bibliografia sobre o negro em quadros urbanos brasileiros que tem se preocupado em analisar fenômenos como mobilidade, detenção de status, competição, reconstituição histórica, entre outros aspectos. No entanto, a etnografia sobre o negro em

condições de vida rural tem se ampliado, mas, ainda são poucos os estudos comparativos da organização social do negro neste meio (Medeiros e Albuquerque, 1997: 5).

Em Pernambuco, são poucos os registros históricos e sociais das comunidades quilombolas do Agreste e do Sertão. Enquanto que, os estudos aprofundados de sua organização política, formas de vida, bem como do que restou de suas manifestações culturais, são quase inexistentes.

A Fundação Cultural Palmares identificou, em Pernambuco, sete comunidades supostamente remanescentes de quilombos. São elas: Livramento, no município de Triunfo; Gado Brabo e Serrote, no município de Capoeiras; Castainho e Timbó em Garanhuns; e Conceição e Conceição das Crioulas, no município de Salgueiro, sendo que as duas últimas já foram oficialmente reconhecidas como remanescentes de quilombos. Além dessas, as comunidades de Caloête, no município de Garanhuns; Contendas, no município de Salgueiro; e Guaribas, em Bezerros, estão iniciando essa discussão.

Neste trabalho, minhas preocupações estão voltadas para a compreensão do sistema de organização dos movimentos sociais que envolvem a luta pela terra e a chamada questão étnica. Nesses termos, analiso o movimento levado a efeito por habitantes de Conceição das Crioulas, que buscam reconquistar uma terra da qual se julgam legítimos donos, e, dentro dele, o processo de construção de uma identidade negra, por esse grupo. Ao mesmo tempo, aponto para articulações entre essas duas dimensões, no plano interno e, ainda, entre este e o Movimento Negro na sua forma mais ampla. Conceição das Crioulas localiza-se no município de Salgueiro, Sertão Central de Pernambuco e os integrantes desse movimento, ali, se constituem, hoje, numa comunidade.

Entendo por comunidade um conjunto de indivíduos que partilham um território geográfico e algum grau de interdependência, o que lhes proporciona a razão para viverem na mesma área. Acrescento, ainda, a idéia segundo a qual a noção de comunidade inclui um sentimento muito forte de pertencimento e compromisso mútuo, baseado em uma herança cultural, compartilhada em vários aspectos. Ademais, a vida em comunidade pressupõe, também, experiência em comum e acentuada interdependência. É nesta perspectiva, portanto, que uso o termo comunidade, para me referir aos habitantes de Conceição das

Crioulas, que não só ocupam o mesmo espaço físico, mas, também, participam da construção coletiva de uma mesma história e de uma mesma luta.

Geograficamente, denomina-se Conceição das Crioulas toda uma área que se estende pela vila do mesmo nome, e mais dezesseis localidades, genericamente chamadas de "sítios". Cada um desses locais, com seus agrupamentos sociais respectivos, recebe o seu nome e por ele é conhecido no plano local.

Toda essa área, de acordo com mapeamento e relatório feitos pela Fundação Cultural Palmares, em 1998, foi considerada *terra de remanescentes de quilombos* e, reconhecida como tal em 11 de setembro de 1998. Ali habitam 3.552 (três mil quinhentos e cinquenta e duas) pessoas.

A grande maioria dessa população se identifica e é identificada pelos "outros" como **morenos** ou **crioulos** e, mais recentemente, também como **negros** remanescentes de quilombos. Encontram-se, ainda, na população referida, habitantes que não se incluem na categoria "remanescentes". Dentre estes, há os que se identificam e são identificados pelos negros ou morenos como **brancos** e há, outros que se identificam e são identificados como **índios** (para alguns, "descendentes de índios")¹.

Têm-se, assim, dois grupos claramente distintos: o dos **remanescentes** e o dos **não-remanescentes**. A noção de comunidade, aqui, associa-se aos remanescentes. No que concerne à dinâmica social, pode-se falar de oposição clara entre "remanescentes" e "não-remanescentes-brancos". Ou seja, entre estas duas categorias, têm-se estabelecido, historicamente, relações de tensão mais acentuadas, tendo como móvel principal a disputa pela terra. Nestes termos, portanto, na tradição local, os primeiros associam-se às denominações de "morenos", "crioulos" e "negros" e, aos segundos, associa-se a denominação de "brancos".

O PROCESSO DE ESCOLHA DO TEMA E A PESQUISA

¹ Por ocasião do I Congresso de Negros e Negras Quilombolas em Conceição das Crioulas, realizado em fevereiro do ano 2000, chamaram-me a atenção alguns depoimentos de participantes, identificados como "índios", segundo os quais "índio e negro [aqui] é uma mistura só". Durante a pesquisa, no entanto, na medida em que fui conhecendo melhor a o modo de vida daquela população, encontrei evidências que negam essa idéia de "mistura", conforme se pode observar ao longo deste trabalho.

Ao ingressar no mestrado de Sociologia, minha pretensão era trabalhar com algo relacionado aos movimentos sociais de luta pela terra. Àquela altura, tendo já algum conhecimento da existência de Conceição das Crioulas e, levando em consideração a escassez de estudos acerca das formas de organizações de negros no Brasil, referida anteriormente, comecei a reunir mais informações, tanto no que concerne a Conceição quanto em termos de uma literatura especializada.

Naquela ocasião, embora ainda não conhecesse a “comunidade”, tinha informações de que ali havia uma comunidade negra que pleiteava seu reconhecimento como remanescente de quilombo, e que, nessa perspectiva, se organizava em função de uma construção de sua identidade étnica e da luta pela terra.

Em um primeiro momento, mesmo não tendo clareza de como se processava esse movimento em Conceição das Crioulas, estava ciente de que lá encontraria dois elementos importantes acerca dos quais poderia desenvolver uma análise sociológica: a questão da etnicidade e a luta pela terra, razão de uma disputa conflituosa entre remanescentes e não-remanescentes. Ao mesmo tempo se concretizado, o meu trabalho poderia ajudar a preencher um pouco daquela espécie de vazio antes mencionada, oferecendo também, de algum modo, elementos para se pensar sobre particularidades da luta pela terra, no contexto da diversidade brasileira. Desse modo, seria significativo pela sua relevância acadêmica e pela sua atualidade histórica e política.

Raciocinando dessa maneira, portanto, resolvi escolher a comunidade de Conceição das Crioulas, ou mais particularmente, o movimento dos negros, naquela localidade, como meu objeto de pesquisa.

Conforme indicado anteriormente, no caso em estudo a luta pela terra adquire uma dimensão étnica, uma vez que,

(...) a presença e o interesse de brancos e negros sobre o mesmo espaço físico e social revela, no dizer de Bandeira, aspectos encobertos das relações raciais. Dessa forma coloca-se a questão da territorialidade diretamente no interior do campo étnico, ao mesmo tempo que se define

um campo de relações sociais e políticas (Gusmão, 1995: 14/15).

Tomei conhecimento do movimento organizado pela comunidade de Conceição das Crioulas em maio de 1992. Naquela ocasião, participava de um curso de formação sindical, na cidade de Salgueiro/PE, onde, também, estava presente Andrelino Mendes, natural de Conceição das Crioulas, à época, presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Salgueiro. Em determinado momento do curso, foi solicitada aos participantes uma explanação das características gerais de seu município. Andrelino falou sobre Salgueiro, oportunidade em que ressaltou, também, a luta dos habitantes de Conceição das Crioulas para serem reconhecidos como remanescentes de quilombo (o que conseguiram em 1998). Suas palavras me levaram, por alguns instantes, a um passado não muito distante na nossa história: a escravidão negra no Brasil. Desde então, permaneci sempre atenta quando ouvia falar daquela comunidade.

Ainda em 1992, acompanhei, mesmo à distância, a campanha política da professora Givânia Maria da Silva, para vereadora do município de Salgueiro. A razão era simples: Givânia é de Conceição das Crioulas e, na época, encabeçava a luta dessa “comunidade” (como ainda hoje o faz). Ela não foi eleita naquela ocasião, mas o movimento se ampliou, o que se traduzia pela incorporação de um número cada vez maior de moradores, e também, na medida em que, segundo eles, no processo, crescia ou se consolidava, internamente, a consciência ou o sentimento de fazerem parte, ali, de um mesmo “universo” e da possibilidade de buscarem, juntos, o objetivo maior, ou seja, o acesso à terra, nos termos da lei. Ademais, toda essa luta fortaleceu-se, ainda, nos anos seguintes, com o apoio da então prefeita de Salgueiro (1993-1996), Creuza Pereira do Nascimento.

Em 1993, um fato extraordinário levou Conceição das Crioulas a tornar-se conhecida regionalmente: a descoberta, no sítio Lagoa, de fósseis de animais de grande porte, há milhões de anos extintos. Esse fato despertou o interesse da imprensa local e de pesquisadores da Universidade Federal de Pernambuco, e chamava cada vez mais minha atenção para aquela localidade.

Em novembro de 1998, participei de um congresso dos trabalhadores em educação do estado de Pernambuco, em Petrolina/PE, no qual a professora Givânia proferiu uma palestra e, na sua fala, ressaltou a luta de sua comunidade pela posse da terra.

Esse conjunto de informações sobre aquela população, e, mais particularmente, sobre o movimento que no seu interior se vinha gestando, associado a algumas outras passagens da minha própria formação profissional e trajetória de vida, portanto, foram me despertando um grande interesse por aquele movimento.

Desde que decidi realizar a pesquisa em Conceição das Crioulas, comecei a fazer contatos com membros da comunidade. A primeira pessoa com quem conversei foi a professora Givânia, que, no exercício da sua liderança, me passou informações acerca da luta e me forneceu alguns trabalhos já realizados sobre a “comunidade”: um relatório antropológico e um mapeamento da área, feitos pela Fundação Cultural Palmares (material utilizado no reconhecimento daquele agrupamento como remanescente de quilombo); um relatório antropológico feito pelos professores Bartolomeu Figueirôa de Medeiros e Mabel Ann Black de Albuquerque, ambos da Universidade Federal de Pernambuco; uma dissertação de Mestrado, do professor Marcos Galindo Lima, intitulada *Ocupações Pré-Históricas em Conceição das Creoulas Salgueiro/PE*, defendida na UFPE; um vídeo produzido pelo Centro Cultural Luís Freire, de Recife, e mais outras produções de vídeo feitas pela Secretaria de Educação do Município de Salgueiro/PE.

Em resumo, todo esse material e as informações de Givânia foram de fundamental importância para a definição de minha pesquisa e montagem do projeto de dissertação.

Conforme afirmei antes, desde o início interessou-me estudar, ali, a luta pela terra, nas suas relações com o processo de organização de um movimento étnico (negro). No decorrer da investigação, descobri, ainda, que em Conceição das Crioulas há uma interessante especificidade histórica: a tradição da liderança feminina, dentro de processos ou situações vividos pela coletividade, em diferentes momentos. Esse fato, segundo a tradição oral, é encontrado na fundação de Conceição das Crioulas, em circunstâncias históricas diversas, e ressurgiu, atualmente, no movimento social de luta pela terra. Isso tornou a minha pesquisa ainda mais instigante, pois considero a liderança feminina, de certo modo, uma excepcionalidade nesse tipo de movimento.

Uma vez definida a escolha de Conceição das Crioulas como o meu campo de pesquisa e feito o recorte da realidade em discussão – a luta pela terra e a construção de uma identidade étnica do grupo – iniciou-se um processo importante na construção deste trabalho. Refiro-me à pesquisa de campo propriamente dita; ou seja, às minhas idas sistemáticas ao local, munida de um roteiro de questões e com inquietações mais claras para mim mesma.

Esse processo durou treze meses (janeiro/2000 a fevereiro/2001). Nesse período, visitei frequentemente Conceição das Crioulas, inclusive participando de algumas atividades culturais e políticas, realizadas pelos remanescentes; fiz entrevistas e conversei informalmente com “remanescentes” e “não-remanescentes”, da vila e dos sítios; enfim, participei da vida cotidiana daquela comunidade, sempre com a preocupação de registrar tudo aquilo que julgava interessante para o trabalho, utilizando-me, para isso, das anotações diárias, do gravador e da máquina fotográfica, além de receber, eventualmente, certas “peças” que me foram gentilmente ofertadas ou simplesmente mostradas como: letras de canções, poesias, artefatos, etc.

A primeira visita que fiz a Conceição das Crioulas foi precedida de muita expectativa. Desta feita, reuni um pequeno grupo para me acompanhar no “grande empreendimento”.

Eram sete horas da manhã, do dia onze de janeiro de 2.000, quando deixamos minha residência em Cedro/PE para irmos à "República Negra". Faziam parte de minha equipe o professor Manoel Joaquim Leite Neto, pesquisador de variações lingüísticas; Halliny, uma estudante universitária do curso de História da Universidade Regional do Cariri (URCA) e o jovem Aldenir Santos (Pelé), meu ex-aluno e militante do movimento negro na região. De todos nós, somente Pelé conhecia Conceição das Crioulas.

Seguimos, em carro particular, por vinte e seis quilômetros na rodovia PE 475 (na época em processo de pavimentação), até alcançarmos a BR 116, na qual percorremos mais vinte e oito quilômetros até à cidade de Salgueiro, onde Givânia nos esperava para nos acompanhar à comunidade. Haviam-me alertado, quanto ao perigo que seria atravessarmos sozinhos a área controlada pelos plantadores de maconha (*canabis sativa*) e sermos confundidos com policiais à paisana. Daí a importância de estarmos acompanhados por

uma pessoa conhecida na região (no caso, Givânia). Encontramos a cidade de Salgueiro tomada por policiais que participavam da Operação Mandacaru².

Em Salgueiro compramos o material necessário para esse início de pesquisa: fitas cassete, pilhas, filmes etc e, juntos com Givânia, saímos de Salgueiro às nove e trinta horas da manhã. Seguimos ainda pela BR 116, em direção a Petrolina (PE) e ao Sudeste do país, percorrendo mais vinte quilômetros, para entrarmos numa rodovia municipal, sem pavimentação e em péssimas condições para circulação de veículos. Nessa rodovia, percorremos mais vinte e seis quilômetros, perfazendo, assim, um total de cem quilômetros até chegarmos à vila de Conceição das Crioulas.

Durante esse trajeto, aumentava minha expectativa em conhecer Conceição das Crioulas e me assustava o peso da responsabilidade que estava assumindo a partir daquele momento. Isso ocorria, ao mesmo tempo em que Givânia ia nos transmitindo algumas informações sobre a comunidade. Após percorrermos aproximadamente a metade desse trecho, Givânia nos informou que já estávamos dentro da área considerada "terras dos remanescentes", mas disse, também, que a maior parte daquele território situava-se após a vila. Nesse momento, minha atenção se voltou para a observação da paisagem ao nosso redor, que com a lenta velocidade de nosso veículo, ia paulatinamente ficando para trás.

Estávamos no mês de janeiro, período em que começam a cair as primeiras chuvas no sertão de Pernambuco, mas, apesar disso, a caatinga – vegetação típica da região – estava bastante seca. O vento forte sacudia a folhagem fazendo-a misturar-se à poeira da estrada. A vegetação, nessa área, é complexa e heterogênea. Constitui-se de uma mata rala, onde há a presença de mandacarus (*cereus jamacaru*) de notáveis alturas e outras variantes de menor porte dessa espécie, como os xique-xiques (*cactus peruvianus*) e outras plantas *xerófitas*³. Notei, também a presença de uma grande quantidade de umbuzeiros, ou imbuzeiros, como preferem os sertanejos. Nesse momento, lembrei-me da descrição da vegetação sertaneja, feita por Euclides da Cunha em *Os Sertões*, especificamente quando se

² Projeto de combate ao plantio e tráfico de maconha no Sertão de Pernambuco, implantado pelos governos Estadual (PE) e Federal, no primeiro semestre do ano 2.000, constituído de três fases: 1- destruição de plantações de maconha e apreensão de armas; 2 - implantação de programas de substituição da maconha por culturas alternativas; 3 - promoção de fóruns de debate na região, sobre os efeitos do consumo da droga.

³ Plantas que se adaptam à falta de água.

refere ao umbuzeiro como sendo *a árvore sagrada do sertão. Sócia fiel das rápidas horas felizes e longos dias amargos dos vaqueiros* (Cunha, 1998: 55).

Em toda aquela vasta extensão de terra, o humano e, conseqüentemente o cultural, pareciam inexistentes, pois não víamos habitações, nem cercados... Percebi a presença de alguns animais pouco conhecidos em outras áreas do sertão como o preá e o mocó, circulando aparentemente muito à vontade no seu habitat. Até uma cobra de grande porte atravessava a estrada, parecendo ignorar a nossa presença. Paramos para admirá-la e constatamos tratar-se de uma espécie conhecida na região como *caninana*.

À medida que fomos nos aproximando da vila, a caatinga foi se distanciando e fomos avistando grandes roçados, onde rebanhos de bovinos e caprinos pastavam. Perguntei para Givânia de quem eram aquelas roças e aqueles animais e ela respondeu, que de acordo com o levantamento feito pela Fundação Palmares, aquelas terras eram dos remanescentes, sendo que a posse estava em mãos de “fazendeiros” (não-remanescentes), que na maioria dos casos não habitavam ali, mas que tinham o controle sobre a terra. E que a luta dos remanescentes, naquele momento, era pela titulação e posse da terra.

Às onze horas da manhã chegamos à vila de Conceição das Crioulas, sede do distrito (eventualmente chamada, também, de vila Conceição ou simplesmente Vila), geograficamente, o núcleo central da comunidade. Ao descermos do veículo, percebi que as pessoas nos olhavam com uma certa "admiração", o que era esperado, pois se tratava de um grupo de estranhos. Mas, ao se darem conta da presença de Givânia, logo se aproximavam iniciando-se, ali, as nossas primeiras conversas. Percebi que as pessoas recebiam com simpatia a idéia de se pesquisar aquela comunidade, talvez, pelo fato de outros pesquisadores já haverem estado por lá com o mesmo objetivo, ou, quem sabe, mais pela possibilidade de aquela visita, em companhia da referida líder, acenar com algum tipo de reforço ao Movimento.

Ao mesmo tempo em que íamos conhecendo as pessoas, eu tratava de observar o espaço físico ao meu redor. Saí caminhando e conhecendo os principais pontos: a igreja católica, a igreja evangélica, a praça, o centro comunitário, o cartório e o mercado público (fechados), o posto de saúde, as escolas, e o cemitério. Esses pontos foram depois por mim visitados, em companhia dos remanescentes que iam repassando a história de cada “lugar”.

Esse reconhecimento era importante para mim, mas sabia que a “comunidade” de Conceição das Crioulas não se resumia apenas àquela vila. Conforme referência anterior, ela se estende a outras localidades, os "sítios", nos quais se encontram muitos remanescentes, portanto, negros que partilham da mesma história e da mesma luta dos habitantes da vila.

Após esse rápido reconhecimento da vila, saí caminhando com Givânia e meus outros acompanhantes e, aos poucos, fui conhecendo pessoas que se tornariam importantíssimas para a minha pesquisa. Pessoas mais velhas como: Seu Manuel Leite, Seu Virgínio Vicente, Dona Maria Emília (Liosa), Seu Expedito e Dona Maria Antônia. Todos esses, e mais alguns, com suas memórias e suas histórias, tornaram-se fontes vivas de informações sobre épocas passadas. Nesses termos, constituem-se numa espécie de patrimônio da comunidade. Não menos importantes que estes, para a pesquisa, foram também as pessoas mais jovens como: Givânia, Andreolino, Maria Diva, Eunice, Maria Alzira, Maria Aparecia (Lia), Valdeci e muitos outros informantes que conheci posteriormente, tanto dentro da vila como nos sítios; dentre os quais não posso deixar de mencionar: Dona Tereza Alves de Carvalho e sua filha Maria Alves de Carvalho, Dona Bebê, além daqueles que, mesmo não sendo meus informantes diretos, como o Senhor Antônio Andreolino Mendes (já falecido), prestaram depoimentos a outros pesquisadores e pude utilizá-los aqui. Incluo, ainda, na minha lista de informantes o nome anteriormente referido da prefeita de Salgueiro, Creuza Pereira do Nascimento, que, apesar de não ser de Conceição das Crioulas, me passou informações importantíssimas para a realização deste trabalho.

Ainda por ocasião dessa primeira visita, fomos convidados a conhecer uma vila menor, a União das Crioulas, situada no sítio Lagoa, próximo à vila de Conceição. Ouvi das moradoras dessa localidade a interessante história de sua recente fundação (1993), mostrando que a mulher negra em Conceição das Crioulas não é somente símbolo de liderança, mas, também de persistência e fortaleza.

Após esse primeiro contato, que considerei como um momento de reconhecimento do campo de pesquisa, comecei a refletir sobre algumas inquietações que se colocaram para mim, como: a organização da luta pela “terra de remanescentes” implica a representação de si, como camponeses negros, em confronto com os “outros”, os não-remanescentes? Quem

seriam os não-remanescentes? Identificá-los, significaria identificar como está sendo construída, em Conceição das Crioulas, essa identidade de negros remanescentes de quilombos? Qual o significado de incluir-se, ou não, na categoria de remanescentes? São questões dessa natureza que este trabalho tenta responder dentro das possibilidades da pesquisa.

Ao longo da pesquisa, voltei várias vezes a Conceição das Crioulas, ocasiões em que tive oportunidade de participar, sob diferentes formas, da vida cotidiana daquela gente, tanto da vila como dos sítios. Assim, além das informações coletadas por meio de entrevistas, fui fazendo, a cada dia, o registro sistemático de todas as observações, recorrendo, repetidas vezes, à fotografia, conforme mencionei antes. Tais práticas e procedimentos me possibilitaram, dentre outras coisas, estabelecer um mapa de interações sociais, enfim, conhecer e descrever relações de cooperação existentes entre a vila e os sítios. Ademais, possibilitaram-me a percepção de diferenças entre grupos e de pontos de tensão entre eles; diferenças relativas às suas visões de mundo, e também concepções diferenciadas no que se refere ao movimento dos “negros” conforme especificado em várias passagens deste trabalho.

A minha participação no I Encontro de Negras e Negros Quilombolas em Conceição das Crioulas, nos dias 12 e 13 de fevereiro de 2.000, realizado na Vila com a participação de representantes de todos os sítios, foi fundamental para compreender aquelas relações. Nesse Encontro, foram discutidos assuntos como: a importância da união do grupo na construção de uma identidade étnica e cultural e da luta pela posse da terra, bem como, os problemas sociais e econômicos da comunidade e possíveis soluções para os mesmos.

Chamou-me particularmente a atenção, nesse Encontro, a atuação das mulheres de Conceição das Crioulas, na condução das discussões, especialmente a atuação de Givânia, que estava mediando os trabalhos. Percebi, já ali, a liderança decisiva que exerce na comunidade. Isso ficava claro, por exemplo, na aceitação de seu discurso pelo grupo.

Por essa razão, esse trabalho, que a princípio não pretendia se voltar para a atuação da mulher, cuja importância foi descoberta através da pesquisa de campo, passou, também a contemplar essa questão, embora este não seja o seu eixo condutor.

O relato oral de moradores-informantes, reconstruindo histórias passadas; os depoimentos de “remanescentes” e “não-remanescentes” que se confrontam por razões ideológicas e na luta pela terra; a análise de material já produzido sobre Conceição das Crioulas e a leitura de uma literatura sobre comunidade, quilombos, movimentos sociais de luta pela terra, cultura, etnia, memória, condição feminina, liderança e conflito social, me possibilitaram a realização desta dissertação.

Limitei minha pesquisa à luta recente da comunidade, pelo seu reconhecimento como “remanescentes de quilombos”, incluindo a posse da terra. Esse movimento surge no final da década de 1980 e se estende até os dias atuais. No entanto, para compreender melhor a dinâmica desse processo, foi necessário mergulhar no tempo e conhecer a história da fundação de Conceição das Crioulas, alguns acontecimentos que marcaram a sua história e seus principais agentes.

Como parte dessa tentativa de contar a história e a luta dos remanescentes de Conceição das Crioulas, no interior da qual vem se desenvolvendo uma identidade negra, desenvolvi neste trabalho três capítulos.

No primeiro capítulo, apresento a delimitação e caracterização da área física ocupada pelos “remanescentes de quilombos” de Conceição das Crioulas e abordo questões como o mito da origem da comunidade. Ressalte-se que, no caso, ao definirem o direito de propriedade da terra, estão se auto definindo como parte de um grupo de parentes e negros. Também analiso as formas de organização política e as relações sócio-econômicas que se estabelecem entre os vários agrupamentos, nas diversas localidades e, as maneiras como se vão delineando formas de ação e interação entre os “remanescentes” e entre estes e os outros grupos à sua volta.

No segundo capítulo, analiso a especificidade do grupo, como um grupo étnico que constrói seu referencial de identidade centrado num universo mítico, envolvendo a fundação da comunidade. De acordo com as narrativas, essa fundação remonta ao final do século XVIII, e se expressa na ação de seis negras escravas fugitivas (as seis crioulas como ficaram conhecidas), que ali se estabeleceram e compraram as terras hoje reclamadas pelos “remanescentes”. Essa origem mítica é bastante significativa, na forma como os “remanescentes” explicam a realidade em função do parentesco e da luta pela terra.

Na análise dessa realidade, passado e presente se inter cruzam para explicar as concepções que ali se elaboram, em função da construção da identidade do grupo e de elementos capazes de legitimar o movimento social de luta pela terra. As concepções elaboradas a partir de elementos internos são endossadas e fortalecidas por ideologias vindas de fora, que subvertem o modo de ser e de pensar dos negros de Conceição das Crioulas. No processo atual de subversão de seu mundo, buscam apoio no mundo “de fora” e o encontram nas CEB's (Comunidades Eclesiais de Base), em partidos políticos, como o PT (Partidos dos Trabalhadores) e o PSB (Partido Socialista Brasileiro); no movimento sindical de trabalhadores rurais; no Movimento Negro Unificado (MNU) e na Fundação Cultural Palmares. Tudo isso, permeado, aqui e ali, pela presença marcante, histórica, da mulher que me parece assumir uma conotação especial em Conceição das Crioulas.

No terceiro capítulo, retomo a discussão do mito da fundação da comunidade, que inclui a aquisição das terras pelas seis crioulas, para, a partir daí, analisar o processo de expropriação dos negros por meios ditos “legais” ou não, em relação a uma terra da qual se sentem como que herdeiros naturais. Aqui, destaco a importância da sua reconquista na construção da identidade do grupo étnico (negro); analiso os conflitos surgidos em decorrência da disputa pela terra, entre “remanescentes” e “não-remanescentes”, focalizando, ainda, a mediação do Estado, através da Fundação Cultural Palmares e a situação em que se encontrava a posse da terra, até o final da minha pesquisa.

Na conclusão, apresento, obviamente uma síntese da interpretação que faço da luta levada a efeito por aquele grupo, em Conceição das Crioulas, que busca concretizar o direito de acesso à terra, a partir do seu conhecimento e auto-reconhecimento como “remanescentes de quilombos”; e dentro desse processo, procuro mostrar como vai sendo construída uma identidade negra.

1. CONCEIÇÃO DAS CRIOULAS: O ESPAÇO FÍSICO, A HISTÓRIA E AS FORMAS DE INTERAÇÃO

A localidade de Conceição das Crioulas integra o município de Salgueiro, de cuja área total ocupa 40%, ou seja, 600 km², constituindo-se, assim, no seu segundo distrito, desde 1940. Limita-se ao Norte com o distrito-sede municipal; ao Sul com os municípios de Floresta e Belém de São Francisco; ao Sudeste e a Oeste com Cabrobró e a Leste com Mirandiba.

Além da vila-sede, compõem o distrito de Conceição das Crioulas os seguintes “sítios”: Amparo, Boqueirão, Jatobá, Lagoinha, Poço da Cruz, Garrote Morto, Mulungu, Curtume, Massapê, Queimadas, Sítio, Rodeador, Paus Brancos, Conceição das Crioulas (área rural próxima à vila), Lagoa (também conhecida como Vila União das Crioulas) e Paula (ver mapa 2, em anexo). Por todo esse território, distribuem-se as moradias e as áreas de trabalho dos “remanescentes”, que, conforme referência anterior, dividem espaços com “não-remanescentes”. Todos esses sítios, acima enumerados, estão localizados dentro do território identificado como dos remanescentes de quilombos⁴.

1.1. TERRAS DE REMANESCENTES: MITO E HISTÓRIA

Os três mil quinhentos e cinquenta e dois habitantes do distrito ocupam uma área de 16.885,0678 hectares⁵. Na vila que recebe o mesmo nome da comunidade, apesar do aglomerado de residências, de acordo com o IBGE, habitam apenas 5,23% da população. A grande maioria dos habitantes encontra-se nos “sítios”. Ainda de acordo com o IBGE, há em Conceição das Crioulas 1.010 residências, sendo 125 na vila e 825 nos “sítios”.

⁴ Levantamento feito pelo Projeto Mapeamento e Identificação das Áreas Remanescentes de Quilombos - Conceição das Crioulas - Salgueiro/PE - FCP/AFAL - Recife, 1998.

⁵ Fonte: Relatório da Fundação Cultural Palmares, publicado no Diário Oficial da União, em 11/09/1998.

Para serem reconhecidos como remanescentes de quilombos, os habitantes de Conceição das Crioulas buscaram no passado elementos que os identificassem como descendentes de negros escravos. São, pois, esses elementos que vão identificá-los, inclusive para si próprios, e diferenciá-los dos “outros” (os “não-remanescentes”). Assim, nas narrativas e nas repetidas reconstituições da sua “história de negros”, passaram a ressaltar aspectos que vão da cor da pele (preta) ao sentimento de pertença ao grupo, ou à reconstituição da história da comunidade.

No final do século XVIII, a região onde hoje está situado o município de Salgueiro pertencia ao município de Cabrobró e boa parte dessas terras era da Paróquia daquele município⁶. Essas terras eram exiguamente habitadas, prevalecendo aldeias de índios remanescentes da tribo Cariri. A terra era fértil e densamente coberta por vegetação nativa; nos rios afluentes do São Francisco aquela população praticava a pesca.

Essa vasta região, que se estendia da margem esquerda do rio São Francisco até o Ceará, não tardou a ser cobiçada por "homens brancos" do vale do Cariri; dentre eles, Antônio da Cruz Neves, fazendo-se acompanhar por outros homens armados, trabalhadores livres e escravos, munidos de víveres, armas e ferramentas agrícolas. Desta maneira, Antônio Neves atacou os índios, apossando-se de uma vasta extensão de terras, onde fundou sua primeira fazenda de criação de gado e plantação de algodão, denominando-a Quixaba. Em seguida, fundou mais quatro fazendas: Umari, Ouro Preto, Negreiros e Logradouro. Consolidada sua conquista, pela força, adquiriu a posse legal por compra ou arrendamento, iniciando, assim, o processo de povoamento do que veio a se constituir no município de Salgueiro.

Nesse contexto, e em condições adversas, ocorreu a fundação de Conceição das Crioulas.

A história da comunidade é contada a partir da memória oral de seus habitantes, segundo a qual foi "no tempo dos reis" que chegaram à região alguns negros e negras, vindos de Alagoas, possivelmente fugindo da escravidão. Esse grupo de negros e negras – embora na memória de seus descendentes apenas as negras tenham se destacado na

⁶ Fonte: Série “Monografias Municipais”, Governo de Pernambuco, 1982.

fundação da comunidade, ficando conhecidas como as "seis crioulas" – se estabeleceu no sopé da Serra Umã, hoje Serra das Crioulas⁷.

Certamente as terras ocupadas pelo grupo das "seis crioulas" não foram as mesmas terras ocupadas pelo grupo “do Neves”, uma vez que o povoamento de Salgueiro, iniciou-se no lado norte, fronteira com o Ceará, onde está localizada a sede do município, e Conceição das Crioulas está localizada no Leste. Ressalte-se, no entanto, que há indícios da presença de tribos indígenas em toda a região, antes dessas ocupações, conforme se pode ler a seguir:

(...) os índios da tribo Cariri são os primeiros habitantes conhecidos do Agreste e do Sertão Pernambucano. A história desta região mostra que os indígenas foram progressiva e violentamente dizimados no contato com os brancos, interessados em apossar-se das terras para a criação de gado (...). À medida que os brancos foram penetrando em direção às terras sertanejas os índios foram se refugiando nas serras. Estas localidades se tornaram também lugar de refúgio de negros quilombolas. Em geral, para resistir aos conflitos inevitáveis, índios e negros se uniram contra o inimigo branco (Albuquerque, 1997: 13-15).

Segundo a tradição oral, por volta do final do século XVIII, as seis crioulas teriam arrendado "três léguas em quadro", de terras, aos "representantes do rei". O pagamento seria resultante do próprio trabalho dessas mulheres. Desse modo, pressupõe-se que, ao contrário das terras ocupadas por Neves, estas não estavam sob domínio da paróquia de Cabrobró; possivelmente eram terras de propriedade do Estado. Na interpretação de Calmon: *Conceição das Crioulas (...) está localizada próximo ao município de Salgueiro, no Sertão Central de Pernambuco, cujas terras pertenciam aos Garcia D 'Ávila da Casa da Torre, sob o regime de sesmarias*⁸.

⁷ À época, aquela área integrava o município de Cabrobró, pois Salgueiro foi fundado em 1835.

⁸ Calmon, Pedro. História da Casa da Torre, p. 130. IN: Andrade, Fábio Bezerra e Silva Júnior, José Alfredo das. Comunidades Remanescentes de Quilombos no interior de Pernambuco. Recife, UFPE, 1997.

Assim, diz-se que as crioulas iniciaram ali um plantio do algodão, cujas fibras eram transformadas em fio, produto vendido na cidade de Flores, distante cento e cinquenta quilômetros. Com esse dinheiro teriam pago a renda e se tornado donas de uma vasta extensão de terra, ainda em 1802, cuja escritura teria dezesseis selos, seria carimbada com o “carimbo da Torre” e teria sido feita pelo escrivão Pedro José Delgado e registrada no “livro do tombo”.

Dona Maria Emília da Silva (Liosa) de 76 anos, rememora o que contavam os mais velhos a respeito da origem de Conceição das Crioulas:

(...) que nesse tempo de reis que as crioulas [chegaram] nessa Conceição, arrendaram a terra, mais e aí, cadê? Hoje, crioulas das Conceição só tem o nome, a gente nova aí não tem esses direito, né? É tudo cercado que quase nem fosse antigamente, como se fosse cativoiro. A não ser só aquele quadrinho ali. As terra diminuíram demais, a diferença pouco mais ou menos, a gente não tem esse direito, não é? O direito hoje em dia é a escritura qui é a prova. A das crioulas não é prova, qui num tem escritura. Antigamente minha vó dizia que a escritura tinha no livro do Tombo, através dessa escritura, né? Ela dizia assim, que tinha comprado aos reis, foi arrendando aos reis e elas foram pagando, até qui pagaram a renda de Conceição das Crioulas, né? Qui as crioulas eram poucas mulheres, que fiando, né e pagavam Conceição das Crioulas aos reis, sabe? Pois existiu rei antigamente, não foi? Pagaram a terra, elas arrendaram e pagaram as terras aos reis, né? Aí fiando aqui muito algodão e aquilo juntaram os fios de algodão e foram para pagar em Flores. Sabe? Tem esse lugar? As mulheres fiavam e os homens iam transportar os fios e deixaram em Flores, não é? Aí eu perguntei a minha vó 'e a renda foi paga aos reis?' E me diga: e mora reis aqui na corte? Lá ... parece

que ela falava no Rio de Janeiro, se não me engano ela falava assim. E me diga, cadê a escritura da terra? E ela falou: 'a escritura pode procurar no livro do Tombo'. Agora eu não entendo o que é isso aí! Quem entende, compreende, no livro do Tombo. E eu perguntei: e onde é o livro do Tombo? - É no tribunal dos reis⁹.

Na elaboração do mito, de acordo com a memória construída pelas narrativas dos “remanescentes”, a origem de Conceição das Crioulas transcende o tempo cronológico (Eliade, 1992), referenciando-se em expressões como: "antigamente", "naquele tempo", ou "no tempo dos reis". A única data significativa que o grupo guarda é 1802, que, conforme disse antes, seria o ano em que as crioulas haviam registrado a compra das terras. Como esse ano está no início do século XIX, há uma preocupação das lideranças atuais do movimento de Conceição das Crioulas em inferir que a chegada das seis crioulas tenha ocorrido no final do século XVIII, não se especificando, pois, o ano da chegada. Observe-se que essa não-especificação de datas é usual das construções mitológicas. No caso em estudo, o que contam são fragmentos presentes na memória coletiva.

O Senhor Virgínio Vicente Oliveira¹⁰, 69 anos, afirma que, durante muitos anos, os descendentes das negras lutaram para recuperar a posse das terras das crioulas, expropriadas por “fazendeiros brancos” vindos de outras regiões: (...) *Agostinha Cabocla¹¹ foi muito ao Rio de Janeiro; nesse tempo a capital era lá, né? Ela e Antônio Domingo e era através dessas coisas que tavam tumano¹².*

O depoimento do Senhor Virgínio é reforçado por dona Maria Toinha (60 anos):

(...) Agostinha Caboclo, era uma velha que morava ali; ela foi muito mais Antônio Domingo pró Recife, pro Rio de Janeiro, ela pidia ismola, mas ia, foi da era de sessenta

⁹ Depoimento de Maria Emília da Silva, prestado ao Centro de Cultura Luiz Freire.

¹⁰ O Senhor Virgínio é um dos poucos “remanescentes” mais velhos de Conceição das Crioulas efetivamente engajados no movimento de luta pela terra.

¹¹ Agostinha Caboclo para Conceição das Crioulas é também uma espécie de mito. Depois das seis crioulas ela é uma das pessoas mais citadas pelos remanescentes.

¹² Virgínio Vicente Oliveira, em entrevista feita por mim, em setembro de 2.000.

*pra cá, já tavam lutano pra num perder. Lá cum o documento, depois o documento desapareceu*¹³.

O desaparecimento desse documento, que provaria a compra das terras, pelas crioulas, é um dos fatos mais comentados pelos “remanescentes”. Antônio Andreino (já falecido) afirmava:

Agostinha, da Paula, era minha prima era fia do veio Vicente Caboco, quem tinha o documento era ela. Ela mandou tirar lá em Salgueiro, mandou ajeitar... tinha um documento da fazenda Conceição. Os documentos tavam lá em Salgueiro e agora num sei dizer onde tá não. Nós andemo cum o documento lá, mais Agostinha, fui lá na Assembléia dos deputados. Aí, ela chegou e entregou esse documento ao juiz de Salgueiro e ele deu sumiço nesse documento e nós nunca mais achemo ele. Tinha dezesseis selo a escritura da terra. Nós andemo cum ela no Recife e o povo de lá olhava pra ela e dizia: Ô escritura boa danada! Num deixe essa escritura à toa. Foi quando chegemo (de volta à Conceição das Crioulas), aí a véia ficou besta e deu à famia dela. O nome do escrivão era Pedro José Delgado, escrivão da Torre, essa eu conheci porque tava cum ela (Agostinha). E ela (a terra) foi comprada em mil oitocentos e dois, foi quando chegou esse povo aqui da Conceição e foi comprado à Torre, que foi os reis que vendeu; a Torre era no tempo que tinha os reis. Aí elas arrendaram esse taco de chão e foi umas mulheres, elas pagaram sua terra todinha com fiação, botando na cabeça e vendeno em Flores. Foi esse ano de 1802 mermo, elas acabaram de pagar, aí, o rei mandou Pedro José Delgado, o escrivão da Torre, fazer a

¹³ Maria Antônia, sítio Lagoa (vila União das Crioulas), em entrevista feita por mim, setembro de 2.000.

*escritura. Passaram muito tempo pra pagar essa terra e pagaro lá em Flores*¹⁴.

Mabel Ann Black Albuquerque afirma que há evidências históricas (de uma história documental) sobre a existência do escrivão Pedro José Delgado:

Sabe-se que em 1811, segundo Pereira da Costa, ele foi nomeado juiz de órfãos de Flores (Anais VII, 418, 421). Na época era comum esta função ser compartilhada com a de escrivão (Albuquerque, 1997: 24).

O mito da origem de Conceição das Crioulas nem sempre é aceito por todos os que moram naquela localidade. Para aqueles que não se identificam como descendentes das seis crioulas, que não se sentem “remanescentes”, o mito não tem nenhum significado. O Senhor Manuel Leite (90 anos), que mora em Conceição das Crioulas desde criança, confirma ser antiga a presença dos "negros" ou "pretos" em Conceição, mas não reconhece o mito:

Vim morar em Conceição com uma tia chamada Joanhina; era uma moça velha e me criou em uma terra que ficava aqui por trás da vila e foi comprada a Isidoro da Silva Filho, um preto. Naquele tempo a vila num existia não, só umas casinha de taipa, uma ali, outra aculá, era assim (...). Naquele tempo ninguém plantava algodão, só foi começar a plantar lá pelos anos 30 em diante (...). Essa história das negras terem plantado algodão no século passado, pra comprar a terra é mentira!¹⁵... (grifos meus).

O Senhor Manuel Leite é um dos maiores guardiões da memória de Conceição das Crioulas e da região. Entre outros fatos, narra com riqueza de detalhes as passagens de Lampião e seu bando por aquela localidade e as atrocidades por eles cometidas. No entanto,

¹⁴ Depoimento de Antônio Andreino Mendes. IN: projeto “Comunidades Remanescentes de Quilombos”, UFPE/FAFECE, 1997.

¹⁵ Depoimento prestado a Mabel Ann Black Albuquerque em 1997.

é enfático em afirmar que a versão dos negros em relação à fundação da comunidade é mentira:

*(...) Aqui tem muita história mentirosa de cabra que nunca viu nem conversar, que conta e vocês acredita porque num são daqui... mas muita história é mentira. Ói, quando os premero chegaro aqui, nesse tempo ninguém falava em algodão não (grifos meus) e de nego que tinha era uma roça aqui, que chamava roça da pata, e que tinha parece doze filho e plantava dentro dessa roça era feijão, milho e criava um bode, um porco. Essa história das negras eu não acredito não. Eu não sei o que tem essa nega da Paula chamada de Maria Caboca, que a mão dela foi pegada a dente de cachorro...*¹⁶

Mais adiante, em seu depoimento, o Senhor Manuel admite que os negros compraram a terra, mas nega que tenha sido com dinheiro de algodão e, não reconhece a existência da escritura dessas terras:

(...) É verdade que os negros compraram a terra, mas foi cum um dinheirinho que eles juntaram, e naquele tempo num tinha escritura não (grifos meus); eu digo isso porque nunca vi, e se tivesse, alguém já tinha encontrado; então eu só acredito quando eu ver (...). Os primeiros que chegaram aqui encontraram sem ninguém, então se apossaro dos pequenos trechos, mas era só posse, de documento num tinha nada...

Pelos menos no que diz respeito à forma como os “negros” perderam suas terras, os seus depoimentos coincidem, em alguns pontos, com aquilo que afirma o Senhor Manuel Leite, para quem as terras foram "tomadas" até a "troco de um pedaço de carne":

¹⁶ Expressão usada na região para se referir aos índios capturados nas matas.

(...) Agora naquele tempo os negros eram burros e vendia suas terra barato e os branco se aproveitava e comprava. 25 braça de terra; foi o preço de um quarto de carne (grifos meus) os branco num era besta e quando comprava tirava logo a escritura. Agora eles se queixe que os avós deles, os tataravós foram roubados, mas eles é quem vendia em troca de uma calça, um chapéu e branco ia logo pro cartório...

O Senhor Manuel Leite também reconhece que os “negros” foram os primeiros a chegar a Conceição das Crioulas:

(...) Antes só tinha os negro, os que morava lá na Paula, da família de Vicente Caboclo e tinha um veio daqui que morava perto do açude, mas quando morreu eu era pequeno. Tinha um negro aqui e eles vivia que nem bicho. As roupas deles fazia de algodão, parecia um saco. Era por isso que eles trocava terra por uma calça, porque eles não tinha condição de comprar, já que não saia do mato. As terras de hoje são de Chicola¹⁷, foram compradas a João Pompílio¹⁸ e teve como primeiro dono o véio Urias¹⁹. Estas terras estavam no nome de Belzarina, então o finado Orácio comprou as terras a Urias e depois vendeu a João Pompílio. Mas antes de Urias vender as terras, já existia uma briga com um negro que morava no sítio Lagoa; esse negro dizia que as terras foram tomada deles, então, ele não tinha o documento da posse.

O próprio nome de Conceição das Crioulas está ligado ao mito da origem. Contam que enquanto trabalhavam na cultura do algodão, as crioulas fizeram uma promessa: se um

¹⁷ Chicola é um vereador de Salgueiro que tem uma fazenda nas proximidades da vila de Conceição e está sempre em conflito com os “remanescentes”.

¹⁸ João Pompílio é citado em vários depoimentos dos “remanescentes” como um dos maiores expropriadores de suas terras no passado.

¹⁹ Ver Guerras dos Urias, no terceiro capítulo.

dia conseguissem comprar as terras que ocupavam, ergueriam uma capela em homenagem a Nossa Senhora da Conceição. Com o resultado do seu trabalho e a "ajuda da santa", o sonho tornou-se realidade e as crioulas construíram a capela, dando origem ao nome da comunidade. Inscreve-se, pois, nas raízes do nome da comunidade uma homenagem à padroeira e às próprias crioulas.

Essas histórias, elaboradas a partir da memória oral, são de fundamental importância na construção da identidade dos “remanescentes de quilombos”, habitantes de Conceição das Crioulas. Aqueles que acreditam no mito e se sentem descendentes das seis crioulas fazem parte da representação de um grupo, por eles mesmos definido de várias formas: "nós", os "negros", os "morenos", os "pretos", os "remanescentes" ou os "quilombolas" como, também, costumam se definir. No lado oposto, estão os "outros", os que não aceitam o mito, aqueles que não se identificam nem são identificados como “remanescentes”. São: os “não-remanescentes”, os "brancos", ou "fazendeiros bancos", ou "posseiros" ou, ainda, os "grileiros", além dos “índios”.

Dessa forma, percebe-se que a identidade de “remanescentes de quilombos”, habitantes de Conceição das Crioulas, não está sendo construída a partir de uma história de resistência negra à escravidão, mas a partir do mito de uma fundação, cujo marco primeiro seria a aquisição da terra. Na interpretação dos “remanescentes”, esse passa a ser o principal fato, e a partir dele, ganha corpo e significado a idéia de uma comunidade negra, que luta pela posse da terra e por uma identidade étnica, baseadas em fatos que julgam verdadeiros.

Como afirma Mabel Albuquerque,

(...) nesse sentido, não importa se o mito é uma história verdadeira ou falsa. A apreensão da dimensão mítica das duas versões (a negra e a branca) se faz independente do questionamento de sua verdade. É dessa forma que, através das histórias que contam e de como a terra foi comprada a comunidade negra de Conceição das Crioulas estabelece uma relação formal com os fatos mais importantes de sua trajetória histórica (escravidão e

posse da terra) e de sua própria identidade étnica (negra)
(Albuquerque, 1997: 30).

1.2. LUGARES DE MEMÓRIAS

Este trabalho foi favorecido pelo fato de, ao longo da pesquisa, eu haver encontrado informantes de fácil diálogo e com disponibilidade para me acompanhar em visitas aos principais pontos da “comunidade”. Refiro-me àquelas pessoas que, pacientemente, percorreram comigo os diversos espaços físicos e, ao mesmo tempo, através de suas narrativas, me ajudaram a compreender toda uma rede de relações sociais, relações essas estabelecidas quer entre os “nós”, quer entre estes e os “outros”. Nesses termos, menciono, por exemplo, Maria Aparecida (Lia), cuja colaboração foi de muita valia para o rendimento de meu trabalho de campo.

Lia é uma mulher de aproximadamente 30 anos, que faz questão de se identificar como negra e sonha um dia ver os “remanescentes” apossados nas terras que lhes pertencem por direito: *A gente fica alimentando a esperança que um dia tudo vai dá certo. Como minha vó dizia: um dia os donos dessas terras vão ser donos de novo*²⁰.

À medida que eu ia conhecendo os locais, Lia me falava um pouco sobre o significado de cada um, ou me levava para falar com alguém que pudesse acrescentar alguma informação a respeito.

Começamos pela igreja de Nossa Senhora da Conceição, que, para os “remanescentes”, tem um significado todo especial, pois acreditam tratar-se da mesma igreja construída pelas seis crioulas, fundadoras da comunidade; afirmam que apesar de algumas modificações, a arquitetura ainda é a mesma.

Na memória social dos “remanescentes”, aquele tempo, expressão do cumprimento da promessa feita à Santa pelas seis crioulas, “no tempo dos reis”, é testemunho de uma vitória; ou melhor, da vitória traduzida como conquista da propriedade da terra. A santa ajudou-as a comprar a terra e ganhou o templo. Aquela igreja é vista, pois, como um grande marco que assinala, no passado como hoje, a materialização do direito de permanência na terra. Esta é, portanto, a sua simbolização maior e é nesta perspectiva que

²⁰ Trecho da fala de Lia, durante o I Congresso de Negras e Negros Quilombolas em Conceição das Crioulas.

se inclui na construção de uma identidade negra pelo grupo de moradores de Conceição das Crioulas na sua luta.

Por um longo tempo, a capela teria servido de mausoléu para os “fazendeiros brancos” da região e familiares seus.

Quando visitamos essa igreja, Lia e eu, na tarde de seis de setembro ela me falou: *eles foram sepultados aqui por que eram considerados pessoas especiais.*

E, nessas condições seriam venerados nas festas religiosas católicas. Mas, conforme a tradição, houve "uma época" em que os negros não mais permitiram que continuasse existindo esse privilégio para "os brancos e ricos"; então, todos passaram a ser sepultados no cemitério.

As lápides dos que já haviam sido sepultados permanecem lá. Entretanto, no final da década de 1980, quando o movimento negro começou a florescer em Conceição das Crioulas e as discussões sobre etnia, cidadania, igualdade de direitos e luta pela terra se intensificaram, houve um período de muita "efervescência", e alguns negros se revoltaram e decidiram arrancar e destruir as lápides, como forma de vingança, por considerarem aqueles “fazendeiros” os responsáveis pela expropriação de suas terras; também como forma de apagar qualquer resquício da submissão dos “negros” aos “fazendeiros brancos”. As lápides foram arrancadas; porém, alguns mais moderados ou mais “prudentes” acharam que destruí-las seria uma forma de apagar um pouco da história de Conceição. Assim, resolveram deixá-las amontoadas num cantinho da sacristia.

Com permissão de pessoas que cuidam da igreja, entrei na sacristia e examinei aquelas lápides, todas bastante empoeiradas. Nelas, encontrei os seguintes registros:

- 1- Maria Francisca de Barros Luz, nascida em 01/01/ 1845 e falecida em 27/04/ 1920,
- 2- Manuel Justino do Nascimento, nascido em 12/12/1879 e falecido em 01/06/1923,
- 3- Odilon Barros de Alencar e Silva (major), nascido em 23/01/1869 e falecido em 31/10/1926,
- 4- Pedro Alves da Luz (coronel), nascido em 30/08/1866 e falecido 01/08/ 1931.

O cemitério ocupa uma área de aproximadamente 2.000m², e está localizado no final da vila Conceição, próximo à estrada que segue em direção aos “sítios”, do lado norte. Lá

se encontram sepulturas com registros de nomes de pessoas que os “remanescentes”, de acordo com a forma de identificação de seus descendentes, identificam como sendo negros ou brancos. Segundo os entrevistados, não há registros muito antigos, pois afirmam que o cemitério só foi construído no início do século XX. Nesses termos, as especificações (em cruces, lápides ou túmulos) mais antigas que encontrei foram:

- 1- Mariana Maria da Conceição [negra*], nascida em 20/04/1910 e falecida em 07/12/1932.
- 2- Antônio Horácio [cuja etnia não foi identificada*], nascido em 12/01/1893 e falecido em 29/09/1938,
- 3- Otoni Urbano dos Santos [branco*] nascido em 06/10/1866 e falecido em 18/09/1940.
- 4- Tristão Lopes da Silva [branco*], nascido em 05/04/1897 e falecido em 07/06/1944.

No cemitério, há outros registros de falecimentos mais recentes, como os de José Nel de Carvalho e seu irmão João Pompílio de Carvalho, falecidos, respectivamente, em 1974 e 1982. Pessoas que os “remanescentes” dizem haver se apropriado de partes de suas terras.

Há, também, naquele *campo santo*, um local especial para os negros. Um exemplo disso é a sepultura de Antônio Domingos do Nascimento, falecido em 1989. Trata-se de um dos antepassados mais queridos dos “negros”, sempre lembrado por lutar juntamente com Agostinha Caboclo pela recuperação das terras das antigas crioulas²¹.

A sepultura de Agostinha Caboclo está localizada no "terreiro" da casa em que residia, no sítio Paula e se constitui, hoje, também numa espécie de “lugar sagrado”. Ali, os “remanescentes” costumam fazer orações e ofertar flores àquela que consideram símbolo de resistência na luta pela terra e da participação histórica da mulher em Conceição das Crioulas. Agostinha faleceu no início da década de 1990, já quase centenária, deixando para as gerações sucessoras o legado de sua incansável luta.

* Identificação feita, oralmente, pelos remanescentes.

²¹ Essa luta dos dois teria se iniciado na década de 1950 e terminado na década de 1990, com a morte de Agostinha.

De acordo com os remanescentes, nos seus últimos dias de vida, ela teria pedido a seus familiares para não ser sepultada no cemitério, onde acreditava não poder descansar em paz, junto daqueles que considerava os expropriadores das terras dos negros.

A quantidade de casas fechadas e a extinção das feiras livres apontam os sinais de decadência econômica da região. O mercado público, construído em 1963 pelo então prefeito de Salgueiro, Audízio Rocha Sampaio, já foi ponto de encontro e de negócios nas feiras livres do Domingo, até o início da década de 1980, quando o algodão ainda era a principal base da economia da região²². Hoje, o prédio em que funcionava aquele mercado foi transformado numa carpintaria. Os prédios onde funcionaram a cadeia pública e o Cartório de Registro Civil estão desativados. A cadeia é, também, “lugar de memória” para os negros de Conceição das Crioulas: foi lá que aconteceram alguns episódios da "Guerra dos Urias", em 1920, tema do qual tratarei mais adiante.

Em frente à praça, no centro da vila, está localizado um prédio grande que funcionou como subprefeitura durante a primeira gestão da prefeita Creuza Pereira do Nascimento (1993-1997), tendo como subprefeito Andreilino Mendes (sindicalista e uma das lideranças do movimento de Conceição das Crioulas). Esse órgão foi desativado logo após o término do mandato da referida prefeita. A existência de uma subprefeitura em Conceição das Crioulas chamou particularmente a minha atenção, por simbolizar a descentralização do poder executivo municipal numa região marcada pelas *políticas* de oligarquias.

Em outubro do ano 2.000, Creuza foi eleita para exercer seu segundo mandato no quadriênio 2.001-2.004. Achei oportuno ouvi-la sobre a reabertura da subprefeitura de Conceição das Crioulas e entrevistei-a em 20 de fevereiro deste ano. Eis um trecho do seu depoimento acerca do assunto:

(...) tivemos na gestão anterior uma experiência de gestão descentralizada e vamos continuar nesta. A gente teve em Conceição das Crioulas e em outros distritos. O subprefeito é uma espécie de ouvidor do povo, então ele

²² A cultura de algodão no sertão pernambucano entrou em declínio na década de 1980. Isso ocorreu, segundo os técnicos da EMATER/PE, devido às secas e à praga do bicudo. Hoje, o algodão é praticamente inexistente naquela região.

ouve o que o povo tem a dizer; reúne o conselho da comunidade onde programa as festas, faz as reclamações sobre os equipamentos da prefeitura e, a gente achou que com isso começou um processo de os distritos se tornarem autônomos, ou pelo menos, visualizando o que cada distrito queria. A gente quer repetir essa experiência, já estamos com um subprefeito eleito em Umãs²³ (...). Conceição das Crioulas foi quem começou essa experiência. Mas nesta gestão não escolheu, ainda, seu subprefeito. Eles disseram que iam amadurecer mais a questão²⁴.

A praça, os açudes (na vila) e os campos de futebol (na vila e nos sítios), os barzinhos (três na vila, e raramente encontrados nos sítios) são os únicos espaços de lazer da comunidade. O Centro Comunitário (na vila) é local de realização de encontros com grande número de participantes, como o I Encontro Quilombola. Nas datas comemorativas de Nossa Senhora Assunção, em agosto, e de Nossa Senhora da Conceição, em dezembro, às quais a comunidade tem procurado imprimir (re)significações, é no Centro que se realizam as festas. Assim, de um modo ou de outro, ele também passa a ser “lugar de memória” e, aos poucos, vai ajudando a compor a tradição de Conceição das Crioulas.

Na vila, um local foi construído, em regime de mutirão, em 1996, especificamente para as reuniões dos “remanescentes”; é a “casa de reuniões”. Conta-se que quando estava quase pronta veio uma chuva forte e destruiu tudo, tendo que ser refeita.

Outro ponto de encontro, principalmente dos jovens, na vila, é a Escola de Ensino Fundamental Professor José Mendes. Para os “remanescentes”, essa denominação da escola tem um significado todo especial. Segundo contam, José Mendes foi um negro de Conceição, que nunca freqüentou uma escola e que teria estudado por conta própria, e ganhou a vida alfabetizando os filhos dos “fazendeiros” da região. Não há consenso sobre a época em que vivera e trabalhara como professor; alguns arriscam dizer que ele exerceu

²³ Umãs é o terceiro distrito de Salgueiro.

²⁴ Trecho de entrevista por mim realizada, em 20/02/2001.

essa profissão durante os anos vinte. A escola é nova, foi construída em 1995, e, para os “remanescentes”, o seu nome foi uma forma de resgatar um pouco da história dos “negros”, principalmente porque, essa escolha ocorreu no exato momento em que eles começavam a buscar elementos para a construção de sua identidade étnica. Até então, os “negros”, e principalmente as mulheres, não haviam recebido nenhuma homenagem nos locais públicos daquela comunidade. De acordo com Maria Diva (que se identifica como negra e é diretora da referida escola), houve muita resistência por parte dos “não-remanescentes”, ou dos “brancos”, conforme ela os identifica, na escolha desse nome para a escola:

Colocaram os negros contra José Mendes, dizendo que ele era contra os negros, pois ensinava aos filhos dos brancos (...) mas foi feita uma pesquisa na comunidade e esse nome foi escolhido²⁵.

Nas minhas últimas visitas à comunidade permaneci mais tempo nos “sítios”. Assim, conheci outros “remanescentes” e reencontrei alguns com os quais mantivera contato durante o I Encontro. Também conheci pessoas que, mesmo morando dentro da área dos “remanescentes”, não se identificam como um deles.

Deixando-se a vila de Conceição e seguindo-se na direção norte, após andar cerca de quinhentos metros, chega-se ao sítio Lagoa, onde se encontra a vila União das Crioulas, mencionada anteriormente.

Essa localidade também tem sua história. Conta-se que em 1993, todas as casas desse sítio eram de taipa, e que, naquele mesmo ano, teriam sido afetadas por um foco de barbeiros. Constatado o fato, os agentes de saúde teriam se reunido com os moradores para discutir uma forma de exterminar os insetos. A única solução viável encontrada teria sido a substituição desses "ranchos" por construções de alvenaria. No entanto, faltavam-lhes recursos financeiros para isso, já que seria necessário construir vinte e cinco casas. Na ocasião, Givânia, liderando a comunidade, teria levado o problema à então prefeita Creuza, que resolveu ajudá-los nesse projeto. Assim acertaram: a prefeitura doaria o

²⁵ Depoimento de Maria Diva, em entrevista feita por mim, 20/04/01.

material de construção necessário, com recursos próprios e da “emergência”²⁶ e, em contrapartida, os moradores entrariam com a mão-de-obra. Entretanto, conforme relato da própria prefeita, ocorreu o seguinte:

(...) Então, ficou tudo acertado. No dia seguinte foi o técnico da gente marcar quais seriam as casas, se não me engano com ajuda da Fundação Nacional de Saúde. Então, tinha recursos da FNS, da Emergência e da Prefeitura. Quando se chega lá, cadê que os homens queriam mais essa história! Alguém tinha "buzinado nos ouvidos deles", que o Governo não estava pagando pra ninguém se inlambuzar; aquilo era um dinheiro para eles passarem a seca. Aí a gente disse, então, que iria retirar o projeto de lá e ia ver se alguém, em outra comunidade, queria. E foram as mulheres que disseram “sim! nós queremos”. Aí começaram, elas próprias, a fazer tijolos. Em vez de fazer aquilo em três meses, nós passamos bem oito meses, porque foi com a força da mulher. No fim do projeto já havia homens que tinham aderido, estavam ajudando, fazendo alguma coisa. E elas deram a esse projeto o nome de União das Crioulas²⁷.

As mulheres da União das Crioulas escolheram esse nome para o projeto em homenagem a elas mesmas, por se considerarem vitoriosas nessa luta. Dona Toinha, uma das moradoras dessa localidade, afirma que o trabalho foi bastante pesado, mas que não tiveram nenhuma despesa²⁸:

²⁶ Referem-se à prática política (denominada também de “Frente de serviço”, “Frente de emergência” ou outros), segundo a qual o Governo Federal repassa recursos às prefeituras municipais, em períodos de seca, como tentativa de garantir a sobrevivência dos camponeses (e de suas famílias), que se tornam, assim, “empregados” por curtas temporadas, usualmente prestando serviços, como, por exemplo, na construção de barragens ou estradas.

²⁷ Depoimento de Creuza Pereira do Nascimento, em entrevista feita por mim, em 19/04/01.

²⁸ Os órgãos apoiadores do projeto União das Crioulas se responsabilizaram pela instalação da energia elétrica. Assim, por exemplo, os moradores, ao ocuparem suas casas, estas já contavam com instalações elétricas.

Essas casa aqui, nós trabaiamo, mas dizer assim, que a gente pagou alguma coisa, não! Eu mermo num bati tijolo não, qui já sou véia, mas teve muié aqui que bateu tijolo, bateu barro...

Observe-se, aqui, a incorporação de um episódio àquela tradição de participação expressiva das mulheres na história de Conceição das Crioulas. Nesse caso, o grupo enfatiza a iniciativa de as mulheres assumirem tarefas usualmente atribuídas aos homens, e também ressalta aspectos educativos e de natureza política desse acontecimento, como parte do processo de organização do próprio grupo, na busca de sua identidade étnica.

A inauguração da vila União das Crioulas deu-se sob a bênção da pastoral da Igreja Católica e com apresentações culturais da própria comunidade. Dentre elas, um verso de cordel de uma das moradoras, relatando sobre o projeto:

No começo foi uma grande confusão
O povo revoltado, não queria aceitar não
Um grupinho de mulheres, começou a trabalhar
Em companhia de alguns homens, nem desanimar!
Começaram a trabalhar, descobriram grande coisa
Ninguém ia imaginar!
O trabalho foi desenvolvendo, começou a união
O grupinho trabalhando, com muita satisfação.
Em companhia de outros órgãos, prefeitura e fundação.
Conceição pouco a pouco, foi se desenvolvendo
Os crioulos todos juntos, ao quilombo chegaremos.

Autora: Maria Eunice de Oliveira

Ainda no sítio Lagoa, onde fora construída a vila referida, seguindo mais alguns metros na direção norte, está o local em que foram encontrados os fósseis de animais (extintos) de grande porte, em 1993, ano marcado por uma grande seca no Nordeste brasileiro.

Nesse período, o Governo empreendeu um programa de obras com *frentes de emergência*, e, no sítio Lagoa, um grupo de pessoas alistadas em uma dessas frentes,

localizou, num caldeirão denominado Lagoa da Pedra, restos fossilizados desses animais, conforme identificação feita por especialistas²⁹. No que se refere à descoberta dos fósseis, os “remanescentes” não guardam boas recordações: contam que, na época, correu um boato, segundo o qual aqueles ossos fossilizados poderiam ser transformados em ouro. Estariam, portanto, diante da abertura de um promissor mercado³⁰. Nesse contexto, os descobridores dos fósseis entraram em conflito com a prefeitura de Salgueiro, pois não queriam entregar o material para pesquisa. Assim, na ocasião, muitos fósseis de animais de grande porte como os do tatu gigante e os da preguiça gigante (segundo especialistas) foram destruídos a marteladas. Hoje, os envolvidos no episódio, não gostam de falar sobre o assunto. Alguns, ainda guardam em suas casas, pedaços do que sobrou dessa destruição, mas não gostam de mostrá-los a ninguém. Tive que ser bastante paciente para convencer um senhor, que participou da destruição dos fósseis, a me mostrar os pedaços que guardava. Ele o fez, mas recusou-se a emitir qualquer comentário sobre o assunto.

Para a prefeita Creuza, o episódio dos fósseis em Conceição das Crioulas lhe trouxe muitos aborrecimentos, na forma de especulações das quais foi vítima por haver solicitado a presença dos pesquisadores:

(...) Então, surgiu o boato que a gente estava tirando os fósseis dali pra fazer ouro e, que o povo estava sendo usurpado. Com a saída do material, disseram que eu tinha vendido os ossos e tinha dado uma casa a Givânia e outra a Andrelino. Com isso, todo mundo endoidou pra cavar lá e houve um prejuízo enorme de peças quebradas.

A 350 metros de distância do local dos fósseis, encontra-se um bloco rochoso de aproximadamente dez metros de comprimento, localizado numa área de relevo plano e inclinada para o Oeste; essa pedra é marcada por quatro inscrições de uma mão. De acordo com Marcos Galindo Lima,

²⁹ Esse fato levou a Prefeitura de Salgueiro a suspender as obras e solicitar à Universidade Federal de Pernambuco a presença de estudiosos do assunto, para análise dos fósseis encontrados.

³⁰ Temática semelhante estava sendo abordada, através da novela *global*, "Fera Ferida", em exibição naquele momento.

a técnica utilizada para executar essas impressões esta repetidas em outros sítios da região. Consiste na preparação anterior de um carimbo, no qual foi utilizada a própria mão do executor. Com o auxílio de um pincel a mão do autor foi pintada com faixas paralelas observando a verticalidade dos dedos e palma da mão e depois aplicada sobre a superfície da rocha (Extraído de anexo ao trabalho de Lima, 1995).

À medida que nos distanciamos da vila de Conceição das Crioulas e adentramos nos “sítios”, o acesso a essas localidades vai se tornando mais difícil. São estradas estreitas e cheias de pedras, quase caminhos. Fazer esse percurso é compensador, especialmente pela possibilidade de apreciação da paisagem circundante. Se for época de estiagem, podemos observar uma vegetação constituída por xerófilas, como mandacaru, facheiro, faveleiro, aveloz, xique-xique e algumas outras espécies de maior porte como a catingueira, a braúna, a jurema, a algaroba, o angico e o umbu. Estas últimas sem nenhuma folhagem e com seus caules encobertos pela poeira da estrada.

Entretanto, quando as chuvas voltam a cair no Sertão, em poucos dias a folhagem começa a enverdecer, dando um novo aspecto àquela paisagem. A ramagem brota por entre as árvores, proporcionando excelente pastagem para os animais.

O principal rebanho da região é o de caprinos, animais que melhor se adaptam à pastagem seca. Mas, há também, o gado bovino que, em épocas de estiagem, é alimentado por folhas e vagens de algaroba, palmas e mandacaru queimado. Também é comum se encontrar pastando nos campos grande quantidade de jumentos que, nessa região, ainda são utilizados como meio de transportes de pessoas e cargas.

1. 3. UMA REDE DE INTERAÇÕES

A vila de Conceição das Crioulas é o ponto de convergência de toda a comunidade. Lá se realiza a maioria das reuniões que tratam dos interesses gerais da comunidade (principalmente as relacionadas à luta pela terra), contando, sempre, com grande participação de moradores dos “sítios”, nos quais, conforme referido anteriormente, reside a maior parte da população.

Há grande circulação, diária, de estudantes dos “sítios” para a vila, onde está localizada a única escola de Ensino Fundamental, completo, a que tem acesso a comunidade. As escolas dos “sítios” são distantes umas das outras e nelas só funcionam as primeiras séries do Ensino Fundamental.

As igrejas (católica e evangélica) também atraem grande número de pessoas dos “sítios”, que se dirigem aos templos, onde ocorrem celebrações e outras práticas religiosas, de acordo com especificidades de cada instituição dessas. Indo à vila, os moradores dos “sítios” aproveitam para visitar amigos e parentes e fazer compras. Há algumas “vendas” localizadas nos sítios, mas sempre distantes, pelo menos, dez quilômetros umas das outras.

Assim como há essa grande movimentação de residentes dos “sítios” para a vila, ocorre também o mesmo, na direção inversa. Diariamente, pessoas do núcleo central se deslocam para os sítios, principalmente por razões de trabalho. A população sobrevive de pequenos roçados, criação de caprinos e artesanato ou extrativismo vegetal. Há artesãos residentes nos “sítios” e outros na vila, mas os pontos de extração de matérias-primas localizam-se nos primeiros. De lá, retiram, por exemplo, a madeira, nas caatingas; e a palha, o caroá e o agave, nos pés-de-serra. Nessa busca de material se deslocam para os mais distantes “sítios” como Rodeador, Sítio e Queimadas; às vezes, os trabalhadores ultrapassam os limites da área de “remanescentes” e vão pegar matérias-primas dentro da vizinha reserva indígena Atikum, mantendo contato com as aldeias daquela tribo.

Além da atividade econômica, a recorrência aos centros espíritas (terreiros), às benzedeadas e ao trabalho das parteiras intensifica, também, a interação entre as

localidades. E, ainda, há uma movimentação dos agentes de saúde que visitam, periodicamente, todas as residências da comunidade e professores. Estes, geralmente, moram na vila e se deslocam diariamente, para lecionar nas escolas dos sítios.

Quanto ao contato de Conceição das Crioulas com a sociedade exterior, este ocorre mais freqüentemente com Salgueiro. Todas as noites, os estudantes do Ensino Médio ou alguns poucos de curso superior, se deslocam para Salgueiro, fazendo um percurso diário de noventa e dois quilômetros (ida e volta), em cima de caminhonetes ou caminhões, que nem sempre lhes oferecem segurança. Em Salgueiro, de acordo com Lia – estudante de Ensino Médio – o grupo é visto com um certo estigma: *Basta a gente chegar ali em Salgueiro, que a gente já ouve alguém dizer: ‘aquilo são os negros de Conceição! Só podia ser os negros de Conceição mesmo!’ Isso é muito triste*³¹.

Aos sábados, dias de feira em Salgueiro, muitas pessoas de Conceição se deslocam à cidade. Geralmente, levam algo para vender: artesanatos, bodes ou umbu (na época da safra). Os produtos agrícolas nunca sobram para serem comercializados; na maioria das vezes, sequer são suficientes para alimentação das famílias.

Há, embora em menor escala, uma movimentação da cidade de Salgueiro para Conceição das Crioulas. São pessoas que buscam ajuda nos centros espíritas; junto aos políticos que não querem perder o vínculo com seu eleitorado; estudantes que visitam a comunidade para pesquisar sua história ou pessoas da Igreja católica que trabalham nas pastorais. E, ainda, visitas de jornalistas e pesquisadores de outras regiões.

A observação dessa teia de relações sociais, em Conceição das Crioulas, me leva a pensar que, internamente, tais relações são mais intensas e mais importantes, pois, colocam a comunidade dentro de uma dinâmica social de interações, contribuindo, assim, para a integração e a unidade do grupo, enquanto comunidade negra, remanescente de quilombos.

1. 4. TRABALHO E VIDA ECONÔMICA

³¹ Depoimento de Maria Aparecida Mendes (Lia), em entrevista feita por mim, 11/01/00.

Os moradores de Conceição das Crioulas têm no acesso à terra e no trabalho familiar a garantia de sua sobrevivência. Todas as suas atividades econômicas estão, de algum modo, ligadas à terra, e a privação desta implica a dependência econômica de uns em relação a outros.

Ao contrário do que ocorre em outras comunidades remanescentes de quilombos, em Conceição das Crioulas, o uso da terra não é coletivo. Ali, os “remanescentes” possuem o título das terras, desde junho de 2.000, mas ainda, não estão apossados delas. A maioria das terras está na forma de grandes propriedades, sob o domínio de “fazendeiros” (não-remanescentes), o que dificulta o acesso dos primeiros. A posse de um “pedaço de terra” por alguns poucos “remanescentes” (pelo menos até o final desta pesquisa) não significava a eliminação dessas dificuldades, uma vez que se situavam em locais distantes de suas residências e em áreas íngremes como as serras ou os serrotes. Essas terras, segundo os entrevistados, foram o pouco que os “negros” conseguiram "livrar" da "invasão dos brancos". Ressalte-se, porém, que, ter a posse da terra, não se constituía elemento diferenciador, entre esses "proprietários" e os outros sem nenhum domínio territorial, já que a luta pela terra, na perspectiva do Movimento, é de todos que, em Conceição das Crioulas, se consideram integrantes de uma história comum, que remonta à existência das “seis crioulas” num passado longínquo, rememorado no presente, constantemente (re)significado.

Em relação às terras que estão em posses de alguns “remanescentes”, afirma Lia:

*(...) como a gente vê, pra se chegar aqui passa por dentro das fazendas. Se vai para o sítio Paus Brancos, primeiro a gente passa por dentro de um monte de fazendas. Se a gente vai pra roça, passa por dentro da terra dos outros e vai trabalhar lá em cima dos serrotes, de um monte de pedra e assim por diante*³².

A privação da posse da terra leva muitos “remanescentes” a trabalharem como meeiros ou “rendeiros”, nas terras que julgam serem suas, mas que estão em mãos de outros, que eles denominam de *fazendeiros brancos*, dividindo com estes a pouca

³² Trecho de depoimento colhido durante o I Congresso de Negras e Negros Quilombolas em Conceição das Crioulas, fevereiro de 2.000.

produção que a terra lhes oferece. Ou, vendem a sua força de trabalho, o que não lhes vale mais que uma diária, igual ou inferior a R\$ 5,00 (cinco reais).

Sendo a agricultura, a criação de animais e o extrativismo vegetal as principais atividades econômicas dos remanescentes, a terra torna-se um elemento fundamental para a sobrevivência em Conceição das Crioulas. Conforme se sabe, nos meses de dezembro e janeiro começam a cair as primeiras chuvas no Sertão (exceto nos anos de seca). Nesse período, inicia-se o plantio de milho, feijão, mandioca e abóbora. Numa pequena área chamada de "terras comuns", algumas famílias plantam suas roças livres das obrigações da "meia" ou "renda". Essas "terras comuns", segundo alguns entrevistados, eram de antigos herdeiros e nunca foram divididas. Como em Conceição das Crioulas todos são da "mesma família", as terras acabaram se tornando de "uso comum", embora não sejam suficientes para a coletividade.

O livre acesso a essa área não implica a possibilidade de os seus "donos" produzirem tudo aquilo de que são capazes ou sentem necessidade, pois lhes faltam recursos financeiros. Uma vez que ainda não estão de posse das terras, não há como negociar crédito rural com ou bancos ou cooperativas agrícolas. A produção fica restrita à sobrevivência das famílias, que estocam seus produtos para garantir, pelo menos a alimentação básica, até a colheita seguinte, o que nem sempre acontece, pois na maioria das vezes, a produção é insuficiente. A venda de parte desta, levada à feira em Salgueiro em cima de um caminhão, não constitui excedente de produção, mas traduz a necessidade de adquirirem mercadorias como remédios, roupas e outros. A criação de animais como porcos, bodes e galinhas se constitui num complemento alimentar das famílias. Ocasionalmente, tais animais podem ser vendidos para o suprimento de outras necessidades.

As associações comunitárias são a principal forma de organização política dos "remanescentes" em Conceição das Crioulas, e, também, uma forma de organizarem suas atividades econômicas. As associações estão localizadas principalmente nos "sítios" e têm por finalidade lutar junto às instituições governamentais e não-governamentais pela implantação de projetos voltados para a agricultura e criação de animais.

No sítio Paula, temos um projeto que já tá o dinheiro no banco pra implantar. É um projeto de criação de cabritos e estamos fazendo outro, de criação de galinhas, financiado pela EMBAPE, que vive nos acompanhando; tem projetos e tem cursos que a gente faz acompanhada pela EMBAPE e o Banco do Nordeste (Valdeci, 08/09/00).

Os “remanescentes” lembram que, até 1983, a criação de caprinos era uma atividade muito mais lucrativa. Nessa época, havia em Salgueiro um dos maiores curtumes do Nordeste, absorvendo toda a produção de pele da região. Entretanto, este foi vendido ao Curtume Carioca, que o transferiu para o pólo econômico de Petrolina. Na época em que contava com o curtume, Conceição das Crioulas era um dos principais produtores de pele da região. O encerramento das atividades daquela empresa em Salgueiro, o declínio da cotonicultura e a ocorrência de grandes secas, nas décadas de 1980/1990, estão entre as principais variáveis consideradas como responsáveis pelo declínio econômico da região e pela busca de outras alternativas de sobrevivência, por parte da população local.

Esse declínio econômico teria levado muitos agricultores em Conceição e áreas adjacentes a adotarem meios ilegais de sobrevivência. É por esse ângulo que, não raro, pessoas procuram explicar a ampliação dos plantios de maconha, comumente encontrados por ali, em fazendas abandonadas e em áreas de difícil acesso.

A exemplo do que ocorre (ou ocorria) em boa parte dos sertões nordestinos, o milho e o feijão são itens básicos na alimentação das famílias de Conceição das Crioulas. Ao mesmo tempo, essas culturas agrícolas quase sempre são prejudicadas pela estiagem e a falta de fertilidade do solo. Nesses casos, a população pode recorrer a alguns vegetais nativos como a macambira, cujos tubérculos são utilizados na produção de um tipo de massa para o preparo do angu e do cuscuz.

O umbu, encontrado em grande quantidade em toda a área de Conceição das Crioulas, também é usado como complemento alimentar pelos “remanescentes”. A coleta do fruto é feita principalmente por mulheres e crianças. O umbu pode ser consumido em forma de umbuzada (mistura de umbu, leite e açúcar) ou *in natura*.

Preocupada, no plano mais geral, com a implementação de uma política de valorização da produção regional de alimentos e, numa perspectiva mais imediata, com a baixa lucratividade proveniente da extração do umbu, pela população de Conceição das Crioulas, a prefeita de Salgueiro, Creuza Pereira do Nascimento, pensava (à época da minha pesquisa) em incorporar esse produto à merenda escolar do município:

Agora mesmo é época de umbu lá em Conceição, eles enchem os caixotes e vêm pra Salgueiro vender o umbu e, às vezes, o que eles apuram não dá pra pagar o transporte. Então, a gente tá vendo com alguns empresários, e também com eles lá em Conceição, pra ver se a gente encaminha projetos, pra que se faça alguma coisa na linha de despolpar e guardar o umbu, para que a gente possa colar isso na merenda escolar³³.

O artesanato em cerâmica, como potes, panelas etc., ou em palha e caroá, como esteiras, vassouras, cestos, tapetes e bolsas se constitui mais numa atividade cultural do que de fins comerciais. Segundo os artesãos, continuar com essa atividade é uma forma de manter viva uma tradição de seus antepassados, uma vez que os lucros não compensam. Simultaneamente, na esperança de que seus produtos possam vir a se valorizar, pensam em formar uma cooperativa através da qual possam comercializá-los no mercado lá fora.

A única fonte de renda, fixa, de Conceição das Crioulas são as aposentadorias e pensões do INSS, fato freqüentemente encontrado nos sertões nordestinos. Assim, muitas vezes, um salário mínimo é a única fonte de sustento de uma família de até dez pessoas. Em número bem menor, encontram-se na comunidade funcionários públicos, como os professores, os agentes de saúde, os auxiliares de serviços gerais e outros. Os programas de combate, como se sabe, à seca não são permanentes; conforme referido antes, são emergenciais, implementados apenas em período de longa estiagem e extintos tão logo caíam as primeiras chuvas no sertão. A rigor, favorecem apenas uns poucos privilegiados, seus supostos coordenadores, muitos dos quais, enriquecidos, ilicitamente, por meio de

³³ Depoimento de Creuza Pereira do Nascimento, em entrevista feita por mim, 19/04/01.

práticas inescrupulosas que passaram à história sob a denominação genérica de "indústria da seca"³⁴.

A falta de alternativas de trabalho e produção em Conceição das Crioulas faz com que muitas pessoas, principalmente os jovens, abandonem o movimento de luta pela terra e de construção da identidade étnica de seu grupo, para buscar melhores condições de vida em outras regiões. A prefeita Creuza relatou o teor de uma carta que recebera de um desses jovens que havia emigrado, e sua conversa com esse mesmo jovem, ao retornar a Conceição:

*(...) Um menino de lá foi embora pra São Paulo e me escreveu nesses termos: 'Dona Creuza, estou fugindo, ainda não é da polícia, mas bem que poderia ser'. E quando ele voltou, a passeio, me disse o seguinte: 'mas não é verdade, dona Creuza? Eu sou filho de mãe solteira, com seis irmãos pra ajudar e eu não via como. Ou eu entrava na dos outros, de passar um pacotinho de maconha, e depois ficar nessa, porque eles não pagam, eles deixam sempre a pessoa presa para o próximo, ou eu tinha de ir embora. E muitos dos que entraram nessa morreram cedo. Então, se ficasse, eu estava condenado a isso'*³⁵.

Fatos dessa natureza apontam os estreitos limites da perspectiva de vida e de futuro dos jovens remanescentes. Mas, nem todos desanimam. Há aqueles que acreditam na força da organização da comunidade. Como a professora e vereadora Givânia que, durante o I Congresso, conclamou a comunidade a lutar por melhores condições de vida:

(...) Ou a gente se une pra lutar por melhorias, ou elas não vêm sozinhas. A gente tem que lutar pra dizer não à violência; temos que fazer um trabalho de recuperação da

³⁴ Os "programas de emergência", de iniciativa do Estado, destinados a combater a seca no sertão, geralmente, são coordenados por cabos eleitorais dos prefeitos e, freqüentemente, as obras iniciadas através dessas ações não são concluídas, sendo comum o desvio, para outros fins, de recursos a eles destinados.

³⁵ Depoimento de Creuza Pereira do Nascimento, em entrevista feita por mim, 19/03/00.

*auto-estima do negro e da negra de Conceição das
Crioulas.*

1. 5. ORGANIZAÇÃO SOCIAL E POLÍTICA EM CONCEIÇÃO DAS CRIOULAS

Ao longo da história de Conceição das Crioulas, por múltiplas razões e em circunstâncias as mais diversas, contatos foram se estabelecendo com a sociedade circundante. Se, por um lado, isso significou a inserção dessa comunidade no contexto local, por outro, representou a sua legitimidade e a concretização de um espaço que ficaria conhecido como "terras das crioulas".

O simples crescimento populacional, o exercício de atividades econômicas, bem como o estabelecimento de contatos de indivíduos ou grupos dessa localidade com os de outras, enfim, a persistência de processos interativos, nos âmbitos interno e externo, levam à constituição de uma organização de poder político local. Do ponto de vista estrutural, tal organização, de um modo ou de outro, articula-se a outras "instâncias relacionais". Refiro-me, no caso, por exemplo, ao parentesco e às relações econômicas. Essa estrutura política se torna importante, também, nas relações como o "mundo de fora" e no estabelecimento de uma unidade grupal em momentos de resistência à imposição interesses externos. Nesse sentido, é necessária a instituição de líderes, de fato legitimados pela comunidade, para coordenar os movimentos sócio-políticos e econômicos, criando, assim, um sistema com vida própria e estrutura de poder.

O mito da fundação de Conceição das Crioulas já vem acompanhado de uma história de liderança. Excepcionalmente, uma liderança de mulheres, "as seis crioulas". A tradição oral é enfática em apontá-las como mulheres fortes e resistentes, que, desafiando os padrões sociais da sua época, exerceram grande influência sobre seu grupo, na coordenação dos trabalhos, no plantio e colheita do algodão, no firme propósito de adquirirem a posse legal da terra, através da compra. Em outros momentos da história de Conceição, especificamente quando aquelas pessoas começaram a ser expropriadas por outras, vindas de fora, atraídas talvez pela qualidade do solo propício ao plantio de

algodão e à criação de gado, também foram as mulheres que se destacaram na luta pela recuperação daquelas terras.

Já vimos que, dada a própria conotação de mito, nas suas narrativas, a comunidade constrói uma temporalidade referenciada em outros códigos e nela não inclui datas (Eliade, 1992). Assim, no caso, não aponta datas para o início dessa expropriação. Guarda, sim, nomes de alguns supostos expropriadores. Uma moradora do sítio Sítio, que não quis se identificar, em depoimento prestado à Fundação Cultural Palmares, 1998, fez o seguinte comentário:

Titia falava que existia essa terra do povo de Conceição; aí, depois que o velho Nel chegou, chamavam ele de "Velho Nel", ele rico, aí se apossou do terreno. Titia falava isso aí que eu me lembro, e que o padre Zé Pedro tava querendo medir as terra dele, que ele tinha umas questão, aí eu ouvia titia dizer que só tinha escritura naquela terra das mulher, essas caboca de Conceição.

A resistência à expropriação das terras das crioulas foi um dos fatores que contribuiu para a instituição de lideranças e, conseqüentemente, de uma estrutura política organizada em Conceição das Crioulas. Curiosamente, os nomes que aparecem como sendo de lideranças que se destacaram na fundação de Conceição das Crioulas e na luta pela recuperação da terra são quase todos de mulheres. Os “remanescentes” lembram, freqüentemente, de: Chica Ferreira, Mendencha Ferreira, Francisca Presidente, Francisca Macário, Maria Solano, Isabel Coração, Romana, Martinha, Sabrina, Maria Rosa, Rosa Ferreira, Antônia Carneiro, Matilde, Januária e Agostinha Caboclo.

O único nome de homem, sempre lembrado na história de Conceição das Crioulas, é o de Antônio Domingos. Mesmo assim, ele aparece como coadjuvante, sendo o companheiro de Agostinha Caboclo, nas viagens em busca de recuperar a posse da terra.

A menção ao nome de Agostinha Caboclo é recorrente e ela aparece como uma das principais lideranças de Conceição das Crioulas. A sua morte, no início da década de 1990, encerrou um longo período em que as mulheres estiveram à frente da luta pela terra.

Coincidentemente, a morte de Agostinha, ocorre, exatamente no momento em que uma nova forma de luta pela terra estava começando a ser estruturada em Conceição.

Esse novo movimento contempla, além da posse da terra, a construção de uma identidade étnica (negra) dos habitantes de Conceição das Crioulas, enquanto remanescentes de quilombos. Isso vai se construindo a partir de uma ideologia de grupo, em que determinados conceitos como negritude, etnia, e terras dos negros, vão ganhando significado e vão estabelecendo critérios que selecionam quem pertence ou não àquela comunidade.

A reestruturação da luta pela posse da terra, em Conceição, ampliando-se para o plano étnico-cultural, demandou a necessidade da reorganização da estrutura política da comunidade. Então, foram surgindo (ou se redefinindo na sua organização) entidades como sindicatos e associações, com o objetivo de fortalecer a luta pela terra e defender os interesses gerais da comunidade.

A entidade com o maior número de filiados, na área, é a *Associação Quilombola*, com sede na vila de Conceição das Crioulas. Em nome desta associação, o Governo tituló as terras reivindicadas pelos “remanescentes”. As demais associações estão localizadas nos “sítios”. Geralmente, cada “sítio” tem a sua, ou se forma uma para cada dois “sítios”, considerando a proximidade entre eles ou o número de habitantes de cada um. O principal objetivo de tais entidades é lutar junto aos órgãos governamentais e não-governamentais pela implantação de projetos agropecuários nos quais possam se inserir os camponeses de Conceição das Crioulas.

Além das associações, como espaços de articulação, os “remanescentes” costumam realizar, periodicamente, seminários e encontros para tratar dos problemas da comunidade. Um exemplo disso, foi o I Congresso de Negras e Negros Quilombolas em Conceição das Crioulas, realizado nos dias 12 e 13 de fevereiro de 2000, no qual estive presente. Esse congresso foi programado para cem pessoas. No entanto, se inscreveram e participaram cento e dez, representantes da vila e de todos os “sítios”. Todos os participantes, ao se apresentarem no início do Encontro, se identificavam como negros, negras remanescentes de quilombos ou quilombolas (no caso, termos ou expressões, auto-identificativos, por eles usados com o mesmo significado).

Durante o Encontro, as discussões giraram em torno da luta pela posse da terra, da importância da construção de uma identidade étnica e cultural do grupo, enquanto remanescentes de quilombos e, outras questões de ordem econômica e social.

A defesa da posse da terra, a questão étnica e a importância da unidade do grupo estavam presentes nos discursos de quase todos os participantes desse encontro; sendo que, em algumas falas, podia se perceber muito mais do que isso. Vejamos o que falou o Senhor Expedito, presidente de uma das associações dos sítios:

(...) é importante se reunir nesse encontro, ter coragem de lutar pelas terras e pelas raízes, dizer sempre a verdade, ter conhecimento da paz e trabalho e em defesa dos mais fracos, dos negros, porque também sou negro, e eu queria dizer a ramicês qui o problema qui ocorre cum nossa comunidade é o mesmo de cada um. Todos nós fomos tirados de nossa terra não vendemos (...) e hoje, nós tamo num país de democracia, num país de direito, onde o cidadão tem direito, tem vez, tem bravura e luta por seus direitos. É isso que eu digo a ramicês e a eu mesmo: somo negro, somo pobre, não escondemos isso...(grifos meus).

Chamo a atenção, nas passagens sublinhadas do trecho acima, para o lugar ocupado pela terra na luta; para a noção de pertença ao grupo, reafirmando a condição de negro (negada no passado), deixando transparecer uma espécie de necessidade de auto-convencimento; para a articulação que o militante procura estabelecer entre a questão da terra e questão étnica; e articulação, também, entre os planos individual e coletivo. Enfim, observe-se, aqui, o esboço de uma espécie de consciência em construção, tanto no que concerne à luta pela terra, como no que diz respeito à própria organização do grupo. Nesse sentido, vejo, neste breve texto, lições de educação e auto-educação, em que se articulam saberes diferenciados como peças de um quadro extremamente complexo, mesclando-se, exemplarmente, o político, o cultural e o social.

O Encontro teve como convidada especial a Senhora Maria Emília da Silva, conhecida como Dona Liosa, de 79 anos, moradora do sítio Massapê, que veio

demonstrar, na prática, a transformação do algodão em fios, utilizando uma peça de madeira conhecida como *fuso*. Essa apresentação tinha como objetivo ilustrar como teria sido o trabalho das seis crioulas, na fiação de algodão, fonte de renda com a qual teriam pago as terras ao "rei".

De acordo com Givânia, coordenadora do Encontro, Dona Liosa é uma pessoa muito importante para aquela comunidade, pois foi graças ao seu depoimento prestado à Fundação Cultural Palmares, relatando o mito de origem de Conceição das Crioulas, e a alguns fatos que apontaram para o processo de expropriação das terras dos negros, que o relatório de reconhecimento de Conceição das Crioulas como comunidade remanescente de quilombos foi aprovado e publicado no Diário Oficial da União, em 11/09/1998.

Após a abertura do Encontro, e a algumas discussões, os participantes dividiram-se em grupos com a finalidade de identificar problemas urgentes da comunidade e propor possíveis soluções, a serem, em seguida, examinados por todos. Ao retornarem à plenária, os grupos apresentaram como problemas: a improdutividade da terra, a falta de acesso a esta, a falta de apoio financeiro, o desemprego, a violência, a presença do plantio de maconha na área “remanescente”, o preconceito étnico e o analfabetismo. E, como soluções, eles propuseram: lutas mais sólidas, a busca de informações, a adesão de todos os negros à luta pela terra, a luta contra o racismo, maior articulação entre as associações, e lutas por melhorias nos setores de educação, saúde e segurança.

Esse Encontro evidenciou a presença de fortes lideranças e nomes respeitados em Conceição das Crioulas. Como pessoas mais idosas, destacavam-se: Dona Liosa, Seu Virgínio e Seu Expedito e, dentre as mais jovens, líderes como: Andreilino Mendes, Lia, Márcia, Cícera e Givânia, entre outras.

De acordo com Arthur M. Schlesinger Júnior,

(...) o conceito de liderança ressalta a capacidade de alguns indivíduos comoverem, inspirarem e mobilizarem massas populares, de forma a caminharem juntos na busca do mesmo objetivo (...). Quando o objetivo do líder é a abolição da escravatura, a libertação da mulher, a ampliação de oportunidades para pobres e

desamparados, a extensão dos direitos iguais para as minorias raciais, a defesa da liberdade de expressão e de oposição, é provável que a sua liderança seja uma contribuição para o aumento da liberdade e do bem-estar humanos (...). O benefício que os grandes líderes propiciam é o de encorajar-nos a viver conforme nossa consciência, a sermos ativos, perseverantes e resolutos na afirmação de nossa própria opinião sobre as coisas. Pois os grandes líderes atestam a realidade da liberdade humana contra as supostas inevitabilidades da História (Schlesinger. IN: Oliveira, 1998: 52).

Conforme assinalado, de diversas maneiras, em várias passagens desta dissertação, dentre as lideranças jovens que coordenam o movimento social de luta pela terra e pela identidade étnica em Conceição das Crioulas, uma se destaca, pelo seu poder de conduzir o grupo nas discussões e na aceitação de idéias e valores por ela defendidos. É a professora Givânia Maria da Silva, de aproximadamente trinta e cinco anos, que se diferencia dos outros, em parte pela sua formação: até então, era a única pessoa da comunidade, portadora do diploma de curso superior; além disso, salta aos olhos de qualquer observador a sua capacidade de expressão e comunicação com o grupo. A liderança de Givânia não anula a participação dos homens nesse movimento. Ao contrário, há entre eles aqueles que também se sobressaem. Mas, em relação a atividades como a coordenação dos eventos, viagens e elaboração de documentos, cabe principalmente à Givânia realizá-las, embora contando, sempre, com a atuação de outros integrantes da comunidade.

A liderança de Givânia é reconhecida e legitimada na comunidade. Vejamos dois depoimentos:

*Hoje, quem mais atua em Conceição das Crioulas é Givânia*³⁶.

³⁶ Depoimento de Andreilino Mendes, em entrevista feita por mim, em 13/02/00.

(...) Givânia foi a primeira pessoa a sair e conhecer a história dos negros. Ela participou de um encontro no Maranhão, onde tem um movimento negro também, e lá ela teve apoio deles e, daí para cá a luta não parou mais. (Valdeci).

Observe-se nesse caso, portanto, mais uma vez, a presença feminina, como expressão de liderança em Conceição das Crioulas.

Analisando a atuação política exercida por Givânia, na atualidade, e comparando-a com aquela exercida por Agostinha e suas antecessoras, percebe-se que existem diferenças significativas. Até porque, trata-se, hoje, de uma nova luta, que assume novas características, com dimensões mais amplas, dentro de uma sociedade que se transformou também com o passar do tempo. E, dentro dele, as ações de homens e mulheres, ali, se transformaram. Em primeiro lugar, porque passaram a se perceber como negros e negras, rompendo, assim, com uma tradição secular, de negação da negritude por motivo de medo ou vergonha, enquanto hoje é motivo de orgulho. Então, Givânia, Lia e Valdeci são mulheres completamente diferentes de Agostinha Cabocla, Mariana e outras, que viveram em outra época, que eram analfabetas, que não conheciam a importância política do exercício da cidadania (temas que tampouco entraram na pauta do seu tempo, ali) e, por isso, acabavam se deixando enganar pelos cabos eleitorais dos coronéis daquela época.

Dona Maria Antônia, 60 anos, afirma lembrar muito de uma época em que não sabiam, sequer, em quem estavam votando.

A gente aqui era tão de um jeito, que quando a gente, da era qui eu cumecei a votar, cum dezoito ano, ôxente! Mas era tão dum jeito, que eles, sabidão daqui, ingabelava a gente. Num tinha pobrema de possuir título não! Votava na foia, lá ia, votava, um votim, ninguém sabia quem era vereador, quem era juízo, nada, nada, nada... nem quem era qui tinha ganhado³⁷.

³⁷ Depoimento de Maria Antônia, em entrevista feita por mim, em 08/09/00.

Diferentemente daquela época descrita por Dona Maria Antônia, hoje, Conceição das Crioulas é uma comunidade que se diz politizada (e é reconhecida como tal), onde os habitantes se organizam através de sindicatos e associações e da militância política partidária.

O sindicato rural ao qual os “remanescentes” estão ligados é o de Salgueiro. Como nos últimos dez anos a diretoria desse sindicato vem tendo expressiva participação de pessoas de Conceição das Crioulas, esse órgão tornou-se, também, grande colaborador da organização do movimento negro daquela comunidade. Além do sindicato dos trabalhadores rurais, boa parte da população feminina de Conceição das Crioulas está ligada ao Movimento de Mulheres Trabalhadoras Rurais, uma entidade regional, com sede em Serra Talhada, a cem quilômetros de Salgueiro.

A participação na política local é outra dimensão da organização dessa comunidade, na atualidade. Nas três últimas eleições municipais, pessoas da comunidade, disputaram vagas na Câmara Municipal de Salgueiro, e, conforme referido antes, Givânia foi uma das vencedoras, conquistando o cargo de vereadora, pelo PT, no pleito de 01/10/00, tendo recebido a segunda maior votação.

O discurso de Givânia evidencia uma história de luta, muito complexa:

A nossa sociedade é movida por três grandes contradições: de classe, de raça e de gênero. E, eu carrego as três contradições; de ser mulher, de ser negra e de ser de classe social baixa. Ou seja, sou pobre, sou professora, filha de agricultor; enfim esse é todo o meu perfil. Uma das coisas que contribuiu para que eu conquistasse meu espaço, primeiro foi a autodeterminação que eu tenho tido e que eu vou encarar isso, e depois eu finjo que não escuto, finjo que não vejo. Se eu parasse para pensar no que as pessoas dizem, no que as pessoas imaginam, no que as pessoas querem que eu assimile, eu talvez não tivesse abraçado essas três bandeiras, que para mim são fundamentais. Então, eu

vejo que a minha inserção no mundo da política, foi movida por uma das contradições que é a questão de classe. Essa é uma luta imediata, pra que a gente conseguisse um espaço mais igualitário, mais democrático. Ao me inserir nesse meio, eu vi, também, que não era só isso, nós éramos, também, um grupo que tinha características específicas e que isso estava sendo tratado de maneira diferente. Então, parto pra mais uma contradição que é discutir a questão racial, há uma primeira que é o homem é a mulher negra. Embora os dois sejam discriminados, mas, mesmo o homem negro ainda tem tratamento diferenciado da mulher negra e, isso não é uma questão de Conceição das Crioulas ou do Brasil, mas, uma questão mundial³⁸.

As palavras de Givânia trazem um discurso ideológico que contempla outras questões, além da luta pela terra e do movimento étnico cultural. É um discurso que se estende a outros problemas de abrangência nacional ou internacional como a democracia, as contradições de gênero, classe e etnia. É, também, esse ecletismo presente na luta de Givânia que faz de sua liderança, uma liderança diferente daquela exercida pelas suas antecessoras.

Como é de se esperar, até mesmo diante da heterogeneidade que marca a composição da sua população, nem todos os habitantes de Conceição das Crioulas reconhecem o poder de liderança das mulheres; principalmente aqueles que não se consideram “remanescentes”, como o Senhor Manuel Leite, 90 anos:

(...) nunca alcancei esse tempo de muié mandano aqui não. A orde é dos home! Onde diabo é que muié governa nada? Então num tinha home nesse tempo? Eu acho que era assim mermo! Num vê falar nas crioulas? Então

³⁸ Depoimento de Givânia Maria da Silva, em entrevista feita por mim, em 13/11/00.

*num tinha homem! Hoje as que quiere mandar num dá certo*³⁹.

Dessa forma, causando polêmica e dividindo opiniões, as mulheres negras de Conceição das Crioulas seguem lutando em defesa de sua comunidade, exercendo, pois, uma função política importante. Se, no passado, lutavam somente em função da terra, como um direito de herança dos “descendentes das crioulas”, hoje elas estão mais fortes e mais organizadas, ampliando essa luta para o plano étnico e em defesa do que definem como interesses gerais da comunidade. A participação masculina, sem dúvida, existe; mas, com menor expressividade política. A rigor, a atuação das mulheres em Conceição das Crioulas é uma tradição histórica.

³⁹ Depoimento do Senhor Manuel Leite, em entrevista feita por mim, em 06/09/00.

2. A LUTA PELA TERRA E O DESPERTAR DA NEGRITUDE

“A questão da negritude não é uma questão padrão. Todo mundo não tem que ter a mesma cor e o mesmo cabelo (...) A questão da negritude é uma questão histórica, é uma questão de raízes culturais de seus antepassados, de sua ancestralidade. Você pode ter o tom da pele claro, mas pode ser descendente de negro”.

(Givânia Maria da Silva)

2.1. GRUPO ÉTNICO: CATEGORIAS DE IDENTIFICAÇÃO

A discussão sobre o conceito de etnicidade é bastante complexa, no campo das Ciências Sociais. Alguns autores tratam a questão sob pontos de vista diferenciados, o que possibilita uma compreensão mais profunda da complexidade desse conceito.

Neste trabalho, utilizo-me das noções de *grupo étnico*, *comunidade* e *fronteiras étnicas*, tratadas, dentre outros, respectivamente, por Max Weber e Fredrick Barth.

Weber, em *Economia e Sociedade*, dedica um capítulo às relações comunitárias, étnicas, fazendo uma distinção significativa entre etnia e raça, o que vem, de uma certa forma, desfazer confusões persistentes entre os dois conceitos. De acordo com a abordagem de Weber, o que distingue a pertença racial da pertença étnica é que a primeira é "realmente" fundada na comunidade de origem. Enquanto que a pertença ao grupo étnico associa-se à crença subjetiva na comunidade de origem¹.

Para Weber, os grupos étnicos são:

(...) aqueles grupos humanos que em virtude de semelhanças no habitus externo ou nos costumes, ou em

¹ Weber, Max. IN: Streiff-Fenart. *Teorias da Etnicidade*. São Paulo, UNESP, 1997.

ambos, ou em virtude de lembranças de colonização e imigração, nutrem uma crença subjetiva na procedência comum, de tal modo que esta se torna importante para a propagação das relações comunitárias, sendo diferente se existir ou não uma comunidade de sangue afetiva (Weber, 1991: 270).

Ainda em relação aos grupos étnicos, Weber afirma:

(...) Assim como não se pressupõe uma real comunidade de origem, os grupos étnicos também não pressupõem uma real atividade comunitária. Eles existem apenas pela crença subjetiva que têm seus membros de formar uma comunidade e pelo sentimento de honra social compartilhado por todos os que alimentam tal crença. (in: Streiff-Fenart, 1997: 38)

Nesse sentido, o autor acredita que os grupos étnicos são uma construção social, na qual a identidade étnica se edifica a partir da diferença. Assim, o sentimento entre “os iguais” não pode ser separado da repulsa às "diferenças". E, o sentimento de pertença não é criado a partir do isolamento, mas, da comunicação da diferença, da qual os indivíduos se apropriam para demarcar suas fronteiras étnicas.

Enquanto Weber se preocupa principalmente com o aspecto político da questão étnica, expresso pelas tensões que se instauram na competição entre os grupos que disputam posições privilegiadas na hierarquia social, Barth faz recair maior ênfase na sua dimensão ideológica, abordando a noção de fronteiras entre os grupos étnicos. Assim, para Barth, a expressão *grupo étnico* designa uma população que:

- 1. se perpetua principalmente por meios biológicos;*
- 2. compartilha valores culturais fundamentais, postos em prática em formas culturais num todo explícito;*
- 3. compõe um grupo de comunicação e interação;*
- 4. tem um grupo de membros que se identifica e é identificado por outros como se constituísse uma*

categoria distinguível de outras categorias da mesma ordem (Barth, apud Oliveira, 1976: 2).

As fronteiras entre os grupos étnicos a que Barth se refere são as fronteiras sociais, mas, acredita que elas podem ter contrapartidas territoriais. À medida que um grupo étnico conserva sua identidade, ao interagir com membros de outros grupos, isso se transforma em critérios para manifestar a pertença ou a exclusão àquele grupo. A noção de fronteira étnica, defendida por Barth, trouxe importante contribuição para os estudos acerca de grupos étnicos e para a compreensão dos fenômenos da etnicidade.

A análise da questão da etnicidade, na perspectiva dos dois autores, possibilita uma melhor compreensão a respeito do processo de construção ou preservação da identidade étnica de determinados grupos humanos. Tais análises ajudam-nos, sobretudo, a perceber a dinâmica da formação das identidades. Nesses termos, nos fornecem, igualmente, elementos importantes para compreendermos a noção de comunidade.

A construção da identidade étnica de grupos humanos tornou-se um dos temas mais discutidos atualmente. "Mais do que o 'bom senso' parece ser a identificação étnica a coisa 'melhor distribuída no mundo'⁴⁰". Ela exprime, sobretudo, a tensão que se instaura entre grupos, no confronto por melhores posições na hierarquia social. O que se vê nesse processo é a coesão interna das relações afetivas, englobando o nível de representação social e simbólica do grupo.

Dentre os diversos grupos que buscam a afirmação de suas identidades étnicas, estão aqueles que compõem as comunidades remanescentes de quilombos. Muitas dessas comunidades não são, necessariamente, remanescentes dos antigos quilombos e as que o são, muitas vezes têm dificuldade de encontrar suas raízes históricas. Como nos ensina Funes, *Hoje o termo quilombo foi apropriado e redimensionado por essas comunidades enquanto elemento de identidade e de luta pela terra dos remanescentes* (Funes, 1995: 34).

Assim, muitas comunidades negras vêm buscando, na história de suas raízes, elementos que apontem para uma origem comum de seus habitantes e, dessa forma, procuram se afirmar enquanto grupos étnicos que ocupam um território remanescente de quilombo.

⁴⁰ Afirmação cartesiana, parafraseada por Roberto Cardoso de Oliveira. *Identidade Etnia e Estrutura Social*. São Paulo. Pioneira, 1976.

A identidade histórica de ‘remanescentes de quilombo’ emerge como resposta atual de uma situação de conflito e confronto com grupos sociais, econômicos e agências governamentais que passam a implementar novas formas de controle político e administrativo sobre o território que ocupam, e, com as quais estão em franca oposição (O'Dweyer, 1995: 121).

É nesse contexto de intervenções externas no espaço territorial e na organização interna do grupo, que a comunidade de Conceição das Crioulas responde a essas intervenções com a estruturação de um novo campo de relações de poder e resistência, que começa a adquirir sentido a partir do momento em que esse movimento desperta para uma identidade étnica. Ou seja, passa a se constituir a luta de um grupo que reivindica a identidade de “remanescente de quilombos”, a partir da necessidade, do desejo e da possibilidade de preservar a posse da terra.

A construção da identidade étnica do povo negro de Conceição das Crioulas está intimamente ligada à origem da comunidade (as seis crioulas) e à crença subjetiva (Weber, 1991) da origem comum do grupo, como afirma Dona Maria Antônia: *Aqui é tudo família, a comunidade é toda família, crioula da Conceição; sendo crioula, é tudo família; é um sangue só*⁴¹.

Portanto, entendendo grupo étnico como um conjunto de pessoas cujas crenças se baseiam na origem comum, real ou imaginária, podemos concluir que estamos diante de uma coletividade que responde à sociedade circundante pela etnicidade.

De acordo com Barth⁴², o grupo étnico constitui-se como forma de organização social em que os atores categorizam-se a si mesmos e aos outros com propósito de interação. E assinala que a pertença étnica não pode ser definida senão pela demarcação entre os membros e os não-membros, pois a etnicidade implica sempre a organização de grupos dicotômicos Nós/Eles. Dessa forma, são as categorias de identificação que, através da interação, vão determinar quem pertence ou não ao grupo étnico em questão.

⁴¹ Depoimento prestado para o Mapeamento e Identificação das Áreas Remanescentes de Quilombos, 1998.

⁴² Barth, F. *Grupos étnicos e suas fronteiras*. In: Poutignat, P. e outro. Teorias da Etnicidade. Seguido de Grupos étnicos e suas fronteiras. São Paulo, Editora UNESP, 1998.

Atualmente, na comunidade de Conceição das Crioulas, conforme referido na Introdução deste trabalho, podemos identificar a população tomando como referência, num primeiro momento, aquilo que chamaríamos de dois agrupamentos sociais distintos, embora guardando uma heterogeneidade no seu interior: “remanescentes de quilombos” (recebendo, na nomenclatura local, as designações principais: *negro*, *moreno*, *crioulo*) e os “não remanescentes” (composto por *índio*, *descendente de índio*, ou, ainda, *caboco*; *branco* ou *fazendeiro*). Os do primeiro agrupamento se sentem parte de uma origem comum (a descendência das seis crioulas, fundadoras da comunidade), e, como tais, são identificados pelos “outros”. Para aqueles do segundo, o mito de origem da comunidade não faz nenhum sentido. Eles são também identificados, pelos “remanescentes”, hoje, como: “posseiros”, “invasores” ou “expropriadores” das terras e dos valores culturais dos negros. Conforme afirmou Maria Aparecida Mendes:

*O processo de discriminação. O processo de se tomar foi tão forte, porque além de tomarem nossas terras, quiseram tomar o nosso jeito de ser (...). O resgate da cultura só se deu de uns tempo para cá*⁴³.

Os “remanescentes” mais diretamente ligados ao movimento social de luta pela terra e pelos valores étnicos e culturais do povo negro, preferem identificar-se, hoje, como “negros”. Na compreensão de Givânia⁴⁴, essa identificação se faz independente de a pessoa ter a tonalidade da pele clara ou escura, pois entende que a questão da negritude é uma questão histórica, ligada às raízes de um povo. Ou seja, ser negro é ser e se sentir descendente de negro. Repetindo as palavras de Weber, podemos acrescentar que é ter “a crença subjetiva” (Weber, 1991). No caso de Conceição, como já disse antes, para alguém se identificar como negro é fundamental o sentimento de pertença a um tronco comum, que se traduz, também, como pertença ao grupo das crioulas, isto é, a um povo que “veio das crioulas”. o que faz alguém se sentir negro é o sentimento de pertença ao grupo das crioulas. Como diz Seu Virgínio,

Negro é uma questão de família vem lá dos ancestrais, descendentes de Barnabé, de Virgínio Vicente Gomes, de

⁴³ Depoimento de Maria Aparecida Mendes, em entrevista feita por mim, em 11/01/00.

⁴⁴ Fala de Givânia, durante o I Congresso de Negras e Negros em Conceição das Crioulas.

*Estêvão, de Simão, todos descendentes das crioulas que aqui chegaram*⁴⁵.

Identificar-se como descendente das seis crioulas, é uma das formas pelas quais os remanescentes constroem sua identidade étnica (negra). E, também, na perspectiva de construir uma identidade negra, estão mudando seus hábitos na maneira de se vestir, de pentear os cabelos, adotando alguns vocábulos afro-brasileiros e outros.

É ainda muito comum, os “remanescentes” se identificarem como *nós os morenos*. Quando isso ocorre, há sempre uma preocupação, por parte daquele que assim se expressa, de retificar a expressão: *morenos não, nós somos negros mesmo!* Percebe-se, com isso, que a categoria *negro* nem sempre existiu: é uma construção do próprio Movimento. Constitui-se numa das estratégias de mobilização e diferenciação do grupo dos “remanescentes”, em relação aos "outros".

Para Maria Diva, assumir a negritude é uma forma de diminuir as formas pejorativas com as quais os negros sempre foram tratados:

Se a gente não tiver essa consciência do ser negro, a gente vai admitir as formas pejorativas que dizem com a gente. A gente vai achar que isso é normal, que negro é filho do cão, que o cão é preto, a coisa está preta! Que só é dito quando está ruim. Será que tudo que é preto é ruim? Será que não tem coisas brancas ruins? Se a gente não tiver essa consciência, a gente não vai se auto-valorizar. Sou negro? Sou. Sou capaz? Sou. Sou competente? Sou. Então se a gente não tiver essa consciência, a gente vai sempre acreditar que o outro é mais capaz (...). Mas a gente só vai ter essa consciência se a gente conhecer. E o conhecimento está aí. Então a gente abre, também, uma discussão, para a questão do ser negro não é só uma questão de cor da pele, mas na descendência. Porque, aqui no Brasil e, principalmente na

⁴⁵ Depoimento de Virgínio Vicente Oliveira, prestado ao Projeto Mapeamento e Identificação das Áreas Remanescentes de Quilombos.

*nossa região, é complicado encontrar alguém que não seja afro-descendente. Ai a gente procura assumir isso melhor, pra poder a gente se aceitar, porque se a gente não se aceitar (...)*⁴⁶.

Pode-se observar, nas palavras de Maria Diva, que o seu discurso, assim como os de outros “remanescentes”, coloca a negritude como uma questão de descendência. O que vai de encontro ao que Weber chamou de "crença subjetiva na origem comum". Defende a necessidade da aceitação da negritude como forma de reforçar ou consolidar a "nova identidade". Noutras palavras, tem-se aqui, uma estratégia de redefinição da coletividade. Nesses termos, o depoimento é significativo como expressão do reconhecimento da existência de "imagens negativas", associadas à condição de negros, no contexto anterior ou fora do movimento – *negro é filho do cão, coisa preta, preto, coisa ruim...* Aponta também para a necessidade de uma educação, ou auto-educação, dos indivíduos e do grupo – *se a gente não tiver essa consciência – dentro de um processo em curso – [então] a gente procura assumir isso melhor.*

A meu ver, não se trata apenas de "combater a discriminação de que têm sido vítimas os negros". O depoimento expressa, também, a necessidade de, simultaneamente, se combater a auto-discriminação. Trata-se, pois, de, no interior desse processo, constituir-se como "grupo negro". Portanto, estão presentes aí pelo menos dois "movimentos" concomitantes: um que opera a formação de uma auto-consciência nos indivíduos, e o outro direcionado para a construção de uma comunidade negra.

No momento em que as relações de poder colocam em risco a reprodução de determinadas práticas culturais e ameaça o espaço territorial, a identidade de “remanescente de quilombo” adquire um significado estratégico para o grupo étnico de Conceição das Crioulas. Assim, os negros fazem do mito de origem da comunidade uma luta pelo reconhecimento do direito à propriedade da terra que ocupam.

⁴⁶ Depoimento de Maria Diva, em entrevista feita por mim em 20/04/01.

2. 2. O DESPERTAR DA NEGRITUDE

Ao longo do período que sucedeu a abolição da escravatura, grupos de ex-escravos viveram décadas de "esquecimento" e negação da cultura afro-brasileira. Contribuiu para isso, o sistema político legal, que continuou a ignorar os negros depois da Abolição e da implantação da República. A Constituição Republicana conferiu igualdade de direitos a todos perante a lei, mas limitou a mobilização social dos ex-escravos.

Os negros foram excluídos, também, do acesso à terra, que seria, praticamente, o único meio de produção viável para a sua subsistência, uma vez que não eram qualificados para outro tipo de trabalho. Na verdade, o sistema de acesso à terra no Brasil – disciplinado ao longo de três séculos de Colônia pela instituição das Sesmarias, e, mais tarde, pela Lei de Terras de 1850, associadas a um conjunto de outros mecanismos legais ou consuetudinários – sempre favoreceu a criação de grandes latifúndios e dificultou a formação de pequenas propriedades, onde as classes dominadas, incluindo os negros (que aí se concentram), pudessem sobreviver. Pelo regime de Sesmarias, somente poucas pessoas tinham acesso a grandes extensões de terras. Como nos ensina Faoro,

Foram tantas as liberdades nas concessões das sesmarias, com áreas de 10, 20 e até 100 léguas, com diversas doações a um mesmo requerente, que, em 1822, não havia mais terras para distribuir (Faoro, 1998: 407).

Com o fim das sesmarias, a terra passaria a ser alcançada ou adquirida por herança, doação e ocupação (esta, durante um curto período, garantida pelos Registros Paroquiais). No entanto, com a Lei de Terras de 1850, a propriedade desta ficou limitada ao regime de compra e venda, extinguindo-se o regime de ocupação.

A abolição do regime de escravidão, portanto, pelo menos institucionalmente, pôs aqueles que até então eram escravos, "no mundo dos brancos", em situação de absoluta desvantagem. Ou seja, sem nenhuma indenização, garantia ou assistência. Isso lhes tirava, também, qualquer possibilidade de acesso à terra.

Dessa forma, a Abolição, em termos sociais, repercutiu tragicamente na vida dos negros. Eles, que durante 300 anos, haviam se constituído na principal força de trabalho da sociedade, foram, naquela ocasião, praticamente excluídos do mercado de trabalho. Tal situação se agravava, na medida em que pesava sobre eles enorme preconceito. Todos esses fatos e situações passavam, pois, a repercutir diretamente no quadro das suas relações sociais, fosse qual fosse o espaço de circulação desses negros. Perceber isso nos ajuda a compreender, por exemplo, grande parte dos problemas relativos a emprego, moradia, produção, difusão cultural etc, enfrentados pelos negros que se deslocaram para o Rio de Janeiro, então sede do Império e, logo em seguida, capital da República.

No Nordeste a situação dos ex-escravos também não melhorou. Nessa região, os latifúndios ocupavam praticamente todas as áreas cultiváveis, o que impossibilitava a formação de pequenas propriedades. Em outras regiões, foram poucos os grupos de ex-escravos que tiveram a oportunidade de se estabelecer e cultivar pequenos roçados. O que ocorreu, de modo geral, foi a não integração do negro à sociedade brasileira; pois a Abolição, à medida que não promoveu a integração social do ex-escravo, reafirmou a inferioridade do negro, contribuindo, ainda mais para a sua "marginalização".

Esse contexto de "marginalização" dos negros, associado à inegável miscigenação do povo brasileiro, se constituiu num terreno fértil à difusão da idéia segundo a qual o Brasil vivia uma *democracia racial*, transformada, aos poucos, numa espécie de mito. Apesar de muitos avanços nesse sentido, grupos negros continuam à margem do poder político e econômico desse país. É entre os negros que se encontram as maiores taxas de analfabetismo, de criminalidade e desemprego, expressando o fracasso da sociedade brasileira em cumprir, na prática, seu ideal de *democracia racial*, em que os negros deveriam estar em condições de igualdade com os demais cidadãos.

Para Florestan Fernandes,

(...) enquanto não alcançarmos esse objetivo, não teremos uma democracia racial e tampouco uma democracia. Por um paradoxo da história, o negro converteu-se, em nossa era, na pedra de toque da nossa capacidade de forjar nos

tópicos esse suporte de civilização moderna (Fernandes, 1964: 738).

Da perspectiva cultural, historicamente se constituía e se difundia, desde a época colonial, todo um conjunto de práticas de discriminação em relação aos negros na sociedade brasileira. Desse modo, com a Abolição, as comunidades de ex-escravos, ou de remanescentes destes vivenciam por longo tempo a negação de suas raízes, de sua cultura e de sua identidade étnica. Expressa-se, assim, a desvalorização da cultura afro-brasileira. E, ao mesmo tempo, os próprios negros negavam (ou negam) a sua identidade como forma de amenizar os preconceitos étnicos-culturais a que quotidianamente são submetidos. A comunidade de Conceição das Crioulas é um exemplo disso. A esse respeito, Maria Aparecida Mendes afirma:

(...) infelizmente, por um longo período, tentaram apagar a memória de nossa cultura. Que a gente em termos de dança, eu já conheci todo mundo gostando de forró e discriminando o o o... como é que se chama a dança de índios? O toré, e outras danças de negro. Hoje se tenta resgatar essa cultura, tanto em termo de trabalho, como em termo de dança, de fala, de todas essas coisas. Se tenta resgatar hoje, apesar de ser difícil, muita coisa foi apagada⁴⁷.

Marshall Sahlins (1997) afirma que os povos que sobreviveram ao assédio colonialista não estão fugindo à responsabilidade de elaborar culturalmente tudo o que lhe foi infligido. Eles vão tentar incorporar ao sistema mundial, ou a uma ordem mais abrangente, seu próprio sistema de mundo. Dessa forma, Sahlins acrescenta:

(...) as diferenças culturais que a forma do Sistema Mundial expulsou pela porta da frente retornam sorrateiramente, pela porta dos fundos, na forma de uma contra-cultura indígena "um espírito de rebelião" ou

⁴⁷ Depoimento de Maria Aparecida Mendes, em entrevista feita por mim, em 11/02/00.

algum retorno do oprimido do mesmo tipo (Sahlins, 1997: 55).

No caso específico de Conceição das Crioulas, trata-se não de uma contra-cultura indígena; mas, sim, de uma experiência brasileira, marcada, em primeiro lugar, pela presença de remanescentes de escravos (ou de ex-escravos), e que inclui também elementos de tradições indígenas, conforme referido no depoimento anterior. E, essa experiência que os “remanescentes” buscam, hoje, trazer à tona e inserir na construção de uma identidade negra, que lhes ajudará, também, na luta pela legitimação do seu direito de acesso à terra.

Os movimentos organizados na sociedade brasileira, dentre eles o Movimento Negro, conseguiram significativos avanços na democracia social garantindo, nesses termos, maior participação política do negro na sociedade. Isso contribuiu para que as comunidades negras remanescentes de quilombos saíssem do anonimato social, e começassem a se manifestar como grupo étnico e cultural, além de lutar pela demarcação de suas fronteiras territoriais, conforme lhes assegura o artigo 68 da Constituição Federal.

Os "morenos" de Conceição das Crioulas sempre defenderam seu direito à terra, por acreditar que esta pertencia às seis crioulas, suas antepassadas, embora, por um longo período, tenham negado a sua ligação com um passado escravo.

O Senhor Virgínio afirma que ouvira, por diversas vezes, sua mãe negar essa ligação: *Minha mãe sempre me dizia: meu filho, nós temos essa cor; mas nós não temos nada a ver com escravos.*

Ressalte-se: aqui, a negação da condição de negro associa-se, historicamente, à condição de escravo, por sua vez, interpretada como “coisa”, como propriedade de alguém, etc., com tudo o que daí derivava, nos planos social e cultural. O Senhor Virgínio afirma que, *há tempos atrás*, eles não gostavam de ser chamados de negros ou crioulos. Sentiam-se ofendidos com isso e, preferiam ser tratados como *morenos*, caboclos e outros. Negando-se como negros, portanto, os *morenos* buscavam outras formas de inserção, e, mesmo que inconscientemente, foram construindo, também, outras identidades. Hoje, com o *despertar da negritude*, conforme seu próprio linguajar, preferem identificar-se como *negro*, embora o termo *moreno* ainda seja bastante utilizado.

O *despertar da negritude*, ou da *consciência negra*, na maneira de falar dos remanescentes de Conceição das Crioulas, começou a ocorrer no final da década de 1980. Para isso, contribuiu a inserção de alguns “remanescentes” em movimentos sociais organizados, vindos de fora como o Movimento Negro. Em Conceição, este se articula com o movimento do Sindicato de Trabalhadores Rurais e práticas pastorais da Igreja Católica. Encontram-se, aí, as bases da construção da "comunidade remanescente de quilombos", nos termos em que se expressa, hoje, ali. É assim que vai se construindo esse grupo na busca de sua identidade étnica, incluindo a luta pela terra.

O processo de mobilização da comunidade começou em 1987, com o trabalho de uma missão religiosa das freiras carmelitas, instaladas em Salgueiro, ao qual se integrou a então agente pastoral Creuza Pereira do Nascimento. A missão, através de textos bíblicos, chamou a atenção da comunidade para discutir sua origem e sua história, bem como outras questões do tipo: direitos sociais e preconceito étnico/racial. As missionárias começaram, assim, a conversar com os mais velhos, que através de suas memórias, recontaram a história das seis crioulas que haviam se estabelecido e, com o seu trabalho no cultivo do algodão, comprado aquelas terras, ainda em 1802. Iniciava-se naquela ocasião, também, a construção desse mito de origem que (enfaticamente já referido aqui), passou a ser o principal instrumento de luta pela terra e pela identidade étnica e cultural do grupo.

Naquele momento, o Movimento Negro Unificado (MNU) tomou conhecimento da existência de Conceição das Crioulas e aproximou-se da comunidade. Em 1994, foi realizado o I Encontro de Negros do Sertão, no qual estiveram presentes representantes de entidades negras do Maranhão iniciando-se, assim, uma articulação entre a comunidade de Conceição com o MNU e outros grupos negros⁴⁸.

Começou, desse modo, igualmente, o processo de mobilização pelo reconhecimento daquela área como “remanescente de quilombos”. Givânia e Andreino foram os primeiros a participar de reuniões do Movimento Negro, a manter contatos com comunidades remanescentes de quilombos do Maranhão e trouxeram essas discussões para dentro da comunidade. Givânia identifica aquele período como *de muita efervescência*, onde todos queriam conhecer o mito da origem da comunidade. Semeava-se, ali, todo um trabalho de

⁴⁸ Fonte: Projeto Mapeamento e Identificação das Áreas Remanescentes de Quilombos. FCP/UFAL, 1998.

cunho educativo e político, expresso em um permanente esforço de conscientização, na busca da valorização e auto-valorização do “ser negro”.

Na luta pelo reconhecimento de Conceição das Crioulas como comunidade remanescentes de quilombos, Givânia e Andreino foram a Brasília, tentando legitimar a existência da comunidade. Um pedido de reconhecimento como remanescentes de quilombos foi encaminhado à Fundação Cultural Palmares e esta enviou técnicos para fazer o mapeamento das terras reclamadas. A demarcação das fronteiras territoriais levou em consideração a ênfase dada à escritura da terra das crioulas (desaparecida), que estabelece determinados acidentes geográficos como limites dessa terra, em conformidade com a história oral⁴⁹.

Ressalte-se que, na dinâmica das relações sociais da comunidade de Conceição das Crioulas, hoje, os marcos territoriais, físicos, certamente não têm mais a mesma importância; do mesmo modo que a afirmação do desaparecimento da escritura da terra (portanto, a ausência desta), aos poucos vai se incorporando, positivamente, como um dado significativo na consolidação do mito de fundação da comunidade e na construção de uma consciência dos direitos daí decorrentes.

Embora tenham na posse da terra a principal razão da sua luta, os “remanescentes” afirmam a diferença desta em relação ao Movimento dos Sem Terra (MST):

A nossa luta não é igual ao do Movimento dos Sem Terra. A gente quer a terra, mas é essa terra aqui. E, aí, sem a terra a gente fica presa. Porque a principal atividade econômica aqui é a agricultura e a pecuária. Se eu não tenho a terra, onde vou trabalhar? Aí termina, às vezes, a gente indo por meios ilegais. Aí a polícia vem de lá tome cassete, tome cadeia e ninguém interroga por que essas pessoas foram por esses meios (...). A gente não pode negar que Conceição faz parte do tal polígono da maconha. Não dá pra esconder; isso é público. Aí, a gente fica se interrogando: será que todo mundo que se envolve

⁴⁹ A delimitação dessa área faz parte de um relatório feito pela FCP, tendo como antropóloga responsável a Dra. Vânia Rocha Fialho de Paiva e Souza, publicado no Diário Oficial da União em 11/09/00.

com isso é por vaidade? Ou por necessidade? Porque se está passando fome e não tem outro meio?

A falta de acesso à terra é apontada como a principal causa da fome e da miséria de Conceição das Crioulas e tem servido, também, conforme mencionei antes, para justificar a inserção de habitantes daquela localidade no mundo da contravenção (plantio de maconha).

A inserção de moradores de Conceição das Crioulas em movimentos sociais “vindos de fora”, bem como a “tomada de conhecimento” de expressões desses movimentos em outras localidades, e até em outras regiões do país, foram decisivas para o desenrolar do processo de mobilização dos moradores daquela comunidade, nos primeiros momentos e, posteriormente, para a sua organização como “comunidade negra”, em torno da luta pela terra e pela construção de uma identidade étnica. Simultaneamente, a articulação de elementos internos como a sistematização/repetição da história das seis crioulas; a rememoração da luta de Agostinha Caboclo; a renovação dos laços de parentesco; a reconstituição de fatos que apontam a expropriação e os conflitos, envolvendo “negros” e “fazendeiros brancos” são os principais motivadores e justificadores da luta.

O desejo de construir uma identidade étnica (negra) leva os “remanescentes” a vêem a presença do “outro” (branco) como um problema. O Senhor Virgínio Vicente crescera ouvindo sua mãe negar qualquer ligação com um passado escravo e escondendo a sua negritude. Hoje, no entanto, ele afirma:

(...) eu alcancei meus pais dizendo que Conceição das Crioulas foi começada por crioulos e num existia branco, num tinha esse problema de branco, não, é aí então que é o começo dela, dizem que foi as crioulas não é crioulo, é crioulas! Arrendou esse terreno aqui, um quadro, e foram pagando a renda, fiando uma lâzinha de algodão e foro vender em Flores, lá é que ficaram donas.

A miscigenação dos negros com brancos e índios também não é vista com simpatia por parte dos negros. Segundo o Senhor Antônio Andreilino Mendes (seu Totô), *uma negra chamada Romana foi quem se deitou com branco e com índio, e foi ela quem misturou tudo*

*e teve filho de todo mundo (...)*⁵⁰. Entretanto, o Senhor Totô reconhece a forte miscigenação entre negros e índios; freqüentemente mencionam esse fato, mas negam a presença de brancos: (...) *E nego com índio, é tudo assim, uma mistura, não tem é branco aqui; a gente não conhece branco. Nós num pode nem separar e dizer quem somos nós*⁵¹.

Mediante a análise de depoimentos, percebe-se que o processo de construção da identidade étnica e cultural dos “remanescentes” de Conceição das Crioulas envolve, numa perspectiva histórica: a valorização da negritude, representada não só na cor da pele, mas, também, na maneira de se vestir, pentear os cabelos, no uso de adornos típicos da cultura negra e na adoção de termos *afros* e, através do mito da origem da comunidade, segundo o qual todos os negros são descendentes das seis crioulas fundadoras da comunidade.

A construção da comunidade negra, portanto, vai se fazendo, ali, na afirmação/reafirmação da condição; através de um processo lento de conscientização, expresso, freqüentemente, por meio de uma espécie de convencimento/auto convencimento da condição de negro, que poderíamos denominar, também, construção de uma pertença.

É visível a miscigenação do grupo étnico que compõe a comunidade de Conceição das Crioulas. Encontram-se também, ali, índios. Isso ocorre devido à proximidade dessa comunidade com a tribo indígena Atikum, com quem os remanescentes mantêm contatos freqüentes, principalmente os que moram nas proximidades da Serra Umã, onde habitam muitos Atikum. Ao contrário do que ocorre aos negros, não é freqüente a utilização/auto-denominação “índio” pelos Atikum. Segundo Grunewald (1993: 206),

De fato são raros os Atikum que quotidianamente se dizem índios, preferindo mencionar que estes eram seus antepassados (...) eles se chamam de caboclos e reservam a categoria de índios como forma de garantir o acesso a determinados recursos.

De acordo com Manuela Carneiro (in: Funes, 1995: 323),

(...) em se tratando de uma comunidade que não vive isolada, é inevitável em seu processo de reprodução uma

⁵⁰ Depoimento do Senhor Antônio Andreino Mendes, prestado ao Centro de Cultura Luís Freire – 1995.

⁵¹ Depoimento do Senhor Antônio Andreino Mendes, prestado ao Centro de Cultura Luís Freire – 1995.

interação com outros grupos étnicos, com os quais mantém contato constante.

O sentimento de pertença étnica, centrado na crença da origem comum, desperta o desejo de luta para garantir o direito à terra, já que esta fora um recurso deixado por seus antepassados. E, se esses eram negros (na maneira de pensar do grupo), negros também são seus remanescentes.

2. 3. MEMÓRIA E RELIGIOSIDADE EM CONCEIÇÃO DAS CRIOULAS

“A religião não ‘acompanha’, não ‘explica’, não ‘justifica’ a organização da sociedade: ela é essa organização, em seu núcleo não trivial (organização que inclui verdade, sua própria ‘explicação’ e ‘justificação’). É ela que postula o que é e o que não é pertinente”.

(Castoriadis, 1997:381)

Em Conceição das Crioulas, como em outras sociedades nos mais distantes espaços geográficos ou cronológicos, as crenças religiosas estiveram presentes na cultura de seus povos.

Analisando o mito da origem de Conceição das Crioulas, percebe-se que o catolicismo está presente desde a sua fundação; quando as seis crioulas lá chegaram, começaram a trabalhar e pediram ajuda a Nossa Senhora da Conceição (santa da Igreja Católica), para comprar as terras que ocupavam, erguendo uma capela como forma de agradecimento, após terem alcançado a "graça". A crença na veracidade dessa "graça" faz com que os “remanescentes” sejam devotos fervorosos de sua padroeira. Além de outras expressões, tal devoção se manifesta também na preservação da primeira imagem de Nossa Senhora da Conceição, que, conforme a tradição oral, fora adquirida pelas crioulas. Nas palavras de Dona Liosa: *essa santinha que tem aí ela vei imbarcada, foi Francisco José⁵² qui trouxe ela no colo, Nossa Senhora da Conceição, ele trouxe de Portugal⁵³.*

O espaço religioso é também espaço de eventuais disputas entre "brancos" e "negros" em Conceição das Crioulas. Nesses termos, conta-se que, a partir de 1910, com a penetração de "fazendeiros brancos" no território das crioulas, estes quiseram impor sua supremacia aos negros, interferindo em todos os setores organizados da comunidade.

Segundo Lia:

⁵² Dizem se tratar de um negro que veio da Bahia (em data não especificada) para se juntar ao grupo das seis crioulas.

⁵³ Palavras de Dona Liosa, durante o I Encontro de Negras e Negros em Conceição das Crioulas.

Com o passar do tempo, os brancos conseguiram embelezar os negros, e tiveram local de destaque em tudo aqui: na igreja, no cemitério, no posto de saúde, nas escolas. Hoje, os brancos deixaram suas fazendas e foram morar nas cidades.

Na tradição oral dos "brancos", no que concerne à padroeira do lugar, tudo teria começado com uma promessa feita pela esposa de um certo "fazendeiro", a Nossa Senhora da Assunção. Alcançada a "graça", a devota teria querido mudar a padroeira de Nossa Senhora da Conceição para Nossa Senhora da Assunção. Os "negros", porém, não aderiram, mas, os "brancos", resolveram contrariar a opinião daqueles, realizando uma grande festa, no mês de agosto, em homenagem a Nossa Senhora da Assunção. Diante do impasse, passou-se à realização de duas festas por ano, uma em agosto (mais destacada) e outra em dezembro.

Participando, atualmente, das duas festas, os "negros continuam sem reconhecer Nossa Senhora da Assunção como sua padroeira, e insistem em enfatizar haver sido Nossa Senhora da Conceição que concedeu a "graça" às seis crioulas, suas antepassadas, possibilitando-lhes a compra das terras. É importante não perder de vista o fato de o nome desta santa estar colado ao nome do lugar (é algo fundante), que, hoje, anuncia, também, um lugar social: "terra de negro". Portanto, o nome não se restringe a espaço geográfico ou divisão política (distrital) do município.

A festa de Nossa Senhora da Conceição ela é antiga, mas o pessoal diz que foi por causa de Francisco José, um negro que veio da Bahia e trouxe aquela imagem, aí começou a festa. Com o passar do tempo, uma pessoa trazendo aquela imagem (Nossa Senhora da Assunção), aí mudaram. A festa que era em dezembro, virou tradição ser em agosto. Mas a festa de verdade, a festa das crioulas é em dezembro. Mas para os brancos mandarem, acabou ficando duas festas, sendo a mais destacada em agosto. Mas a padroeira oficial é Nossa Senhora da Conceição,

até por uma razão de lógica, já que aqui é Conceição das Crioulas, a festa dela é em dezembro. Aí ficou, diz que Conceição tem esse nome por conta da imagem e crioula, por conta da liderança das crioulas aqui. Minha vó fala da construção dessa igreja, que era muito interessante par construir isso aqui. Eles se juntaram, naquele tempo, já formavam grupo e trabalhavam. Os homens trabalhando e as mulheres botando água e, quando chegava a hora da construção pegavam uma banda de pífano e enquanto uns trabalhavam, os outros animavam⁵⁴.

As novenas realizadas, a cada ano, no mês de maio, consagrado “mês de *Maria*”; em agosto, em homenagem a Nossa Senhora da Assunção e em dezembro, reverenciando Nossa Senhora da Conceição são os rituais religiosos (católicos) que contam com a maior participação da comunidade. Além do sentido religioso, as novenas representam, também, um importante acontecimento social, contando com a participação dos habitantes da vila e dos “sítios”. Cada noite de novena fica sob a responsabilidade de uma determinada família. Geralmente são as famílias que se apresentam, voluntariamente, para coordenar uma ou mais noites de novena. E, muitas vezes, o fazem como formo de retribuir, à Santa, alguma graça alcançada.

As atividades religiosas de Conceição das Crioulas, usualmente, são acompanhadas de alguma apresentação cultural, de natureza dita diversional, da própria comunidade. Algumas são tradicionais, como a banda de pífano; outras começaram a ser introduzidas a partir do movimento de luta pela terra e construção de identidade étnica e cultural da comunidade, como a dança de São Gonçalo, o Coco de Roda e o Bumba-meu-boi.

O Bumba-meu-boi começou a ser organizado em 1976, pelos moradores do sítio Paus Brancos; entretanto, só veio ter importância para a população em 1993, quando a discussão sobre a etnicidade dos negros já fazia sentido para a comunidade.

A dança do Trancelim é acompanhada de banda de pífano e tem esse nome porque as pessoas vão se entrelaçando como a corrente de um trancelim. Já a dança de São

⁵⁴ Depoimento de Maria Aparecida Mendes, em entrevista feita por mim em 07/09/00

Gonçalo, segundo depoimentos de entrevistados, começou a acontecer, há poucos anos. Eles contam que essa dança teve origem numa época em que as pessoas estavam muito desligadas da Igreja, fato que teria motivado São Gonçalo a chamar o povo, cantando e dançando, e, por isso, os católicos hoje fazem o mesmo. Dela participam homens e mulheres. Estas vestem saias compridas e amarram um pano à cabeça e a dança é acompanhada pelo bumbo da banda de pífano, pela rabeca e o cavaquinho.

A maioria dos “remanescentes” se identifica como católicos. No entanto, quando aprofundi a minha pesquisa, estendendo-a para os “sítios”, percebi que, em Conceição das Crioulas, não há uma homogeneidade de práticas religiosas em torno do catolicismo. Logo na vila encontra-se uma igreja evangélica e, nos sítios, encontram-se vários “terreiros” ou centros espíritas.

É comum a presença de católicos nas casas dos curandeiros(as) ou benzedeiros(as), para resolver problemas de “quebranto” ou “mal olhado”, ou participando dos rituais realizados por pais e mães de santo. Isso torna evidente que o sincretismo religioso faz parte da religiosidade popular daquela comunidade.

Se, em outras comunidades é comum existir esse sincretismo religioso, não me foi estranho encontrá-lo em Conceição das Crioulas, já que se trata de uma comunidade de afro-descendentes, que estão em contatos permanentes com outros grupos étnicos. Ressalto, portanto, que a existência do sincretismo, em si, não se constitui distintividade para Conceição das Crioulas.

Mais interessante e surpreendente, para mim, foi perceber a participação e o interesse dos negros na dança do Toré, um ritual indígena, praticado regularmente nos “terreiros”, por índios e negros, e a ausência das danças do Xangô ou Candomblé. Este é um dado significativo no sentido de nos ajudar a entender a historicidade dos processos de produção da cultura. Refiro-me ao fato de podermos estabelecer associação entre esse dado e as interações sociais entre índios e negras, ao longo do processo de povoamento/ocupação daquela região. Ademais, é significativa, também, a apropriação dessas práticas culturais, pelos negros de Conceição das Crioulas, incorporando-as ao processo de construção da sua identidade étnica. Os remanescentes, estão, a cada dia, introduzindo na comunidade, novas práticas e interpretações culturais que possam, de algum modo, fortalecer a sua

distintividade. Isso aparece, também, na maneira de falar, vestir, no uso de adornos ou moldando um discurso, voltado para o que eles definem como "ter uma consciência negra".

Para compreender, de fato, o processo de construção dessa identidade, em Conceição das Crioulas, é necessário conhecer determinadas práticas ali existentes e mergulhar fundo na memória e nas narrativas de seus habitantes, principalmente daqueles que moram nos sítios mais afastados. Ou seja, os que não estão diretamente envolvidos na luta pela terra e na busca de valores que possam remeter a supostas origens de um "povo negro".

Nos "sítios" mais distantes estão localizados os principais centros espíritas. No Massapê, por exemplo, encontra-se o centro espírita de Dona Rosinha, uma senhora de 84 anos, que se diz "descendente" dos índios Atikum, e diz possuir o dom de fazer garrafadas⁵⁵. Enquanto se dedica à produção das mesmas, Dona Rosinha segue todo um ritual: usa vestes brancas e preserva, na sala de trabalho, um santuário com imagens diversas, confeccionadas por ela mesma, as quais chama de "mestres": Janaína, Juremeira, Montanheira, Gentil, Pena Branca, Mestre do Caroá, Santa Bárbara, Zé Pilintra e outros. Há, também Padre Cícero e Buda.

O centro espírita mais conhecido da região está localizado no Rodeador; é o de Maria Erúcia de Jesus Sá (Dona Bebé, de aproximadamente 45 anos). Dona Bebé identifica-se como índia e afirma ser católica. É professora com formação em Magistério e missionária atuante da Igreja Católica. Segundo Dona Bebé, o fato de ser católica praticante não a impede de realizar, simultaneamente, um trabalho na linha do espiritismo. Até recebe ajuda e incentivo da Igreja Católica nesse sentido. Afirma que os padres não vêem nenhum problema no seu trabalho, já que este é voluntário, em solidariedade às pessoas cuja saúde se encontre afetada por algum problema não resolvido pela medicina convencional.

Dona Bebé explica como realiza esse trabalho:

Eu recebo a incorporação do espírito, aquele espírito trabalha, vai depender da matéria. Como eu sou uma pessoa religiosa, vivo fazendo orações para curas,

⁵⁵ Bebidas cujo conteúdo resulta de uma mistura de ervas – e cujo fabrico envolve segredos, por parte de quem o executa, e requer um saber especializado, popularmente atribuído a certos dons pessoais – para curar alguns males.

expulsar satanás, que muitas vezes chagam pessoas que a gente sabe que ele tá concentrado como o demônio. Eu percebo que ele tá com o demônio porque ele fica com um ar de louco, fica dizendo nome, fica doido. Já recebi pessoas até amarradas em correntes, saltando portas, saltando janelas, quebrando tudo dentro de casa. Não é um problema de doença física, então eu conheço que essas pessoas estão possuídas pelo satanás. E, através das orações, Jesus faz a cura e elas sai bonzinho (...). A maioria dos trabalhos é com ervas medicinais, banhos de limpeza, defumadores, garrafadas como: tamboril, cajueiro, aroeira, umburana de cheiro, alecrim, manjerição roxo, jatobá e samba caitá. Meu trabalho é voluntário, para o bem de todos. Vêm pessoas de vários lugares. Pessoas simples, pessoas de formação, vem todo mundo. Vêm pessoas de Salgueiro, Petrolina, Belém de São Francisco, Mirandiba, Juazeiro da Bahia, Juazeiro do Norte. Eu também saio pra fazer trabalhos fora. Já fiz trabalhos até em Recife. Meu trabalho é simples, porque tenho outras coisas pra fazer. Tenho a escola, a religião, o trabalho pastoral. Muitos procuram o centro quando a medicina não deu jeito. Outros vêm com aquela fé, que se chagar e pedir pra mim rezar, sabe que vai se curar e muitos se curam desse jeito (...)⁵⁶.

A exemplo do que ocorre a Dona Rosinha, Dona Bebé também segue um ritual na realização de seus trabalhos: usa roupas coloridas e preserva no altar de sua sala imagens de "mestres" da Umbanda e santos da Igreja Católica. Pode-se identificar Preto Velho, Iemanjá, Zé Pilintra, Padre Cícero, Cosme e Damião, São Jorge e muitos artefatos e símbolos usados em rituais espíritas tais como: velas, taças com água, fumo e vinho.

⁵⁶ Depoimento de Dona Maria Erúcia (Bebé), em entrevista feita por mim, em 21/04/01.

Tive a oportunidade, também, de observar o trabalho desenvolvido por Dona Bebé com as crianças do Rodeador e de outros “sítios” vizinhos, na escola em que leciona (Escola José Pedro Pereira – sítio Rodeador). Ali, a sua preocupação central, diz ela, é com a de recuperação da cultura indígena:

Os índios lutam pela preservação de sua cultura, como o artesanato de caroá e palha de catolé. Todas as vassouras de palha do comércio de Salgueiro vão daqui, da área indígena. A gente tá buscando com as pessoas mais velhas, que já foram embora, estudar a língua indígena, porque eles perderam. A gente foi buscar um senhor que mora no Belém do Pará e, ele já passou muita coisa pra gente. E, eu estou ensinando pra meus alunos. Em termo de danças, ainda existe muito o Toré nas comunidades⁵⁷.

O sítio Rodeador, onde estão localizados a residência e o centro espírita de Dona Bebé e, também, a referida escola faz parte da área demarcada como terras dos remanescentes. No entanto, Dona Bebé não se sente um deles. Identifica-se como índia e, como disse antes, preocupa-se com o "resgate da cultura indígena". Um aspecto, porém, me chamou a atenção: em nenhum momento de nosso diálogo ela usou o termo “nós” (os índios) e sim “eles” (os índios), ao se referir ao grupo dos Atikum.

Tal fato me sugere uma hipótese que, embora não a desenvolva nesta dissertação, considero oportuno explicitar: afirmar a sua preocupação com o "resgate da cultura indígena", ao mesmo tempo em que, na prática, não se identifica como "índia", seria uma estratégia sabiamente criada por Dona Bebé, no sentido de tentar assegurar, para si e para o grupo ao qual se sente pertencente, um espaço social legítimo – referendado numa espécie de "busca de raízes" ou construção de uma “identidade indígena”? Se assim o for, até que ponto tal procedimento revelaria um "efeito multiplicador" do movimento negro de Conceição das Crioulas?

Encerrando minha permanência no Rodeador, Dona Bebé pediu aos seus alunos que fizessem uma demonstração da dança do Toré, num gesto gentil de despedida. Era um

⁵⁷ Depoimento de Dona Maria Erúcia (Bebé), em entrevista feita por mim, em 21/04/01.

grupo de aproximadamente vinte crianças e adolescentes. E, sem questionar com que etnia se identificavam, observei ali, que todos participavam daquela apresentação, aparentemente, com o mesmo entusiasmo, enquanto entoavam as seguintes "cantigas":

Não me chame de caboco
Que eu não sou caboco não (bis)
Foi o Sol que me queimou
Lá no alto do Sertão (bis)
Valei-me Nossa Senhora
A virgem da Conceição (bis)
Foi o Sol que me queimou
Lá no alto do Sertão (bis)
x-x-x
É Deus no céu e o filho na Terra (bis)
Mas quem é que pode mais
É Deus no céu e o filho na Terra (bis)
Mas quem é que pode mais
x-x-x
Eu tava sentado no pé de juremá
Diga ó senhor mestre pra que mandou me chamar
Eu mandei chamar! Meu filho! (bis)
Pra ajudar nós trabalhar.

Chamou-me a atenção na primeira estrofe a representação subliminar do preconceito em relação ao "caboco". *Não me chame de caboco/ Que não sou caboco não*". Caboco, aqui, está associado à cor (escura) da pele. E logo vem a "explicação": *Foi o Sol que me queimou*. A negação é reafirmada: *eu não sou caboco não*.

Observe-se, ainda na mesma estrofe, associada à imagem preconceituosa, a alusão a Nossa Senhora que, na comunidade negra, hoje, está incorporada à sua história, como parte do mito de origem.

A recorrência à santa pode expressar-se, também, como representação de crença na busca de proteção. E isso aparece também na segunda e terceira estrofes.

Aqui estamos diante de um dado muito importante: uma prática, cuja apropriação pode ser tomada como estratégia de afirmação/construção de identidade⁵⁸. A esse respeito é oportuno perguntarmos: na perspectiva desse processo de conscientização política, voltado para a construção de uma etnicidade, até que ponto o grupo e as lideranças se dão conta dessas ambigüidades e contradições? E, dando-se conta, como conseguem enfrentá-las?

Bartolomeu Medeiros, no seu artigo "Cultura, memória e práticas religiosas"⁵⁹, expressa também inquietações no tocante à influência da Umbanda (religião de origem afro-brasileira) nos centros espíritas de Conceição das Crioulas: *Adianto, apenas, algumas suspeitas sobre a influência dessa religião nas "cantigas", bem como nas entidades invocadas nos rituais de cura* (Medeiros, 1997: 35).

No mesmo trabalho, mais adiante, Medeiros afirma:

Para mim fica clara a influência da Umbanda ou, pelo menos, uma certa coincidência e relação de semelhança com a mesma, pelo teor da letra das cantigas e por conta das entidades recebidas por muitos mediuns. Aliás, essa designação já indica uma aproximação com a nomenclatura umbandista (Medeiros, 1997: 36).

O autor, acrescenta, ainda, que há uma familiaridade de muitos *mediuns*, ou parentes destes, com expressões como: *trabalho da esquerda* e entidades que *vêm da esquerda*. Esse aspecto me chamou, também, a atenção em expressões utilizadas por Dona Bebé, conforme exemplificado no trecho que se segue:

(...) Um dia, um homem me procurou pra fazer um trabalho na linha da esquerda, um trabalho pro mal. Ai eu falei pra ele que eu não fazia esse tipo de trabalho. Ai ele disse: mas por quê? Você num recebe espírito? Ele não é capaz de fazer isso não? Eu não sei, acho que não, porque

⁵⁸ No entanto, eu já havia observado que a categoria "caboco" é utilizada, em Conceição das Crioulas, para identificar índios.

⁵⁹ Artigo publicado no projeto Comunidades Remanescentes de Quilombos no Interior de Pernambuco, coordenado por Bartolomeu Medeiros e Mabel Albuquerque.

*esse espírito que eu trabalho com ele é um espírito de luz,
um espírito bom (...)*⁶⁰.

O próprio termo *Umbanda* é encontrado em “cantigas” entoadas na comunidade. Pedi para algumas pessoas que cantassem alguma “cantiga” que fizesse parte das diversões e brincadeiras da comunidade, e várias pessoas cantaram assim: *Cai na Umbanda é porque eu sei pisar/E o terreiro de Santa Bárbara é preciso respeitar.*

Como se pode constatar, mais uma vez, elementos usados em rituais na Umbanda são encontrados nos "terreiros" e os termos da Umbanda se fazem presentes nas “cantigas”. A meu ver, essa produção cultural revela, desta maneira e de outras, processos interativos nas relações historicamente estabelecidas, entre diferentes grupos étnicos, na área de Conceição das Crioulas. Portanto, ao longo do tempo, vão se constituindo tecidos culturais aos quais a comunidade negra pode recorrer e incorporá-los como elementos significativos para a construção de sua identidade étnica, tendo em vista a luta pelo acesso à terra como seus legítimos donos.

Quanto às histórias orais que ali são contadas, estas estão mais voltadas para o mito de origem da comunidade, principalmente no que se refere à aquisição das terras pelas seis crioulas e ao processo de perda dessas terras por seus descendentes. É raro se ouvir algum depoimento que faça menção a alguma atividade cultural praticada por essas crioulas ou pelos descendentes seus.

Além dos mitos que os “remanescentes” guardam na memória, Conceição das Crioulas possui, ainda, seus heróis (reais ou imaginários), como Barnabé, uma figura lendária que dizem ter existido, em épocas passadas. As narradas alusivas a tais figuras são cheias de aventuras e espécies de super poderes, como expressa Seu Virgínio Vicente:

Barnabé era um nego, pai de meu avô; ele morava em cima daquela serra, né? Ele morava lá e Maurício, o irmão dele, morava naquela ôta. Aí, Barnabé tinha uma bola de jogar. Barnabé largava a mão na bola de lá daquela serra e Maurício tava na ôta serra trabaiano,

⁶⁰ Depoimento de Maria Erúcia Sá (Dona Bebê), em entrevista feita por mim, em 21/04/01.

*quando via a bola, lapiava a mão pra ela voltar. Ai passava o dia trabaiano e bricano*⁶¹.

Outra história que relata peripécias de Barnabé, conta que, de certa feita, trabalhando numa Casa de Farinha, na Serra das Crioulas, estando sozinho, procurava passar o tempo prensando mandioca. Mas, sempre que impulsionava a roda da Casa de Farinha⁶², não atingia a velocidade necessária. Então, resolveu destinar toda a sua força para que aquela peça funcionasse, o que acarretou a saída da roda do seu eixo. Um ano depois, quando caçava na Serra das Crioulas, encontrou a roda dando a última virada no galho de uma árvore.

É através dessa diversidade de elementos que compõem o complexo cultural de Conceição das Crioulas, expressivo de enorme riqueza de vivências e saberes, e das diferenças internas existentes dentro dele, que os remanescentes vão discernindo o que é relevante, ou não, para a sua cultura, enquanto comunidade negra remanescente de quilombo, que busca a afirmação de uma identidade étnica (negra).

2. 4. LUTA PELA TERRA: UMA HISTÓRIA DE MULHERES

Não é por acaso que em Conceição das Crioulas é comum, em qualquer situação, ouvir-se sempre o nome das mulheres em primeiro lugar. Nesse sentido, naquela comunidade, geralmente quando se quer nomear grupos negros, a formulação é a seguinte: "as negras e os negros"⁶³. Um exemplo disso, foi o I Encontro de Negras e Negros Quilombolas em Conceição das Crioulas (fevereiro de 2000). Ali, as mulheres estiveram à frente da coordenação do evento e das discussões (claro, sem excluir a participação masculina).

Em Conceição das Crioulas, a luta pela terra está sendo construída tendo como base representações sociais da história de luta de algumas mulheres. Entre elas, Agostinha

⁶¹ Depoimento do Senhor Virgínio Vicente, em entrevista feita por mim, em 08/09/00.

⁶² Nas casas de farinha do sertão, quando não se dispunha de motor para movimentar a engrenagem que possibilita ralar a mandioca, costumeiramente se adotava a força orgânica (dos homens) para mover a roda que, impulsiona na outra extremidade, uma espécie de roldana com serrilhas, ou o caititu.

⁶³ Em outros espaços, isto é, fora dali, ouve-se com muito mais frequência a referência inversa: "os negros e as negras".

Caboclo e as seis crioulas, que aparecem como marcos do núcleo de descendência, a partir do qual constituem os elementos centrais do processo que vincula os remanescentes à terra, nas representações coletivas.

O papel da mulher é assegurado na descendência. É "nelas que tudo começa": a fundação da comunidade (incluindo a compra da terra), a origem do nome, a defesa do território frente às "invasões" das quais resultaram expropriações; elas também estão presentes na execução e perpetuação de determinadas práticas ou atividades culturais como os ofícios de benzedeira e parteira e a produção de trabalhos artesanais. Mulheres que se dedicam a essas atividades dizem ter aprendido com suas mães ou avós.

Dona Maria Emília (Liosa), além de excelente guardiã da memória de seus antepassados é, também, uma benzedeira que se dedica a rezar em crianças com "quebranto" e "mal olhado".

Liosa afirma que, esse ofício é a continuidade de um trabalho iniciado por suas antepassadas:

A gente aprendeu com nossas avós (...). Elas faziam assim, tinha fé em Deus e diziam assim: 'ói, tome esse remédio qui melhora'. Aí dizia qual era o remédio. Era macela, papaconha... Tinha um aqui que chamava cabeça-de-nego, tinha velam e muitos e muitos remédios⁶⁴.

Reportando-me ao passado, através das representações reproduzidas pelos narradores da história de Conceição, alusivas a mulheres que exerceram liderança naquela comunidade (principalmente das seis crioulas), faço também uma imagem de como seriam essas mulheres: percebo-as como mulheres fortes, determinadas e lutadoras.

Mulheres que não estavam muito apegadas aos ideais da sociedade de sua época, a qual reservava à mulher apenas o direito à vida do lar, ao casamento e aos filhos como fruto dessa união. No entanto, o Senhor Antônio Andreilino Mendes, lembrando o que ouvira falar sobre as primeiras famílias que chegaram a Conceição das Crioulas, afirma: *era Chica*

⁶⁴ Depoimento de Dona Maria Emília (Liosa), registrado em um vídeo produzido pelo Centro de Cultura Luís Freire, 1996.

*Ferreira, foi uma das primeiras a chegar aqui, ela veio grávida de Ana Ferreira, o pai ninguém sabe quem é. Ana Ferreira depois se casou com Chico Gomes*⁶⁵.

Observem-se, neste trecho, dois pontos significativos nessa perspectiva de análise em que se chama a atenção para o lugar de algumas mulheres na história de Conceição: em primeiro lugar, o nome do pai "ninguém sabe" e, em segundo lugar, a prevalência do sobrenome materno (de Ana), mesmo se tratando de uma mulher que se casou.

Sobre Romana, outra mulher apontada como pioneira na povoação de Conceição das Crioulas, o Senhor Antônio Andreilino Mendes fez a seguinte afirmação: *Romana se deitou com branco e com índio e teve filho em tudo quanto é lugar.*

Esses fatos não indicam, no entanto, que essas mulheres desafiadoras de padrões sociais do seu tempo, e guerreiras na defesa de seu território tivessem implícita na sua luta qualquer ideologia feminista ou coisa do gênero. A análise que faço, a partir das representações dos informantes, sobre as mulheres que lideraram no passado, é que estas defendiam os direitos de um grupo que tinha o seu território ameaçado por "pessoas vindas de fora", não se constituindo, naquele momento nenhum movimento feminista, com os significados impressos, por exemplo, às experiências de movimentos de mulheres, na sociedade brasileira dos últimos vinte anos.

No final da década de 1980, os ideais defendidos pelo movimento negro em geral, começaram a penetrar na comunidade e a provocar transformações na forma de ver o mundo ou no pensamento de negras e negros em Conceição das Crioulas. Nesse momento, aqueles que tradicionalmente já lutavam pela recuperação da terra das crioulas, suas antepassadas, alegando ser um direito de herança seu, passaram a entender que de qualquer forma, a terra lhes pertencia, pois eram descendentes daquelas crioulas que provavelmente eram escravas fugitivas, o que lhes abria a possibilidade de serem classificados como remanescentes de quilombos, e como tal, o artigo 68 do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias da Constituição Federal lhes assegurava o direito à posse da terra.

⁶⁵ Depoimento do Senhor Antônio Andreilino Mendes, prestado ao Projeto Comunidades Quilombolas, da UFPE/FACEPE - 1997.

A comunidade começou a passar por intensas inquietações que vieram provocar grandes transformações no modo de pensar daquela gente. Assim, começou-se a se estruturar uma nova luta em defesa da propriedade da terra. Uma luta que passou a contemplar a valorização do “ser negro”, em um contexto, até então, extremamente adverso e, muitas vezes hostil, a essa condição; iniciava-se, assim, a construção de uma identidade negra, processo em meio ao qual surgia também a necessidade de se estabelecer a quem seria, ou não, conferida a identidade de remanescentes de quilombo. Desse modo, fatos antes negados, como a descendência de negros escravos, passaram a ser valorizados por aqueles que, dentro de um processo de conscientização, aos poucos, iam se identificando como remanescentes de quilombos, dando, assim, legitimidade ao movimento.

Esse movimento foi se espalhando, gradativamente, pela vila e pelos vários “sítios” que, no conjunto, formam, como afirmei inicialmente, aquilo que se conhece como Conceição das Crioulas. Foi se construindo, ali, a comunidade e se distinguindo como grupo étnico. Negras e negros, na maioria jovens, começaram a participar das discussões, a mudar seu pensamento e, como eles mesmos afirmam, a "aceitar melhor sua negritude".

Obviamente, desses encontros poderiam surgir lideranças tanto masculinas como femininas. Mas, “por coincidência”, ou para não fugir à tradição, o comando dessa nova luta foi delegado a uma mulher, a professora Givânia Maria da Silva. Nesse movimento a participação dos homens é bastante significativa. Pode-se citar, por exemplo, Andreilino Mendes como um dos mais atuantes; portanto, não são omissos. Mas, em se tratando de atividades como, viagens, preparação de documentos, promoção de eventos cabe a Givânia realizá-las. E, no interior do movimento, em diferentes ocasiões, suas intervenções têm muito peso nas tomadas de decisões da comunidade.

A participação diferenciada desses indivíduos no processo de organização da comunidade é evidente e pode ser compreendida com maior clareza associando-se, por exemplo, histórias e biografias. Nesse sentido, por um lado, temos ali, uma história de ocupação da área de Conceição das Crioulas, que, de diferentes maneiras, reflete a história mais geral de povoamento do território regional ou mesmo da sociedade brasileira como

um todo; temos uma história de inserção daqueles habitantes numa determinada estrutura social, na qual ocupam determinados lugares sociais, enquanto camponeses ou trabalhadores rurais que se relacionam de determinada maneira com os meios de produção etc. Por outro lado, mesmo tomando apenas o grupo dos "remanescentes"; constatamos diferenciações nas biografias, como ocorre em qualquer agrupamento social. Nesses termos, falo de Givânia que, não por acaso, se tornou uma liderança. Conforme referência anterior, nasceu em Conceição, viveu ali sua infância e adolescência, transferindo-se posteriormente para a cidade de Salgueiro, deu continuidade aos seus estudos. Formou-se em Letras, em 1994, e, na sua trajetória de vida, nesse outro contexto, engajou-se em movimentos e organizações como: inserção em atividades sindicais, militância política no PT, atuação no Movimento dos Trabalhadores Sem Terra e no Movimento Negro Unificado. Tudo isso, sem se desligar de Conceição das Crioulas, e semeando, ali, os ideais defendidos por esses movimentos.

Na interpretação da prefeita de Salgueiro Creuza Pereira do Nascimento, *Givânia, hoje, é uma figura de referência internacional*. A sua luta política vai além do movimento de Conceição das Crioulas. Como vereadora, pelo Partido dos Trabalhadores, é bastante articulada à cúpula nacional do Partido e membro atuante do Movimento Negro Nacional, chegando, inclusive, a participar de encontros em países como Estados Unidos e Chile.

Essa liderança de Givânia pode ser analisada de diversas maneiras: a sua capacidade de comunicação que lhe revela como "liderança nata", a sua formação educacional (única pessoa da comunidade, até então, portadora de diploma de curso superior) e a sua inserção nos movimentos já mencionados que lhe dão subsídios para discutir os problemas sociais brasileiros, também vividos pela comunidade de Conceição das Crioulas.

Desse modo, a atuação de Givânia, bem como de outros membros da comunidade foi fundamental para o despertar desse movimento social de luta pela terra e pelos valores étnicos e culturais em Conceição das Crioulas. E é dentro dessa luta que se efetiva a liderança de Givânia, reafirmando, assim, uma tradição de mais de duzentos anos: "O poder da mulher negra em Conceição das Crioulas."

3. LUTA PELA TERRA E CONFLITOS SOCIAIS

3. 1. TERRA DAS CRIOULAS, PATRIMÔNIO DOS NEGROS

As terras adquiridas pelas crioulas – “três léguas em quadro”, conforme Dona Liosa, e 16.865,0678 hectares, conforme mapeamento feito pela Fundação Cultural Palmares – hoje, se constituem no principal elo de coesão entre a população negra distribuída pelos diversos pontos da comunidade. É em torno da luta pela recuperação dessas terras que a construção de uma identidade étnica (negra) começa a fazer sentido para aqueles que se sentem descendentes das seis crioulas.

Ao contrário do que ocorre com o mito da aquisição da terra, que estabelece 1802, como sendo o ano em que as crioulas receberam do "rei" a escritura das terras, não há uma data precisa para o início do processo de expropriação dessas terras. No entanto, a forma como isso ocorreu é sempre repetida pelos “remanescentes”:

(...) Odilonzinho nunca veio na minha casa, veio um dia pra arranjar direito pra João Pompílio pegar as terras desse povo todo. Aí perguntou se eu tinha os papé. Eu disse: ‘eu não tenho, mas a véia Agostinha tem os papé’. Aí eles tiraram todos os documentos. Ói, aqui, nesse taco de chão ele tomou bem uma seis ou sete roça. Minha ele num tomou não, mas desse diabo aí ele tomou (o diabo a que se refere é a sua prima). Tomou a roça dela, tomou de João de Corma, tomou a de Zé Luciano, tomou a de Luiz Simão, tomou a de Barnabé e tomou tudo⁶⁶.

⁶⁶ Depoimento de Antônio Andreilino (Seu Totô), ao Projeto Comunidades Remanescentes de Quilombos, 1998.

É com base nessas representações, produzidas e reproduzidas na memória oral do grupo, que muitas realidades se constroem em Conceição das Crioulas e, através delas, a luta pela terra adquire significado para os negros.

Na ocupação do território, os negros demarcaram espaços para moradia, mas foram privados das áreas de cultivo de onde pudessem tirar seu sustento. Como a base da economia de Conceição das Crioulas está centrada na agricultura de subsistência, um pedaço de terra é o bem mais valioso de todos os que compõem a comunidade. No entanto, nessa localidade, grande parte dos agricultores não possui nenhuma gleba de terra, de onde possa retirar seu sustento.

Os poucos camponeses que estão de posse de um pedaço de terra, não são proprietários legais, pois não possuem escrituras ou outro documento registrado em cartório. Conforme levantamento feito pelos técnicos da EMATER-PE, 1997, o único documento que os camponeses de Conceição das Crioulas possuem é o comprovante de pagamento do INCRA, o que não é suficiente para atestar-lhes a legítima propriedade. Acerca da relação dos trabalhadores com a terra, no Brasil, e da diversidade de formas de definições (classificações) associadas àquela relação, afirma José de Souza Martins:

No Brasil o lavrador que trabalha na terra sem possuir nenhum título legal, nenhum documento reconhecido legalmente e registrado em cartório que o defina como proprietário, é classificado como ocupante da terra, nos censos oficiais, ou como posseiro na linguagem comum.
(Martins, 1995: 103).

Nesses termos, o conceito que melhor se aplica à condição dos negros, enquanto ocupantes das terras de Conceição das Crioulas, é o de posseiro. Porém, na concepção destes, a terra por direito lhes pertence, pois, tendo sido comprada pelas “antigas crioulas”, a terra, constitui-se, hoje, num patrimônio de herança dos negros, e “posseiros” são os “outros”; os “fazendeiros brancos” ou os “brancos” que se apropriaram de suas terras.

Em Conceição, na maioria dos casos, a condição de ocupação da terra pelos “brancos”, em termos jurídicos, é semelhante à dos “negros”, isto é, eles também não possuem escrituras. Os que, as possuem, são classificados pelos “negros” como grileiros.

Dessa forma, para tratarem da condição de ocupação dos “brancos”, no plano local, os “remanescentes” adotam a mesma lógica encontrada também em documentos oficiais e na literatura especializada. Assim, falam ali de duas categorias de “fazendeiros”: posseiros, os que estão apossados das terras mas não têm escrituras e grileiros, os que têm escrituras, mas, que os negros julgam serem falsas.

De acordo com José de Souza Martins (1995: 104),

(...) grileiro é o homem que se assenhoreia de uma terra que não é sua sabendo que não tem direito a ela, e através de meios escusos, subornos e falsificações de documentos, obtém finalmente os papéis oficiais que os habilitam a vender a terra a fazendeiros e empresários.

Em outro trabalho, Martins (1995) afirma:

(...) o grileiro é um autêntico traficante de terras que surge historicamente quando termina o tráfico negreiro no Brasil e cessa, portanto, as atividades dos traficantes de escravo⁶⁷.

Para os “negros” de Conceição das Crioulas, mais forte do que a argumentação de serem remanescentes de quilombos, parece ser a auto-afirmação de sua descendência das seis crioulas que compraram as terras de Conceição em 1802. Com isso, tentam reforçar a idéia de que são os legítimos herdeiros das terras que a elas (crioulas) pertenceram e hoje se encontram sob o domínio de "posseiros" ou "grileiros". Portanto, estão sempre lembrando que as crioulas não venderam as terras, e que eles (os negros) formam expulsos de seus domínios.

O Senhor Expedito afirma que seus antepassados jamais venderam suas terras:

Todos nós fomos tirados de nossas terra. Não venderam. Meu pai, minha mãe, meu avô, minha vó, meu bisavô, toda a descendência, os mais velhos de nosso povo, não venderam, porque não assinaram documento e, não tem nenhum fazendeiro que traga um documento assinado por

⁶⁷ Martins, José de Souza. Os Camponeses e a Política no Brasil. Petrópolis, Vozes, 1995.

meu bisavô, pela minha bisavó ou pelo meu avô ou minha avó. Que nunca existiu venda de terra, as terras foram tomadas⁶⁸.

Se, na década de 1950, Agostinha Caboclo se agarrava a uma suposta escritura para (re)conquistar o direito de acesso àquela terra para si e para outros considerados “herdeiros das crioulas”, nos anos 1980/90, os negros, organizados, se apegam a um "mito de origem" dentro do qual, aos poucos vai se produzindo um sentimento comum de pertença ao grupo "remanescentes de quilombos". Tal sentimento se põe imprescindível na luta que conduz aquela coletividade ao lugar social de legítimos donos das terras de Conceição das Crioulas. Nessa direção, os “negros” procuram construir uma memória, recontando experiências de seus antepassados, imprimindo-lhes novos significados. A propósito, a encenação do processo de fiação, associada ao mito de aquisição da terra – apresentada por Dona Liosa, por ocasião do I Encontro de Negras e Negros de Conceição das Crioulas – expressa bem o que acabo de afirmar:

O seguinte é que esse fio de algodão, eu trouxe aqui pra representar pra nossos companheiro, qui daqui começou a replantação das crioulas. Foi quando elas pagaro a renda fiano o algodão e indo pagar em Flores, ao rei, né? lá tinha que pagar a renda ao rei. Compraro aqui a Conceição das Crioulas, né? Isso aqui é três légua em quadro, pertence a Conceição das Crioulas. Eu digo isso porque minha vó... (pausa), nessa renda qui o rei recebeu, era paga em fio de algodão. As crioula fiano o algodão e indo pagar em Flores. Em Flores, o representante do rei ia transportar para o istrangero. Pra Portugal, é verdade. Assim elas foro pagando a renda e tendo direito em Conceição das Crioulas, isso aqui, elas foro até qui pagaro. Elas num era muita mulher não. Acho qui nem precisa eu publicar o nome de todas elas (...). Eu via

⁶⁸ Depoimento do Senhor Expedito, durante o I Encontro de Negras e Negros Quilombolas em Conceição das Crioulas.

cuma era qui minha mãe dizia, minha avó. Ai eu dizia a ela: 'mãe, me diga uma coisa: nós aqui em Conceição das Crioulas, nós vive sossegada; as crioula hoje num têm a escritura; por que as crioulas num tem a escritura dessa terra?' E, ela me dizem: 'aqui minha fia, aqui é nosso. Hoje, nós num temo a escritura porque somo muito perseguido, mas a escritura dessa terra tá no livro do tombo, pode procurar no livro do tombo qui tá lá'. Ai eu disse: 'me diga uma coisa: o qui é o livro do tombo?' Ela disse: 'é o tribunal dos reis'. Eu fui e procurei: 'me diga onde é qui fica'. Ela foi e disse: 'é no Rio de Janeiro'.

O depoimento de Dona Liosa nos ensina como o grupo de “remanescentes”, hoje, utilizando-se de fios de algodão produzidos pelas crioulas, "no tempo dos reis", vai tecendo sua nova identidade étnica. com os mesmos fios os remanescentes vão estabelecendo conexões entre o "mundo de Conceição das Crioulas" e o "mundo de fora", o "mundo dos reis". É nesse movimento que se vai construindo uma cultura afro-brasileira naquela comunidade, espaço no qual se articulam códigos da tradição das crioulas e códigos da tradição "dos reis".

Para os “remanescentes”, não importa se há controvérsias na forma como a terra foi adquirida, se por compra parcelada ou por "arrendamento"; o que importa é a crença na veracidade do fato de que as terras pertenceram às seis crioulas que deram origem à comunidade da qual se sentem, hoje, integrantes: Chica Ferreira, Mendencha Ferreira, Matilde...

Também não importa, se todos os nomes não permanecem vivos na memória oral; o que importa são as realidades que se constroem a partir da crença na existência e na luta daquelas seis crioulas, de cuja história se sentem continuadores.

Para o Senhor Virgínio Vicente Oliveira, morador do sítio Lagoa,

(...) num precisa documento melhor qui a Conceição das Crioulas, só esse nome, Conceição das Crioulas, na

*realidade é porque as crioulas tinham esse patrimônio. E hoje por que não temos? Foram tomadas. E esse nome Conceição das Crioulas, teve alguém qui quis mudar esse nome*⁶⁹.

Certamente o nome Conceição das Crioulas é um elemento fortalecedor da história contada pelos “negros”, em relação à propriedade da terra e, portanto, fortalecedor da luta que os move hoje. Integrando, pois, essa luta a partir do processo de construção de uma memória coletiva, o nome é deslocado para a fundação da comunidade negra, operando-se, ai, uma atualização de significado. Essa ressignificação é incorporada pelo grupo étnico como elemento de uma cultura afro-brasileira, naquela comunidade.

É nessa perspectiva, que o processo de construção de uma identidade negra é utilizado pelos remanescentes na sua luta pelo direito à terra, conforme lhes assegura o Artigo 68 do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias: *Aos remanescentes das comunidades de quilombos que estejam ocupando suas terras é reconhecida a propriedade definitiva, devendo o Estado emitir-lhe os títulos respectivos.*

Para a afirmação da comunidade como remanescente de quilombo e para o processo de demarcação das terras, a história das crioulas está sendo de fundamental importância. Dessa forma, a cada momento, os “negros” fazem questão de lembrar a fundação da comunidade pelas crioulas, e também a forma como ocorreu a sua expropriação pelos "fazendeiros brancos".

Segundo contam alguns “remanescentes”, enquanto a invasão de territórios indígenas, por parte dos "brancos", ocorreu com cenas de violência e de forma brusca, a expropriação dos “negros” de Conceição, também pelos "brancos", ocorreu de forma gradual e, aparentemente, pacífica. A propósito do primeiro caso, o trecho que se segue ilustra a experiência dos índios Cariri na região:

(...) Antônio da Cruz Neves, fazendo-se acompanhar por homens armados, trabalhadores e escravos, munido de víveres, armas e ferramentas agrícolas, atacou os

⁶⁹ Depoimento do Senhor Virgínio Vicente, durante o I Encontro de Negras e Negros em Conceição das Crioulas.

*silvícolas, apossando-se de uma vasta gleba, onde fundou a primeira fazenda, a quem denominou de Quixaba*⁷⁰.

No que concerne aos “negros”, Virgínio Vicente diz:

*Eles chegavam e pediam: 'me dê aqui esse pedaço pra eu fazer um curral, deixe eu colocar o gado aí (...)' já aqueles tolos já davam os filhos pra eles ser padinho, aí eles iam entrano, se apossando (...), depois dizia: 'me venda dez braça (...)', isso até por um pedaço de queijo, um quarto de boi. E, assim, foi indo, eles sabidão, e os moreno tudo dormino. Aí foi... eles ficaro cum tudo e nós quase nada*⁷¹.

Dona Toinha, 60 anos, reforça o pensamento de Seu Virgínio, afirmando:

*(...) eles chegavam cum os bichinho fraco, aí nesses lugar tinha muito pasto, hoje, aqui, num tem mais não, praque tá nas mão dos fazendeiro, mas vinham cum animal, cum gado, pra fazer queima de mandacaru e macambira pra dar os bichos. Aí, nisso, eles foro ficano né (...) João Pompílio era uma pessoa pobe, já o irmão dele Zé Nel, morava ali numa fazenda, se apossando dos pedacinho de terra. Aí ele num tinha nada, ele era pobe, só tinha uma vaquinha. Aí o pai dele foi morar lá mais ele, nós era quem butava água pra eles, ele foi tomando de conta, foi se apossando cum isso ficou rico*⁷².

Em entrevista que me foi concedida pela viúva e a filha de José Nel de Carvalho (Zé Nel) – citado por Dona Toinha como um dos "posseiros" das terras dos negros – obtive as seguintes informações:

(...) meu marido morava aqui desde que nasceu, em 1919, e eu sou de 1912. Ele herdou essas terra do pai dele.

⁷⁰ Fonte: Série Monografias Municipais - Salgueiro. Governo de Pernambuco, 1982.

⁷¹ Depoimento prestado ao Projeto Mapeamento e Identificação de Áreas Remanescentes de Quilombos.

⁷² Depoimento de Dona Maria Antônia, em entrevista feita por mim em ,08/09/00.

Eu tenho uma filha em Salgueiro, é ela que toma conta dos papéis da terra (Tereza Alves de Carvalho, 88 anos, viúva de Zé Nel)⁷³.

Maria Alves de Carvalho, 52 anos, filha de Zé Nel e fazendeira no sítio Paula, diz não gostar da idéia de suas terras estarem dentro da área dos remanescentes:

Tem essa história no mundo, que essa terra é dos moreno, mas meu avô só morou aqui porque comprou. Veja bem: quando eu ouvia os outros conversar, eu escutava o que os outros diziam. Meu avô foi quem comprou isso aqui pra os filhos; ele comprou essa, e quando eu olhei na escritura, falava na Serra da Boa Sorte, que é aquela ali. Agora, essa escritura mais pra cá era feita à mão (...) a escritura falava naquele lado de lá e tudo, como ele comprou e veio morar aqui, já tinha nego habitando lá. Ele nunca gostou de questão com os negros (...) ai ficou, eles morando lá e nós do lado de cá. Desse lado (direito) tinha uma linha, agora desse outro (esquerdo), não. Ficou desmantelado desse lado porque os negros, não tinha condição de trabalhar, num tinha gosto com nada, e meu avô era muito trabalhador, ele mesmo foi quem fez essa casa! Ai uma geração de caboco que tinha aí deixou meu avô tomar de conta de um pedaço de terra e fazer o que quisesse (...). Eu nasci e me criei aqui, num tô gostando nada dessa história, meu ramo de vida é fazenda mesmo. Eu nunca sai daqui, deixei de estudar na Escola Normal e moro aqui, tenho meu gado, meus bode (...). Aqui tá perdendo o valor, todo mundo tá querendo ser maconheiro, tem um homem da Conceição preso, foi inventar de plantar maconha (...). Meu pai nunca perdeu na questão, porque o povo aí da Paula, as.

⁷³ Depoimento de Dona Tereza Alves de Carvalho, em entrevista feita por mim, em 07/09/00.

cabocas velhas – não tem mais nenhuma viva – foi quem deu a terra a ele pra trabalhar. Ai quando os mais novos deram parte as benfeitorias valiam mais que a terra".

Destaquei alguns trechos do depoimento de Dona Maria Alves de Carvalho, por considerar algumas afirmações contraditórias. A princípio, ela afirma que seu avô só morou naquelas terras, porque havia comprado. Mas admite que em determinada área da terra, já havia negros morando e, em seguida, afirma que “uma geração de caboco” consentiu que seu avô tomasse conta de um pedaço de terra e, por fim, reconhece que seu pai só não perdeu a questão com os negros, porque foram as caboclas velhas, já falecidas, quem deram a terra para ele trabalhar. Assim, quando os negros mais novos reclamaram o direito à terra, as benfeitorias feitas por seu pai, José Nel de Carvalho, já superavam o valor da terra.

Analisando as duas versões – branca e negra – observa-se que há pontos de convergência entre elas. Se houve compra, pode, também, ter havido apropriação indevida, o que colocaria esses fazendeiros na condição de posseiros ou grileiros, como afirmam os negros. Para a remanescente Maria Aparecida Mendes (Lia),

(...) a grilagem cartorial é uma questão, aonde o pessoal diz, que eles têm o documento, que a terra é escriturada, aí tio Virgínio chega e diz: ah! essa escritura é falsa! Ela não existe. Então, já havia uma escritura e de repente se criaram novas escrituras. Isso se denomina grilagem cartorial. Alguém pede a alguém prá fazer um documento sem o consentimento do verdadeiro dono, foi o que eu pude entender da leitura que fizemos sobre grilagem cartorial⁷⁴.

O Senhor Manuel Leite, 90 anos, de cor branca, nascido em Floresta/PE e criado em Conceição das Crioulas, onde ainda reside (à época da pesquisa), é um dos que, embora não sendo proprietário de nenhuma fazenda, sequer incorporou a linguagem atual da

⁷⁴ Fala de Maria Aparecida Mendes, durante o I Encontro de Negros e Negros Quilombolas em Conceição das Crioulas.

comunidade e se recusa totalmente a aceitar que os “negros” tenham direitos sobre as terras:

(...) Diz que essas terra é dos nego, eu num faço é aquerditar. Qui do jeito qui contam também num é verdade. Diz qui os nego arranjaro essas terra fiano algodão prá vender. Nesse tempo num tinha algodão! O algodão foi estabelecido de vinte prá cá. Esses nego, qui tinha aí num trabaiava (...) coisa inventada eu num aquerdito nisso. Digo aqui e digo em todo canto. Num sou iscritura de Conceição praque num sou papé mas... quando eu entendi de gente aqui só tinha a Igreja e uma casinha ali onde hoje é o telefone, era umas barraquinha de paia, de barro. Eu nunca vi falar nisso e hoje... O dono era o veio Simão que era chefe dos nego (...) e os ôto, os brancos já tinha terra aqui. Tinha os Uria, que era dono dessa casa grande qui é hoje a cadeia, chegaro aqui eu era minino (...) Agora eles (os negros) dizem qui os branco tumaro, mas é mintira; os branco num tumaro. Agora eles se aquexe dos avô deles qui vendia por um quarto de carne de uma nuvia. Tem terra aí que foi feito o negócio um quarto duma vaca. Um caba num pegou e deu 25 braça de terra! Hoje eles diz que João Pompílio roubou! Mas é mentira deles! (...) Ele comprava e pagava, agora fosse lá de qui diabo de jeito fosse (...) eu acho mei difiço os branco intregar as terras pros negros⁷⁵ (grifos meus).

Neste depoimento do Senhor Manuel Leite, sublinhei pontos que considero importante analisar. Primeiro, observe-se que ele cita o “negro Simão” como um dos antigos proprietários de Conceição das Crioulas, mostrando, com isso, que os negros, realmente já possuíram terras. Segundo, chamo a atenção para a afirmação segundo a qual

⁷⁵ Depoimento do Senhor Manuel Leite, em entrevista feita por mim, em 06/09/00.

os negros vendiam as terras até *por um quarto de uma vaca*. Neste ponto coincide com o depoimento do Senhor Virgínio (negro), citado anteriormente, no qual admite, que os negros vendiam as terras até *por um pedaço de queijo, um quarto de boi*. Por fim, Seu Manuel afirma que o fazendeiro João Pompílio havia comprado as terras, *fosse lá de qui diabo de jeito fosse*, o que dá margem a muitas interpretações, como, por exemplo, a realização de negócios escusos.

O depoimento do Senhor Manuel Leite é significativo, nesta análise, também para representar a visão de um “não-remanescente”. Nesses termos, complementa a breve identificação do informante, antecedendo a citação de sua fala. Claramente, o Senhor Manuel não tem o sentimento de pertença e se opõe ao mito fundador da comunidade negra.

A inserção de seu depoimento nos ajuda a identificar diferenciações internas, entre moradores de Conceição das Crioulas, bem como, nos possibilita compreender melhor certas tensões presentes nas relações do grupo negro com outros grupos, ali mesmo, que, de um modo ou de outro, repercutem na construção de sua identidade e, também, na luta pela terra.

Para os “remanescentes”, os seus direitos sobre Conceição das Crioulas são incontestáveis, conforme afirma Severino José Pereira:

Conceição das Crioulas nasceu dos negros e pobre, então ninguém rico, nenhum deputado, nem o presidente da República tem o direito, nem o poder de chegar aqui tirando nossos direitos, tirando nosso sangue, limpando nossas raízes. Por que? Porque tudo que existe aqui, nesse lugar, são dos negros; eles trabalharam, ganharam e compraram⁷⁶.

Depoimentos indicam que a história dos “negros” de Conceição das Crioulas não é contada a partir da resistência negra, mas do mito da aquisição da terra. E que, a luta pela posse da terra, hoje, é muito mais do que a busca de um direito a ser restituído aos negros. Ela é sinônima de liberdade e de consciência étnica.

⁷⁶ Depoimento de Severino José Pereira, durante o I Encontro de Negras e Negros em Conceição das Crioulas.

Como afirmou Cícera, *precisamos lutar para ficar liberos de qualquer preconceito (...). Sabemos que somos negros, descendentes de negros e devemos saber o que é ter consciência negra*⁷⁷.

Isso mostra a complexidade do fenômeno e a multiplicidade de variáveis constitutivas do movimento de Conceição das Crioulas, sendo que uma análise minuciosa de cada uma, não caberia neste trabalho. Em síntese, eu diria apenas que isso é um movimento social de luta pela terra. Não por qualquer terra, mas pela “terra das crioulas”, um patrimônio dos negros.

⁷⁷ Depoimento de Cícera, durante o I Encontro de Negras e Negros Quilombolas em Conceição das Crioulas.

3. 2. A TERRA E OS CONFLITOS SOCIAIS

A terra, ou mais propriamente, a relação dos homens com a terra é, com frequência, um dos elementos que mais influenciam na concepção de mundo das comunidades rurais. O não-acesso ou a dificuldade de acesso tem provocado, ao longo dos tempos, diversas lutas camponesas contra a dominação de fazendeiros e coronéis ou contra a expropriação de camponeses por grandes proprietários, grileiros e empresários.

Conforme a memória dos “remanescentes”, as relações entre estes e os proprietários das áreas circunvizinhas sempre foram marcadas por hostilidades que se manifestavam na disputa pela terra ou em outras questões onde houvesse divergências de idéias ou opiniões entre os grupos.

Um acontecimento muito presente na memória social do grupo é o que eles denominam de "Guerra dos Urias", ocorrida por volta de 1920. Trata-se de um conflito armado, entre os negros de Conceição das Crioulas e a família Urias, "brancos, vindos de Floresta”(PE), que teriam comprado um terreno na região, onde se fixaram e, aos poucos, foram tentando exercer uma hegemonia sobre os negros. Em depoimento prestado pelo Senhor Virgínio Vicente, ele revela alguns detalhes que ouvira de seus pais sobre a referida guerra:

A Guerra dos Urias, é que eles eram de Floresta, chegaram aqui através de Pedro da Luz, aí foi comprano esse terreno, tinha uns criatório qui dava prejuízo nos roçados dos ôtos, tal. Até qui Januário (negro) matou uma crição deles. Ele (o líder dos Urias), achou muito ruim, e veio diretamente pra matar Januário! Aí ele disse - sabe que vai morrer hoje Januário? - É se chegou a hora. Aí levantou o punhal pra largar no véio. Aí o irmão dele (Januário) chegou. Então começou tudo. Esses Uria foram arranjar gente lá pro Cabrobó, cangaceiros né? Aí, os ôtos (negros), também foro arranjar gente daqui de Conceição, da Serra Umã, de Santana e foro guerrear.

Esse Pedro da Luz, fazia qui tava dum lado e tava do ôto! É tanto que esses Uria saíram se arrastano daqui (...) o Zé Simão, era meu tio, nessa questão toda, ele deitado, aí qui os Uria chegaro assim na porteira de casa e dissero: 'cum esse aí ninguém bole, esse aí é um porco no chiqueiro. Vamos perseguir os ôto'⁷⁸.

O Senhor Manuel Leite, 90 anos, afirma haver presenciado grande parte dos acontecimentos que fizeram a "Guerra dos Urias" e relata alguns, com riqueza de detalhes:

O véio Uria era subdelegado, aí proibía dos caba andar armado aqui, né? Aí entrou um rapaz com uma pistola, uma carrunfona assim, entrou por ali, aí o fio dele (Urias), disse: 'anda um caba armado aí'. Ai ele disse: 'vamo tumar!' Ele mais os fio, foi o cumeço da questão. Entraro na bodega: 'me dê essa pistola! Você num sabe qui num é pra andar armado aqui!' Aí tomáro, né. Aí Zacarias (negro), qui era dono da pistola, tinha um fio qui morava numa fazenda aqui perto, né? O caba veio esperou ele (Urias) e atirou. Mas a arma era fraca, num rompeu, ficou dento. Também num tinha dotô. Eu conheci Salgueiro sem nenhum médico. Vinha de Crato, de quinze em quinze dia. Bem, por aí cumeçou a questão. O camarada (filho de Zacarias) atirou em Gercino, que era fio de Uria e Uria ajuntou um bucado de caba e fizero dois grupo'⁷⁹.

Os depoimentos do Senhor Virgínio e do Senhor Manuel Leite, divergem em relação ao episódio que deu início à chamada "Guerra dos Urias". Mas, ambos mostram que a mesma deu-se através de muitas batalhas, e que nesse conflito existiam dois pólos antagônicos: de um lado estava o grupo dos Urias, formado por pessoas que vieram de fora, que queriam exercer o poder e estabelecer a ordem em Conceição das Crioulas e, de outro,

⁷⁸ Depoimento do Senhor Virgínio Vicente, em entrevista feita por mim, em 08/09/00.

⁷⁹ Depoimento do Senhor Manuel Leite, em entrevista feita por mim em, 11/01/00.

estava o grupo dos negros que não aceitavam viver sob a ordem e a dominação imposta pelos Urias.

Depoimentos indicam que, dentre os conflitos sociais que envolvem “negros” e “brancos”, em Conceição das Crioulas, boa parte está relacionada à disputa pelas terras adquiridas pelas seis crioulas (ou, compradas pelos “fazendeiros”, dependendo da versão).

O Senhor Antônio Andrelino Mendes relembra sua luta contra o fazendeiro João Pompílio, para não perder suas terras:

Eu dei uma viagem, daqui em Salgueiro, a pés. Caminhava a noite todinha de a pés. Porque ele ia lá em Salgueiro e chegava lá dizia que arranjava uma ordem lá com o juiz pra eu ir amanhecer; às dez horas pra eu tá lá. Eu num tinha carro, eu ia de a pés. A felicidade foi que não encontrei nenhuma cobra. E ele deu parte de eu porque eu num queria dar as minhas roça, nem queria fazer do jeito que ele queria. Graças a Deus ele nunca pegou terra minha não. Eu tenho uma lá em cima do serrote, ele entendeu de tomar mas não deu certo porque eu não queria dar as minhas roças, nem queria fazer do jeito que ele queria. Graças a Deus ele nunca pegou terra minha não. Eu tenho uma lá em cima do serrote, ele entendeu de tomar mas não deu certo porque tiraram a linha lá do meio do Poço Verde⁸⁰ (grifos meus).

Observe-se, na interpretação do Senhor Antônio Andrelino, uma disputa entre indivíduos, em função do acesso à terra; e, em relação a essa disputa, insinua-se a ocorrência de tratamento jurídico. Porém, a rigor, o que se percebe nas entrelinhas deste depoimento são representações de uma relação desigual: o "fazendeiro" que dizia que *arranjava uma ordem lá com o juiz*.

Atente-se também para representações que evocam uma espécie de auto-entrega do informante ao acaso ou à sorte: “A felicidade foi que não encontrei nenhuma cobra” e,

⁸⁰ Depoimento prestado ao Centro de Cultura Luiz Freire, 1995.

"Graças a Deus ele nunca pegou terra minha". Pode-se mesmo dizer que o depoimento aponta para uma despolitização da luta pela terra, naquele momento.

O Senhor Moisés, 78 anos, revela também o conflito pela terra, ao mesmo tempo em que refere o silêncio dos supostos dominados. Atente-se também para a evocação de diferenciações, em termos de lugares sociais e grupos:

Num tempo do Coronelismo que sacanagem eles faziam. Eles botava linha de norte a sul e os pessoal num dizia nada. Ficava tudo caladinho, todas essas terras era tudo cercada. Ói, nesse tempo Pedro da Luz lutou muito mais esse povo. Naquele tempo esse pessoal que morava aqui era quase como escravo, ele fazia o que queria⁸¹ (grifos meus).

Assim, Pedro da Luz é visto como um coronel, embora não se possa aplicar nesta análise, a partir daí, o conceito de coronelismo; o informante não se sente integrante da comunidade negra. A referência "esse povo", aponta, sutilmente, a existência de um "eu" diferente de "eles", que formavam "os pessoal", os mesmos "caladinhos".

O Senhor Serafim complementa, introduzindo referências à presença de "representantes indígenas" no cenário:

E inclusive eu via dizer que, minha vó falava que essas terras ele (Pedro da Luz) pediu pra o pai dela que era índio. Ele pediu pra botar logrador e o coronel vendia e depois pedia outra terra pra botar logrador. E assim ia, segundo a história que minha vó contava⁸².

O coronel Pedro da Luz é uma das figuras do passado mais presentes na memória do grupo. Tornou-se lembrado por ser considerado, pelos "remanescentes", como um dos seus principais expropriadores e pelas atrocidades que cometia, tratando de forma grosseira e desumana todos os negros, e também, brancos que fossem empregados seus, segundo se conta.

⁸¹ Depoimento prestado ao projeto Comunidades Remanescentes de Quilombos no Interior de Pernambuco.

⁸² Depoimento prestado ao projeto Comunidades Remanescentes de Quilombos no Interior de Pernambuco.

Maria Aparecida Mendes (Lia) repete o que ouvira a sua avó falar a respeito desse coronel: *minha vó chamava ele de coronel Pedro da Luz; este, além dos outros, pelo que a minha vó dizia, ele foi, assim, um dos piores. Um dos que chegou arrasando mesmo*⁸³.

Dona Maria Antônia, 60 anos, lembra as "atrocidades" que os brancos cometiam contra os negros, pra arrancar-lhes as terras, em um passado não muito distante (década de 1960):

*Já houve de tudo aqui; meu marido foi preso dentro dum quarté véio; pra que? Pra roubar as iscritura das tia dele, pra intregar a eles (os “brancos”). Meu marido foi preso, aqui dentro dessa Conceição num quarté véio qui tinha bem ali. Foi ele e um primo dele e outros qui também já morrerro. Eles queriam forçar eles roubar, aí prendero*⁸⁴.

Esse impasse entre “brancos”, proprietários de fazendas vizinhas e os “negros” de Conceição das Crioulas acabou por atribuir à escritura da terra das crioulas (que referem com freqüência) um caráter quase mítico, que passou a ser compartilhado pelos “remanescentes” envolvidos no processo de construção da identidade do grupo e na luta pela terra.

O Senhor Antônio Andrelino, em entrevista concedida aos pesquisadores do Centro de Cultura Luiz Freire (1995), fez referência também ao processo de expropriação a que os negros de Conceição continuam sendo submetidos, envolvendo um vereador de Salgueiro: *(...) essa terra de Chicola não foi comprada, foi tomada; tomaram a roça de Luciana, de Antônio Rosa, a roça de Luiz Simão.*

A terra a que se refere o Senhor Antônio Andrelino fica bem próxima à vila, sendo que os moradores desta, também, disputam com Chicola o controle das águas do açude, que o mesmo tentava utilizar para o consumo dos animais de sua fazenda e para irrigar seus plantios, e foi impedido pelos negros.

⁸³ Depoimento de Maria Aparecida Mendes, em entrevista feita por mim, em 11/01/00.

⁸⁴ Depoimento de Dona Maria Antônia, em entrevista feita por mim, em 08/09/00.

Para defender-se das acusações feitas pelos negros e mostrar que as terras são realmente suas, Chicola ignora o próprio nome *Conceição das Crioulas* e nega o mito de fundação da comunidade:

*Quem chegou primeiro aqui na região da Conceição das Crioulas foram os fazendeiros Ancilon Alencar e Livino Alencar (seus antepassados), que eram donos das fazendas Bezerra e Mocambo; eram os fazendeiros mais antigos da região*⁸⁵.

Segundo os “remanescentes”, esse conflito com Chicola não é recente. A disputa teve início com seu pai, Odilonzinho, a quem o senhor Antônio Andreino fez referência anteriormente. Odilonzinho era um “fazendeiro” da família Alencar, considerada, pelos negros, uma das que mais tomou suas terras.

Francisco de Assis Alencar (Chicola) é vereador pelo município de Salgueiro, tendo em Conceição das Crioulas o seu principal reduto eleitoral e na líder negra Givânia sua maior adversária política. Em eleições anteriores (1996, por exemplo), Chicola obteve expressiva votação. Mas, na última, sua votação teria sido bem inferior à de Givânia.

Maria Aparecida Mendes (Lia) se refere a Chicola da seguinte forma:

*O Francisco Alencar é hoje um vereador da comunidade e através dele, muita gente acabou ficando assim, uns contra os outros na própria comunidade. De bom ele não fez nada pela comunidade, mais foi muito bem votado (refere-se às eleições de 1996). Não sei, mas acho que ele tirou mais voto do que Givânia*⁸⁶.

Se os conflitos em torno da questão da terra em Conceição das Crioulas, pelo menos aparentemente, diminuíram de intensidade nas décadas de 1970/80, nos anos noventa ressurgem entre os "remanescentes negros" e os "fazendeiros". Nesses termos, se

⁸⁵ Trecho de depoimento do Senhor Francisco de Assis Alencar (Chicola), prestado ao Centro de Cultura Luiz Freire, 1998.

⁸⁶ Depoimento de Maria Aparecida Mendes, em entrevista feita por mim, em 11/01/00.

apresentam como variável a acentuar a complexidade dos processos de construção de uma memória da comunidade negra, tendo em vista a conquista do direito de acesso à terra.

Maria Diva relata o que vinha acontecendo após a titulação da terra em nome dos negros, ocorrida em julho do ano 2.000:

O movimento de Conceição das Crioulas tem gerado grandes choques ideológicos. Logo no início foram ameaças de todas as formas, por parte dos fazendeiros. São cinco os fazendeiros das maiores propriedades. O fazendeiro João Pompílio Filho, principalmente, é um dos que está apavorando. Já foi na delegacia; Givânia já foi na delegacia e há ameaças também. Agora cria-se duas correntes, quando eles viram que a terra tava titulada em nome dos negros; e quando a gente diz negro, é todo o povo que vive aqui; aí, os fazendeiros começaram a dizer que quem não fosse negro ia perder a terra, sair de seus lugares e a terra ia ficar concentrada nas mãos desse grupinho (habitantes da vila) aqui, o que não é verdade⁸⁷.

Acrescenta, ainda, que os habitantes de uma comunidade localizada dentro da área dos remanescentes, que se identificam como índios, não estão satisfeitos com a titulação da terra em nome dos negros. Reproduzindo as palavras de Maria Diva:

Tem uma comunidade no sentido norte, que eles se identificam como índios, mas não é índio puro, também é negro. Aí, fica essa história que o povo aqui da vila vai lá pro Rodeador tomar as terras dos outros negros que estão lá, porque também são negros que estão lá! Então, tem uma liderança lá que é muito influente nessa história (...). Na medida em que você tá unido, fortalece mesmo, mas, se divide, começa a perder a força. Aí, nesse momento, eu vejo isso, nosso grupo dividido em duas correntes: os índios e os.

⁸⁷ Depoimento de Maria Diva, em entrevista feita por mim, em 21/04/00.

*negros. Os que se assumem como índios achando que os negros vão tomar o espaço deles, e isso é uma contradição. Então, os fazendeiros acham isso bom. É só pra dizer assim, divide e eles vão ficar brigando e vamos ganhando tempo (...)*⁸⁸

Chamo a atenção, mais uma vez, para a complexidade do processo de organização dos negros na busca de construção de uma identidade étnica. Observe-se, por exemplo, a dificuldade em se delimitar fronteiras dos grupos (Barth, 1998), considerando-se, aqui, índios e negros. Associada a este aspecto, uma certa imprecisão no uso da noção de comunidade ("a comunidade dos negros", "uma [outra?] comunidade "que se identifica como índios"). Um terceiro aspecto, também ligado ao primeiro: uma espécie de inconsistência ou ambigüidade em relação à identidade étnica, expressa na referência ao "índio [que] não é índio puro".

A liderança a que Maria Diva se refere é a Senhora Maria Erúcia de Jesus Sá (Dona Bebé), proprietária do centro espírita do sítio Rodeador, já mencionada em outra passagem deste trabalho.

Ao mencionar o movimento organizado pelos “negros”, Dona Bebé fez o seguinte comentário:

(...) os negros sempre estavam agindo bem, mas, agora, houve uma divisão de terras, num sabe? E as terras dos negros que é os quilombos, essas áreas indígenas foram atingidas. Mas os índios não querem aceitar, eles querem livrar que a demarcação não atinja a área indígena. Aí a gente tá fazendo esse trabalho com a FUNAI, já fomos no Recife, agora vamos em Brasília e vamos defender as terras dos índios (...). Os índios já têm uma reserva, fica na Serra Umã, mas que ela vai até a Serra Urubu e a linha passa até Conceição das Crioulas mesmo. Mas as

⁸⁸ Idem.

*áreas indígenas já são demarcadas; vão permanecer indígena*⁸⁹.

Esse depoimento me levou a refletir sobre a afirmação de Albuquerque (1997), citada no primeiro capítulo desse trabalho: (...) *Em geral, para resistir aos conflitos inevitáveis, índios e negros se uniram contra o inimigo branco* (Albuquerque, p. 15).

E, percebo que essa aliança entre negros e índios, pelo menos à época da minha pesquisa, não estava existindo. Tampouco os índios, ali, se sentiam remanescentes de quilombos. Assim, a minha hipótese é de que as [desejadas?] relações amistosas, conforme afirmavam alguns “remanescentes” existir entre negros e índios, se existiam, começavam a estremecer.

O trecho do depoimento de Dona Bebé é rico em alusões a tensões sociais entre grupos. Ademais, aponta também para a existência de "fragilidades" ou "opacidades", em relação ao suposto sentimento de pertença, além da já referida dificuldade acerca da demarcação de fronteiras entre tais grupos.

A propósito das relações entre negros e índios, Maria Aparecida Mendes afirma:

*Eles sempre viveram aqui em plena harmonia. Nunca tiveram diferença. Nunca houve briga entre negro e índio não. Porque os brancos chegavam aqui, assim, pra acabar, mas os negros e os índios sempre viveram, assim, em pela harmonia (...). Pela cor da pele e pelo cabelo, dá pra perceber que houve muita miscigenação entre negro e índio e pouco branco. Eu não conheço nenhum branco que seja daqui mesmo. Graças a Deus hoje são poucos os brancos morando aqui. Mas que os donos dessas fazendas são todos brancos*⁹⁰.

Um ano e três meses após o registro deste depoimento, já havendo concretizada a titulação da terra em favor dos negros, as relações entre as duas categorias já não se mostravam tão "harmoniosas" assim. No entanto, o que preocupava os

⁸⁹ Depoimento de Maria Erúcia de Jesus Sá, em entrevista feita por mim em 21/04/01.

⁹⁰ Depoimento de Maria Aparecida Mendes, em entrevista feita por mim, em 11/01/00.

remanescentes não era a questão dos índios, mas as ameaças que as lideranças negras vinham sofrendo, por parte dos “fazendeiros”. De acordo com Maria Diva,

(...) as pessoas que são mais vistas, mais manjadas, nesse processo, são Givânia e Andrelino; principalmente nessa questão da terra é Givânia que tá na frente mesmo. Porque tudo o que acontece, pra eles é culpa de Givânia. (...) As ameaças Givânia registrou. Inclusive no dia que houve uma audiência, eles (Givânia e Andrelino) foram ameaçados dentro da delegacia; o fazendeiro ameaçando mesmo! O delegado registrou, testemunhou⁹¹.

Devido à inserção de Givânia em movimentos de dimensões nacionais ou internacionais, as ameaças sofridas por ela e por outras lideranças de Conceição das Crioulas, começam a preocupar aqueles grupos de defesa dos direitos humanos. A esse respeito, a prefeita de Salgueiro, Creuza Pereira Nascimento, revelou:

Na luta dos negros e, notadamente hoje, a gente não pode esquecer a figura de Givânia; Givânia, hoje, é uma figura internacional. Recentemente, quando ela esteve no Chile, ela fez uma denúncia de um certo fato. Porque ela começou a receber ameaças por conta da luta pela posse da terra. E o movimento internacional de direitos humanos, mandou um documento para a polícia daqui, pra ouvir Givânia, saber o que tinha acontecido e dar proteção a Givânia⁹².

Devido ao processo de expropriação sofrido pelos negros remanescentes de Conceição das Crioulas, hoje são poucas as glebas de terra às quais eles têm acesso. Como a terra para os camponeses de modo geral é considerada uma forma de "vida", pois é dela que tiram o seu sustento, os negros camponeses têm a luta pela terra como uma das principais bandeiras de seu movimento. As ameaças quase sempre assustam, mas, não os

⁹¹ Depoimento de Maria Diva, em entrevista feita por mim, em 20/04/01.

⁹² Depoimento de Creuza Pereira do Nascimento, em entrevista feita por mim, 19/04/01.

faz recuar. Ao contrário, prosseguem na luta, quem sabe, fortalecidos pelo sentimento do "nós" como no trecho que se segue:

A luta vai continuar em torno da terra, porque a gente tem o título, mas não tem a posse da terra. E, a nossa luta agora é para que, de fato, venha pra nossas mãos, e, isso, tem gerado, assim polêmicas sérias⁹³.

⁹³ Depoimento de Maria Diva, em entrevista feita por mim, em 20/04/01.

3. 3. SITUAÇÃO ATUAL DA POSSE DAS TERRAS

Em relação à ocupação e ao uso das terras de Conceição das Crioulas, verifica-se ser a população negra é quase que totalmente desprovida do usufruto das terras, sendo os moradores da vila, aqueles que mais sofrem a privação desse meio de produção. Tal situação leva os “negros” a adentrarem as matas, fazendo seus roçados nos pés-de-serra e, em alguns casos, utilizando até áreas da reserva indígena Atikum – localizada entre Conceição das Crioulas e o município de Carnaubeira da Penha/PE – com a implantação de práticas agrícolas ou a extração de matéria-prima para confecção do seu artesanato.

Os negros que moram nos sítios têm o domínio de pequenas glebas de terra, onde fazem seus roçados e criam porcos, galinhas e bodes. Mas, em alguns casos, a área destinada ao plantio não é suficiente. A estes, também, só resta recorrerem a locais distantes de suas moradas para cultivar seus plantios. Essas terras, quase sempre, são cheias de pedras e praticamente impróprias para a agricultura.

Há um conjunto de onze fazendas, sob o domínio de “brancos, e mais algumas pequenas propriedades, que se encontram em posse dos negros, todas inseridas na área considerada como “terras dos remanescentes de quilombos”, de acordo com o relatório feito pela Fundação Cultural Palmares e publicado no Diário Oficial da União, em 11 de setembro de 1998, sob parecer de número 008/FCP/MINC/98, delimitando uma área de 16.865,0678 hectares.

A demarcação da área territorial mapeada pelos técnicos da Fundação Cultural Palmares foi feita com a ajuda dos próprios “remanescentes”, levando em consideração o conhecimento destes em relação às terras das crioulas, que, segundo informam, correspondem a uma área de “três léguas em quadro”. Antes da chegada dos técnicos, os negros já haviam elaborado a sua proposta de demarcação, baseando-se em determinados acidentes geográficos para estabelecer os limites das “terras das crioulas”, conforme indica a história oral. Esses pontos foram: a serra das Princesas, Jatobá, terras indígenas Atikum, serra Redonda, serra Urubu, chegando novamente à serra das Princesas. O relatório publicado no Diário Oficial explicita limites e confrontações: Norte, sítio Queimadas; Leste, FUNAI; Sul, Simão Davi e outros; Oeste, fazenda Bezzerro e outros.

Feito o levantamento territorial, e aprovado este pela Fundação Cultural Palmares, o passo da comunidade seguinte foi encaminhar o pedido de titulação definitiva da terra ao Governo do Estado de Pernambuco, o que foi aprovado e assinado pelas partes: União Federal, através da Fundação Cultural Palmares, representada por sua presidenta Dulce Maria Pereira; do outro lado, a Associação de Moradores do Quilombo de Conceição das Crioulas, representada por sua presidenta Givânia Maria da Silva. Esse documento é datado de 14 de julho de 2.000 e registrado no Cartório de Registro de Imóveis em Salgueiro, às folhas 013 do Livro número 2-AE, e o Registro número R-1-7.403, datado de 17 de julho de 2.000⁹⁴.

A posse de tão vasta extensão de terra, pela comunidade de Conceição das Crioulas, supõe-se, trará profundas modificações no modo de vida de seu povo. Os negros passarão de uma situação de privação quase total do livre uso da terra, para a situação de pleno acesso a esse meio de produção, o que, poderá exigir dos “remanescentes” a organização

⁹⁴ Em abril de 2001 (período em que encerrei a coleta de dados para este trabalho), a luta dos remanescentes estava sendo pela posse definitiva das terras, o que dependia de um processo de negociação entre o Governo do Estado e os “fazendeiros”. Para isso, o Governo teria contratado uma equipe especializada à qual solicitara um levantamento cartorial, a fim de verificar quem tinha escritura das terras e quais as benfeitorias nelas existentes, devendo, em seguida, iniciar o processo de indenização e desapropriação. A princípio, a idéia de receber indenizações do Governo pelas terras, teria feito com que vários fazendeiros não reagissem diante da titulação das terras em favor dos negros remanescentes. Isso porque, fatores como o declínio da cultura do algodão e as freqüentes secas, além de outros, deixariam as terras bastante desvalorizadas. Ademais, várias dessas fazendas encontravam-se, na ocasião, abandonadas pelos herdeiros dos antigos proprietários, que, segundo se dizia, preferiam a vida nos centros urbanos a se dedicar a uma propriedade rural. Esse abandono deixaria as terras vulneráveis ao plantio da maconha, nas áreas mais isoladas. Comentava-se, igualmente, não ser projeto do Governo indenizar todas as terras desapropriadas, mas, tão somente aquelas, cujas escrituras fossem reconhecidas como legítimas. Em outros casos, seriam indenizadas as propriedades que tivessem benfeitorias como casas, açudes, cercas ou fruteiras. Como poucas propriedades atendiam a esse critério, os fazendeiros já começavam a resistir em entregar as terras. Das grandes fazendas de Conceição das Crioulas, ainda se encontravam ocupadas: a fazenda do sítio Paula, onde residem a viúva e a filha do fazendeiro José Nel de Carvalho; a fazenda Lagoa, ocupada pelos herdeiros de João Pompílio e a fazenda Conceição, próxima à vila, de propriedade do vereador Francisco de Assis Alencar (Chicola), que, mesmo residindo em Salgueiro, estava sempre presente na fazenda, onde possui criação de gado. As demais fazendas, encontravam-se praticamente abandonadas.

de uma nova forma de produção, cujos resultados possam ser apropriados, igualmente por toda a comunidade.

A partir da posse da terra, os negros remanescentes esperam poder desenvolver um projeto de "agricultura coletiva" que está sendo gestado pela comunidade, cuja viabilização exigirá outros tipos de apoio por parte do poder público. Nas palavras de Givânia, *a terra é uma isca; com isso aqui, nós vamos ter que brigar por outras coisas que nós não temos*⁹⁵. Ao que Maria Diva acrescenta:

*Não é só que a terra chegue em nossas mãos, mas, também, condições pra que a gente trabalhe essa terra, senão nada vai adiantar. Falta a questão do incentivo agrícola pra que a gente faça essa terra produzir, que a maioria da terra é improdutiva*⁹⁶.

E Andreelino Mendes complementa:

*A gente quer que a terra venha acompanhada de assistência, de política agrária, onde a gente possa ter uma assistência para produzir (...), para ver se a gente tem condição de no futuro trabalhar sem ter que tá mendigando favores pra ninguém, para que possamos ter a nossa condição de sobrevivência. Essa é nossa luta nesse sentido*⁹⁷.

O depoimento de Andreelino deixa transparecer um desejo interno da comunidade de Conceição das Crioulas em se tornar econômica e politicamente independente. Ou seja, que os negros consigam um espaço verdadeiramente seu, longe das usuais práticas de dominação às quais têm sido historicamente submetidos os camponeses no Nordeste brasileiro e, em particular, um espaço no qual sejam vistos sem o estigma étnico, tendo em vista que,

(...) a luta dos negros africanos e dos seus descendentes brasileiros foi, ainda é, a conquista de um lugar e de um

⁹⁵ Depoimento de Givânia, em entrevista feita por mim, em 07/09/00.

⁹⁶ Depoimento de Maria Diva, em entrevista feita por mim, em 20/04/01.

⁹⁷ Depoimento de Andreelino Mendes, em entrevista feita por mim, em 13/02/00.

papel de participante legítimo na sociedade nacional.
(Ribeiro, 1998: 220).

Nesse sentido, acredita Creuza Pereira do Nascimento que, em Conceição das Crioulas, já foram dados os primeiros passos:

(...) hoje, o estigma contra a comunidade de Conceição das Crioulas está sendo vencido, porque eles estão se auto-afirmando. Mas, houve um tempo, em que corria, aqui na cidade, na boca dos políticos, a seguinte afirmação: se eu soubesse que os negros de Conceição eram tão baratos, eu comprava pra fazer sabão. Então, era a idéia de coisa mesmo, e não de gente. No entanto, eu acho que você viu que o pessoal de lá é inteligente⁹⁸.

⁹⁸ Depoimento de Creuza Pereira do Nascimento, em entrevista feita por mim, em 19/04/01.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho, procurei contar a história da população negra de Conceição das Crioulas, dando ênfase à sua organização na luta pela posse das terras que ocupam e pela construção de uma identidade étnica e cultural, processo ainda em curso, iniciado no final da década de 1980.

A compreensão desse movimento implicou, ao mesmo tempo, uma reflexão sobre o passado daqueles negros, focalizando, de modo especial, aquilo que denominamos mito de fundação da comunidade negra. Para isso, foram fundamentais os depoimentos de pessoas da comunidade, principalmente das mais idosas, que, através de suas memórias, me possibilitaram essa compreensão.

Contam os mais velhos que Conceição das Crioulas foi fundada no "tempo dos reis". Para os mais jovens, principalmente os envolvidos na atual luta pela posse da terra, esse "tempo dos reis" corresponde ao final do século XVIII.

A construção de representações daquele período, por parte da comunidade, tem como marco referencial a suposta existência de um documento datado de 1802, mencionado insistentemente pelos "antigos", que diziam os já falecidos e dizem outros, hoje, tratar-se da escritura das terras compradas pelas seis crioulas "no tempo dos reis". Ainda de acordo com essa tradição oral, as crioulas teriam pago essa compra com o seu próprio trabalho, isto é, fiando algodão para vender:

Pagaro a terra fiano; fiano e indo vender em Flores, caminhando de a pé até chegar lá (...) elas pagaro essa terra depois de paga o rei mandou escriturar; isso foi em 1802; quem fez a escritura foi Pedro José Delgado, escrivão da Torre⁹⁹.

Ainda de acordo com a memória oral, faz parte da história de Conceição das Crioulas a luta tradicional da mulher pela posse da terra e em defesa do povo negro. A partir

⁹⁹ Depoimento de Antônio Andreino Mendes, em entrevista feita pelo jornalista Adécio Vasconcelos para o Programa "Campo Livre", TV local.

do que contam os “remanescentes”, podemos dizer que a atuação feminina aparece notadamente nos seguintes momentos: "no tempo dos reis", quando as seis crioulas lutaram para comprar a terra; num segundo momento, que vai da década de 1950 até o final dos anos 1980, marcado pela luta de Agostinha Caboclo para recuperar para si e para os seus "parentes" as terras que lhes haviam tomado os "fazendeiros brancos"; num terceiro momento, através do movimento em curso, iniciado no final da década de 1980, em que aparece a figura de Givânia Maria da Silva como a principal articuladora da luta pelo reconhecimento da comunidade como remanescente de quilombos.

Nesta dissertação, no entanto, analiso, de forma específica, o último momento da história de Conceição das Crioulas, encontrando ali toda uma gama de elementos que evidencia a complexidade desse movimento. Nesse sentido, enfatizo a organização dos negros remanescentes na luta pela posse da terra; associada a ela, a construção de uma história de Conceição, contada a partir da memória oral – narrativas dos "antigos" – da qual os habitantes se apropriam para reforçar a sua condição de “remanescentes”. Assim, por esse caminho, ocorre, simultaneamente, a construção de uma identidade étnica do grupo, através da conscientização/ auto-conscientização da aceitação de sua negritude, da apropriação de elementos significativos da cultura afro-brasileira como: vestimentas, adornos, danças, cânticos e religião; demarcação das fronteiras territoriais e sociais entre este e os demais grupos étnicos.

A todo esse movimento, acrescentam-se, ainda, os conflitos gerados entre os "negros" e os "brancos" e, ao que me parece em menores proporções, envolvendo também "índios", na disputa pela terra; além da dificuldade de se estabelecerem fronteiras bem precisas entre esses grupos.

Para concluir, nem tudo foi dito, aqui, sobre Conceição das Crioulas. Muito ainda há de ser contado sobre sua história, a sua gente e sua luta. A complexidade desses movimentos e dessas situações não caberia trabalho. Entretanto, espero que outros estudos venham a ser realizados sobre essa comunidade e, que possam acrescentar, ou esclarecer questões eventualmente ambíguas.

BIBLIOGRAFIA

- ALENCAR, Francisco et. al. História da Sociedade Brasileira. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1995.
- AMORIM, Mirtes Mirian. Labirintos da autonomia: a utopia socialista e Imaginário em Castoriadis. Fortaleza: Edições UFC, 1995.
- ANDRADE, Manuel Correia de. Abolição e Reforma Agrária. São Paulo: Ática, 1997.
- BARTH, Fredrik. In: Poutignat, Philippe. Teorias da etnicidade. Seguindo de Grupos étnicos e suas fronteiras de Fredrik Barth/Philippe Poutignat, Jocelyne Streiff-Fenart. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1998.
- BOURDIEU, Pierre. O poder simbólico. Rio de Janeiro: Bertand Brasil, 2.000.
- BOSI, Ecléa. Memória e sociedade: lembranças de velhos. São Paulo: T.A. Queiroz, 1983.
- CALMON, Pedro. História da Casa da Torre. IN: ANDRADE, Fábio Bezerra e SILVA JÚNIOR, José Alfredo. Comunidades Remanescentes de Quilombos no Interior de Pernambuco. Recife: UFPE, 1997.
- CASTORIADIS, Cornelius. As encruzilhadas do labirinto II: os domínios do homem. São Paulo: Paz e Terra 1987.
- DAVIS, Darien J. Afro-brasileiros hoje. São Paulo: Sammus, 2.000
- ELIADE, Mircea. Mito e realidade. São Paulo: Perspectiva, 1991.
- _____ Mito do eterno retorno. São Paulo: Mercuryo, 1992.
- FARIAS, Sérgio Luís Rolemberg. A Ressurreição dos Mocambos de Portal da Folha: etnicidade como fonte de mobilização política e Reencarnação cultural. Dissertação de Mestrado. Fortaleza, UFC, 1997 (mimeo).
- FAORO, Raymundo. Os donos do Poder, volumes 1 e 2, 13ª edição. São Paulo: Globo, 1998.
- FERNANDES, Florestan. A integração do negro na sociedade classe. São Paulo: Ática, 1964.

- FREYRE, Gilberto. Casa Grande & Senzala. Rio de Janeiro: Record, 1998.
- FUNES, Eurípedes Antônio. "Nasci nas matas, nunca tive senhor": história e memória dos Mocambos do Baixo Amazonas. Tese de Doutorado. São Paulo, USP, 1995 (mimeo).
- GEERTZ, Clifford. A interpretação das culturas. Rio de Janeiro: Zahar, 1989.
- GORENDER, Jacob. A escravidão reabilitada. São Paulo: Ática, 1991.
- GRÜNEWALD, Rodrigo de Azevedo. Regime de Índio e faccionismo: os Atikum da Serra Umã. Rio de Janeiro: Museu Nacional/UFRJ, 1993.
- GUSMÃO, Neusa M. Mendes de. TERRA DE PRETOS, TERRA DE MULHERES: terra, mulher e raça num bairro rural negro. Ministério da Cultura/FCP, 1995.
- JONGE, Klass de. África do Sul: apartheid e resistência. Editora Cortez: EBHO, 1991.
- LEVIS-STRAUSS, Claude. Antropologia Estrutural dois. São Paulo: Tempo Brasileiro, 1978.
- LIMA, Marcos Galindo. Ocupações Pré-Históricas em Conceição das Crioulas-Salgueiro/PE. Dissertação de mestrado. Recife, UFPE, 1997 (mimeo).
- MARTINS, José de Souza. O poder do atraso: ensaios de Sociologia da História lenta. São Paulo: Hucitec, 1999.
- _____. Os camponeses e a política no Brasil. Petrópolis: Vozes, 1995.
- MEDEIROS, Bartolomeu Figueirôa e ALBUQUERQUE, Mabel Ann Black de (organizadores). Comunidades remanescentes de quilombos no interior de Pernambuco. Recife: UFPE, 1997.
- O'DWYER, Eliane Cantarino (org). Terra de quilombos. ABA. Imprensa DECANIA CFCH/UFRJ, 1995.
- OLIVEIRA, Pêrsio Santos de. Introdução à Sociologia. São Paulo:

- Ática, 1998.
- OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. Identidade etnia e estrutura social. São Paulo: Pioneira, 1976.
- PAIVA, Ricardo. Como era lindo o meu Salgueiro. Recife: Bagaço, 1995.
- PILETTI, Nelson & PILETTI Claudino. História e Vida, volume 2. São Paulo: Ática, 1998.
- PRIORI, Mary Del. Mulheres no Brasil Colonial. São Paulo: Contexto, 2.000.
- REIS, Elisa (org). Política e cultura: visões do passado e perspectivas contemporâneas. São Paulo: Hucitec, 1996.
- REIS, João José e Gomes, Flávio dos Santos (organizadores). Liberdade por um fio: história dos quilombos no Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- RIBEIRO, Darcy. O povo brasileiro: a formação e o sentido do Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- RODRIGUES, Nina. Os africanos no Brasil. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1932.
- SALES, Celecina de Maria Veras e outras. Feminismo: memória e história. Fortaleza: Edições UFC, 2.000.
- SAHLINS, Marshall. O "Pessimismo Sentimental" e a experiência etnográfica: por que a cultura não é um "objeto" em via de extinção. IN: MANA – estudos de Antropologia Social. Rio de Janeiro: PPGAS/UFRJ, abril, 1997.
- SANZONE, Lívio. Objetos de Identidade negra: consumo, mercantilização, globalização e a criação de culturas negras no Brasil. IN: MANA – estudos de Antropologia Social. Rio de Janeiro: PPGAS/UFRJ, abril, 2.000.
- SCHWARZ, Lilia Moritz e REIS, Letícia Vidor de Sousa (org.). Negras imagens. São Paulo: Editora Universidade, 1996.
- SCISÍNIO, Alaôr Eduardo. Dicionário da Escravidão. Rio de Janeiro: Léo Christiano, 1997.
- SODRÉ, Nelson Werneck. O que se deve ler para conhecer o Brasil. Rio de Janeiro: Bertrand, 1988.
- SOUZA, Vânia Rocha Fialho de Paiva (antropóloga responsável). Projeto

mapeamento e identificação das áreas remanescentes de quilombos

(Conceição das Crioulas). Recife: FCP/ UFAL, 1998.

STÉDILE, João Pedro. A luta pela terra no Brasil. São Paulo: Página Aberta, 1993.

POUTIGNAT, Philippe. Teorias da Etnicidade. Seguido de Grupos étnicos e suas fronteiras de Fredrik Barth e outros. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1998.

THOMPSON, J. B. Ideologia e cultura moderna. Petrópolis/RJ: Editora Vozes 1995.

REVISTAS, JORNAIS, ARTIGOS, VÍDEOS, DOCUMENTOS, ETC.

- Constituição Federal de 1988. Rio de Janeiro: FAE, 1989.
- Dossiê Povo Negro- Revista USP, nº 28. Dezembro / janeiro / fevereiro. Dezembro/janeiro/fevereiro.
- Jornal DJUMBAY: informativo da comunidade negra. Nº 23, ano IV, 1996.
- Projeto vida de negro - Frechal: terra de preto. Quilombo reconhecido como Reserva Extrativista. São Luís: SMDDH/CCN-PVN, 1996.
- Projeto vida de negro - Jamary dos Pretos - Coleção Negro Cosme volume II. São Luís: SMDDH/CCN-PVN, 1998.
- Revista Palavra. Ano 02, nº 13 - Editora Gaia Ltda. Maio, 2.000.
- Revista Veja. Ano 33, nº 45 - Editora Abril. 08 de novembro de 2.000.
- Salgueiro - Série Monografias Municipais. Governo de Pernambuco, 1982.
- Vídeo: Conceição das Crioulas. Secretaria de Educação e Cultura. Salgueiro/PE, 1990.
- Vídeo: Conceição das Crioulas - vestígios de quilombos. Centro Cultural Luís Freire, 1996.

ANEXOS

Mapa 1

Mapa 2

Mapa 3

